

Almir Almeida de Oliveira
Dariana Nunes dos Santos
Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
(Org.)

O português brasileiro falado em Alagoas

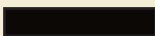



EDuneal

Almir Almeida de Oliveira
Dariana Nunes dos Santos
Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
(Org.)

O PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO EM ALAGOAS

Volume I



Arapiraca/AL
2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

Reitor: Odilon Máximo de Moraes

Vice-Reitor: Anderson de Almeida Barros

Diretor da Eduneal: Renildo Ribeiro-de-Siqueira

CONSELHO EDITORIAL DA EDUNEAL

Presidente: Renildo Ribeiro-de-Siqueira

Titulares

Professores:

José Lidemberg de Sousa Lopes

João Ferreira da Silva Neto

Luciano Henrique Gonçalves da Silva

Natan Messias de Almeida

Maria Francisca Oliveira Santos

Márcia Janaina Lima de Souza - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Suplentes

José Adelson Lopes Peixoto

Edel Guilherme Silva Pontes

Maryny Dyellen Barbosa Alves Brandão

Ariane Loudemila Silva de Albuquerque

Ahiranie Sales dos Santos Manzon

Elisângela Dias de Carvalho Marques - Sistema de Bibliotecas (SIBI)

Planejamento do Projeto gráfico e diagramação

Mariana Lessa de Santana

Capa

Marseille Evelyn Santana

Revisão

Rodrigo Severiano dos Santos

Catálogo na Fonte

P853 O português brasileiro falado em Alagoas / Almir Almeida de Oliveira, Dariana Nunes dos Santos, Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima (Org.). – Arapiraca : Eduneal, 2025. 324 p. il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-6061-046-0.

1. Variação linguística. 2. Português. 3. Alagoas. I. Oliveira, Almir Almeida de, org. II. Santos, Dariana Nunes dos, org. III. Lima, Jeylla Salomé Barbosa dos Santos, org.

CDU: 372.880.690

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

Este livro homenageia linguistas alagoanos pioneiros em contribuições para a compreensão da variação linguística no estado, na figura central da Profa. Dra. Denilda Moura.

Autores

Adeilson Pinheiro Sedrins
Alan Jardel de Oliveira
Aldir Santos de Paula
Aline Bezerra Falcão
Almir Almeida de Oliveira
Ana Maria Santos de Mendonça
Carlos Álack de Lima
Dariana Nunes dos Santos
Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória
Fabrício de Lima Goes
Geicilayne Tavares Pelayes
Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
Kaliane Silva de Souza
Marciana da Costa Carlos
Maria Helena Menezes de Souza
Paloma Evelin Franca Santos
Priscila Rufino da Silva Costa
Renata Livia de Araújo Santos
Selma Cruz Santos
Solyany Soares Salgado
Stephanie Maiane dos Santos Leite
Suziane de Oliveira Porto Silva
Waldenia Maria da Silva

Organizadores

Almir Almeida de Oliveira
Prof. Dr. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus III –
Palmeira dos Índios/Al

Dariana Nunes dos Santos
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus V –
União dos Palmares/Al

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus IV – São
Miguel dos Campos/Al

Editores responsáveis

Almir Almeida de Oliveira
Prof. Dr. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus III –
Palmeira dos Índios/Al

Dariana Nunes dos Santos
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus V –
União dos Palmares/Al

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus IV – São
Miguel dos Campos/Al

Compiladores

Almir Almeida de Oliveira
Prof. Dr. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus III –
Palmeira dos Índios/Al

Dariana Nunes dos Santos
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus V –
União dos Palmares/Al

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus IV – São
Miguel dos Campos/Al

Coordenadora

Dariana Nunes dos Santos
Profa. Dra. em Letras e Linguística da Universidade Estadual de Alagoas – Campus V –
União dos Palmares/Al

Prefaciador

Alan Jardel de Oliveira
Prof. Dr. em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – Campus A. C.
Simões – Maceió/Al

SUMÁRIO

PREFÁCIO _____ 11

Alan Jardel de Oliveira

CAPÍTULO 1. QUESTÕES LINGÜÍSTICAS SOBRE A LÍNGUA USADA POR MENORES CARENTES DE MACEIÓ E QUILOMBOLAS DE UNIÃO DOS PALMARES _____ 15

Renata Livia de Araújo Santos

Solyany Soares Salgado

Carlos Álack de Lima

CAPÍTULO 2. PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /T/ E /D/ COM A FRICATIVA /S/ EM CONTEXTO ANTERIOR NA CIDADE DE SANTANA DO IPANEMA _____ 43

Geicilayne Tavares Pelayes

Aldir Santos de Paula

CAPÍTULO 3. A REALIZAÇÃO DOS PRONOMES TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS _____ 69

Maria Helena Menezes de Souza

CAPÍTULO 4. A SEMIVOCALIZAÇÃO DA CONSOANTE LATERAL PALATAL /ʎ/ NO FALAR ALAGOANO _____ 89

Selma Cruz Santos

Alan Jardel de Oliveira



**CAPÍTULO 5. NASALIZAÇÃO DAS VOGAIS SOB AS
VISÕES DAS TEORIAS FONOLÓGICAS BÁSICAS
E DA SOCIOLINGÜÍSTICA _____ 107**

Ana Maria Santos de Mendonça

**CAPÍTULO 6. VARIAÇÃO TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE
SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS ALAGOANA _____ 127**

Suziane de Oliveira Porto Silva

**CAPÍTULO 7. MONITORAMENTO ESTILÍSTICO E
AVALIAÇÃO DE NÓS E A GENTE: O QUE PENSAM
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO ALTO SERTÃO
ALAGOANO _____ 151**

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

**CAPÍTULO 8. UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO
USO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO
SINGULAR EM ALAGOAS _____ 173**

Waldenia Maria da Silva

Alan Jardel de Oliveira

**CAPÍTULO 9. VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA ESCRITA
DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL _____ 197**

Priscila Rufino da Silva Costa

Marciana da Costa Carlos

Kaliane Silva de Souza

**CAPÍTULO 10. DIFERENÇA NÃO É DEFICIÊNCIA:
SOBRE O LÉXICO REGIONAL/POPULAR DO
LITORAL NORTE DE ALAGOAS _____ 219**

Fabricio de Lima Goes

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima

**CAPÍTULO 11. O USO DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE
DE ANTROPÔNIMOS EM MACEIÓ _____ 237**

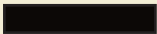
Adeilson Pinheiro Sedrins

**CAPÍTULO 12. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCORDÂNCIA
VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO POR
QUILOMBOLAS ALAGOANOS _____ 259**

Dariana Nunes dos Santos

**CAPÍTULO 13. “TÔ OUVINU NÃO”: A ASSIMILAÇÃO
DO /D/ GERÚNDIO NO SERTÃO ALAGOANO
STEPHANIE MAIANE DOS SANTOS LEITE _____ 287**

Almir Almeida de Oliveira



PREFÁCIO

É com grande satisfação que apresento esta coletânea sobre a variação linguística no português alagoano, organizada por Dariana Nunes dos Santos, Almir Almeida de Oliveira e Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima, professores da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) e antigos orientandos com quem compartilhei uma rica jornada de pesquisa e aprendizado. Inspirada nos trabalhos pioneiros de Denilda Moura, esta coletânea não somente a homenageia, como dá continuidade à tradição de pesquisas que ela ajudou a consolidar. Aqui, observamos diversos aspectos sociolinguísticos que se apresentam como um verdadeiro mosaico de investigações que ajudam a desvendar a complexidade e a riqueza da língua falada em Alagoas, unindo rigor metodológico e sensibilidade cultural. Os capítulos exploram fenômenos fonético-fonológicos, sintáticos, morfossintáticos e lexicais, revelando como fatores sociais e linguísticos influenciam o falar alagoano.

Entre os estudos que abordam processos fonético-fonológicos, o segundo capítulo examina a **“Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ com a fricativa /s/ em contexto anterior na cidade de Santana do Ipanema”**, ressaltando como fatores como idade e gênero influenciam a presença da palatalização e indicando mudança linguística em progresso em direção às oclusivas. O capítulo 4, **“A**



semivocalização da consoante lateral palatal no falar alagoano”, traz uma análise robusta desse fenômeno, com dados coletados em seis cidades alagoanas. Os resultados apontam para uma mudança em andamento, indicando tendência de desaparecimento da variante semivocalizada em Alagoas. O capítulo 5, sobre a **“Nasalização das vogais sob as visões das teorias fonológicas básicas e da sociolinguística”**, explora com profundidade as explicações teóricas para a nasalização no português alagoano, ao analisar o processo sob a ótica de diferentes teorias fonológicas (estruturalista, gerativa padrão e autosegmental) e da sociolinguística variacionista. O capítulo 13, **“Tô ouvinu não”: a assimilação do /d/ gerúndio no sertão alagoano**, traz uma investigação sobre o apagamento fonético no /d/ gerúndio por falantes de Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia e identifica a escolaridade como principal força condicionadora desse processo variável.

Outros estudos dedicam-se a alternâncias no sistema pronominal. O terceiro capítulo, intitulado **“A realização dos pronomes tu e você na posição de sujeito na comunidade quilombola Serra das Viúvas”**, oferece uma análise sobre como as escolhas pronominais são influenciadas pelas relações de poder e solidariedade. No capítulo 6, **“Variação tu e você na posição de sujeito em cartas pessoais alagoanas”**, temos uma análise histórica e social das escolhas pronominais em correspondências. O estudo ressalta o papel da linguagem escrita como espelho das relações de poder e solidariedade entre os falantes. O sétimo capítulo, **“Monitoramento estilístico e avaliação de nós e a gente:**



o que pensam estudantes universitários do alto sertão alagoano", traz à tona as percepções dos estudantes sobre o uso desses pronomes em contextos formais e informais. É uma análise cuidadosa que mostra como o monitoramento estilístico e o contexto de fala influenciam a preferência pronominal. No oitavo artigo, **"Uma análise variacionista do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular em Alagoas"**, os autores exploram as variantes pronominais "você", "ocê", "cê" e "tu", demonstrando como a escolha desses pronomes é afetada por fatores como escolaridade, cidade e idade. O estudo destaca a preferência pela variante "você" entre os mais jovens, indicando uma mudança linguística em progresso em direção a essa variante.

O livro traz ainda importantes contribuições sobre a variação na concordância em Alagoas. O capítulo que abre a coletânea, **"Questões linguísticas sobre a língua usada por menores carentes de Maceió e quilombolas de União dos Palmares"**, aborda com sensibilidade e rigor a variação na concordância verbal e nominal nessas comunidades. No capítulo 12, **"Considerações sobre a concordância verbal no português brasileiro falado por quilombolas alagoanos"**, temos uma análise do uso da concordância verbal em comunidades quilombolas, trabalho que contribui para a compreensão de como fatores internos e externos influenciam na realização da concordância.

No capítulo 9, **"Variação linguística na escrita de escolares do Ensino Fundamental"**, as autoras apresentam um estudo em andamento, em que se busca investigar como fatores linguísticos e extralinguísticos podem influenciar a



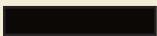
produção escrita das crianças. O capítulo 10, **“Diferença não é deficiência: sobre o léxico regional/popular do litoral norte de Alagoas”**, celebra as expressões locais como parte da identidade cultural alagoana. Trata-se de um estudo em andamento que busca investigar termos únicos e significativos da região, valorizando a riqueza lexical e mostrando a língua como um patrimônio cultural vivo. O capítulo 11 **“O uso de artigo definido diante de antropônimos em Maceió”** analisa a variação no uso do artigo definido antes de nomes próprios em Alagoas. Inspirado nas observações de Mário Marroquim em “A Língua do Nordeste” (1936), o estudo descreve os fatores sociais e linguísticos que influenciam esse fenômeno, destacando-o como uma característica dialetal do português alagoano.

Cada capítulo deste livro representa um esforço coletivo para documentar e compreender a diversidade linguística alagoana, tratando-a como um patrimônio cultural de inestimável valor. Esta obra visa, assim, a preservação dessa identidade linguística única, que, ao ser explorada e registrada, enriquece a sociolinguística e amplia nosso entendimento sobre a língua falada em Alagoas.

Acredito que esta coletânea é uma importante contribuição para os estudos de variação linguística no Brasil e inspirará novos trabalhos que fortaleçam a valorização das múltiplas formas de expressão do português brasileiro.

Alan Jardel de Oliveira





CAPÍTULO 1

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS SOBRE A LÍNGUA USADA POR MENORES CARENTES DE MACEIÓ E QUILOMBOLAS DE UNIÃO DOS PALMARES

Renata Livia de Araújo Santos¹

Solyany Soares Salgado²

Carlos Álack de Lima³



INTRODUÇÃO

A diversidade linguística vem despertando bastante interesse dentre os estudos linguísticos. A vertente linguística que se preocupa em dar conta do aparente “caos linguístico” provocado pela variação linguística é a Sociolinguística, mais especificamente, a Sociolinguística Variacionista, que tem William Labov (2008 [1972]) como seu principal representante. Essa vertente linguística pro-

1 Profa. Dra. em Linguística da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5069-538X>.

2 Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3781-7132>.

3 Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - PPGLE/UFCG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9635-6727>.

cura compreender o comportamento linguístico variável, descrevendo e analisando o real funcionamento da língua.

Diferentemente do saber comum, que vê a fala como a forma desestruturada e heterogênea e a escrita como a forma estruturada e homogênea, para a Sociolinguística Variacionista, a heterogeneidade linguística está presente não só na língua falada, mas também na escrita da língua. Essa vertente linguística, portanto, acredita que o sistema linguístico é intrinsecamente heterogêneo e socialmente determinado ao correlacionarmos a língua a influências de fatores estruturais e sociais.

Estudos diversos sobre fenômenos variáveis passaram a ser desenvolvidos a partir desse viés teórico da Sociolinguística. A variação de concordância verbal e de concordância nominal são alguns desses fenômenos linguísticos variáveis que mais vem sendo desenvolvidos. Esses estudos vêm demonstrando que as regras de concordância são variáveis e funcionais.

Neste capítulo, abordamos, de um modo mais específico, dois desses estudos: “A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió”, trabalho de tese de Santos (2013), e “A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola Muquém-AL: estudo sócio-histórico linguístico”, trabalho de dissertação de Salgado (2010). Porém, nosso foco serão apenas as estruturas linguísticas discutidas em ambas as pesquisas. Temos, assim, como objetivo geral, a partir dessas duas investigações, discutir questões linguísticas a respeito da



variação de concordância verbal e da variação de concordância nominal. De um modo mais específico, objetivamos apontar quais são as variáveis linguísticas que influenciam essas variações nos referidos trabalhos.

Desse modo, este capítulo de livro encontra-se dividido nas seguintes partes: 1. Sociolinguística Variacionista, em que são apresentados aspectos teóricos relevantes para a compreensão deste trabalho; 2. Concordância verbal e 3. Concordância nominal, em que discorreremos sobre esses aspectos sintáticos a partir de um olhar descritivo; 4. A concordância verbal na escrita de menores carentes e 5. A concordância nominal na fala de quilombolas de União dos Palmares, nos quais abordamos os trabalhos de tese e de dissertação de Santos (2013) e Salgado (2010), respectivamente, concentrando-nos sobre os aspectos internos da estrutura linguística.



1.1. Sociolinguística Variacionista

A sociolinguística tem como proposta de estudo observar a relação entre a língua que usamos e a sociedade em que vivemos. Ou seja, ela estuda a língua em uso em cada comunidade linguística, grupo no qual, mediante convenção, são constituídas as normas que regem a língua do lugar, e analisa o comportamento linguístico de cada uma das comunidades por meio de amostras advindas dos seus usuários.

Uma vez que é observada a relação entre língua e sociedade, a sociolinguística leva em consideração alguns

fatores (econômico, escolar, idade) que podem influenciar o uso linguístico dos informantes de determinada comunidade. Ocorre, portanto, uma correlação entre o linguístico e o extralinguístico. Dessa forma, essa relação intensifica a heterogeneidade da língua que, por sua vez, já é interna e natural ao sistema linguístico.

Vale salientarmos que, para entendermos melhor a sociolinguística variacionista, é preciso sabermos as noções de alguns termos técnicos importantes. Para este estudo, trataremos apenas da noção de variação e variável, haja vista que elas vão ser necessárias para compreensão dos estudos abaixo analisados.

Sobre variação, comecemos primeiro por um exemplo, usado por Coelho (2015), o “tu” e “você”, que ilustra perfeitamente essa noção de variação. Segundo Coelho (2015, p.16), “para um sociolinguista, o fato de uma comunidade, ou mesmo na fala de um único indivíduo, conviverem tanto a forma “tu” quanto a forma “você” não pode ser considerado marginal, acidental ou irrelevante em termos de pesquisa e de avanço de conhecimento”. As duas formas (variantes) em competição, que podem ocorrer no mesmo contexto linguístico, com mesmo valor referencial e de significado, representam a variação.

A variável apresenta duas noções diferentes, uma de variável dependente, conjunto de variantes, ou seja, a própria variação em si, o fenômeno linguístico a ser analisado; e a outra de variáveis independentes, que podem ser entendidas como conjunto de fatores que influenciam o uso da variação. Esse grupo de fatores, também chamado



de condicionadores, de acordo com Labov (2008 [1972]), pode ser de ordem estrutural (internos à língua) ou de ordem social (externos à língua), gerando os condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

1.2. Concordância Verbal

Estudos sobre a variação de concordância verbal (CV) são realizados com frequência, configurando-se como uma das investigações que mais vêm sendo estudadas no Português Brasileiro (PB). Esses estudos vêm demonstrando que a regra de CV é uma regra variável, em que os usuários da língua têm a possibilidade de ora realizarem o processo de CV usando as marcas de CV, ora não usando essas marcas (formas consideradas, respectivamente, padrão e não padrão de acordo com a gramática tradicional (GT)). Essa alternância entre as variantes dessa regra, presença e ausência de marcas de concordância, vai ser motivada por aspectos internos à própria língua e por características externas a ela, como, por exemplo, fatores de ordem social dos usuários da língua.

A estrutura analisada no processo de CV do PB é a que se dá entre os elementos sintáticos sujeito e verbo, característica que precisamos dizer que não é exclusiva dessa variedade da língua. Esse processo implica a flexão das formas verbais “de modo a coaduná-las com o número e a pessoa do sujeito a que corresponde na cadeia oracional ou na superfície textual” (Rodrigues, 1997, p. 31). Entretanto, o fato de tanto o sujeito quanto o verbo possuírem marcas



próprias de número e de pessoa acaba tornando possível a realização de mais de uma forma de uso, como podemos ver a seguir:

1 - a. *Nós vendemos*⁴ bem.⁵

b. *Vendemos* bem.

c. *Nós vendemo* bem.

d. **Vendemo** bem

e. *Nós vende* bem.

De acordo com estudos sociolinguísticos, esse processo não implica necessariamente que todas as marcas de concordância estejam presentes para que de fato esse processo funcione. Verificamos em (1a) que a marca de primeira pessoa do plural encontra-se tanto no sujeito, através do pronome *nós*, quanto no verbo, através da terminação *-mos* (*vendemos*), já em (1e) essa marca aparece apenas no sujeito (pronome *nós*). Em (1b) e (1d), o sujeito não está preenchido, ou seja, não está realizado foneticamente, mas, mesmo assim, podemos identificá-lo. Desse modo, só nesse caso temos três possibilidades de uso de CV. Nos exemplos (1c), (1d) e (1e), observamos que há ausência de algumas marcas de CV, mas isso não atrapalha na identificação do sujeito.

4 Neste trabalho, os elementos em itálico correspondem ao sujeito e os que estão em negrito ao verbo e assim, temos a estrutura analisada neste trabalho (sujeito mais verbo).

5 Os exemplos de (a.) a (c.) foram construídos para ilustração. Os demais exemplos, numerados, apresentados nesta pesquisa são trechos retirados do nosso corpus.



Contudo, o que comumente sabemos é que a ausência de marcas de concordância (ausência da flexão verbal) é considerada pela GT, tanto quando ocorre na língua oral quanto na escrita, como uma forma desprestigiada que precisa ser evitada. Temos, por um lado, esse pensamento proliferado, responsável por tornar a ausência de CV um dos traços linguísticos do PB muito estigmatizado socialmente. Por outro lado, temos a Linguística, mais especificamente a Sociolinguística, que vem demonstrando que a ausência de CV nada mais é do que um processo comum e natural à língua. Estudos sociolinguísticos vão mostrar que “a concordância verbal também é um traço não- necessário, pois ela deixa de funcionar em vários casos (desde o totalmente informal até o mais formal, oral e escrito, numa escala decrescente de probabilidade)” (Pontes, 1986, p. 120 *apud* Rodrigues, 1997, p. 37).

Na verdade, o que notamos é que o processo de CV é redundante, uma vez que tanto o sujeito quanto o verbo possuem marcas de número e de pessoa, o que permite a identificação do sujeito até mesmo quando a posição do mesmo não está preenchida. Sendo assim, a ausência de algumas marcas de CV parece-nos ser mais um caso de omissão de redundância do que a falta de CV, ou seja, podemos identificar o sujeito foneticamente expresso ou não, através de, pelo menos, uma marca de CV. A redundância está, portanto, no fato de mencionarmos a primeira pessoa do plural duas vezes. Essa característica de ter vários elementos numa sentença que permitem a marcação da CV, sendo que a flexão em apenas um deles já seria o suficiente



para garantir a realização da CV, torna a regra de CV uma regra intrinsecamente variável.

1.3. Concordância Nominal

A concordância nominal em estruturas com predcativos do sujeito tem sido estudada por alguns pesquisadores como Scherre (1991), Dias (1996), Lucchesi (2008) e Silva (2007), sendo o fenômeno linguístico também analisado na dissertação de Salgado (2010), a qual será tomada como base para a discussão neste capítulo.

Assim como os estudos sobre CV têm apontado a existência de regra variável, em que as marcas de CV podem ou não serem realizadas (de acordo com o padrão prescrito pela GT) em decorrência de fatores internos e externos à língua, a concordância nominal em predicativos do sujeito também apresenta comportamento variável.

Conforme prescrevem Cunha e Cintra (2017), representantes da GT, o predicado nominal é formado por um verbo de ligação (ou copulativo) + predicativo. Os verbos de ligação estabelecem a união entre palavras ou expressões de caráter nominal, funcionando como elo entre o sujeito e o predicativo, sem trazer uma ideia propriamente nova ao sujeito. Os autores, entretanto, não apresentam uma definição para o predicativo do sujeito, apontando apenas as classes de palavras pelas quais ele pode ser representado, sendo elas: substantivo ou expressão substantivada; adjetivo ou locução adjetiva; pronome; numeral; e oração substantiva predicativa.



Quanto à concordância de gênero e de número nessa estrutura linguística, Cunha e Cintra (2017) salientam o funcionamento nos casos em que o sujeito é composto. Nesse sentido, afirmam que o adjetivo toma o gênero dos substantivos sujeitos quando estes são do mesmo gênero e apontam também que, geralmente, o adjetivo vai para o masculino plural quando os substantivos sujeitos são de gêneros diversos.

No entanto, esses autores admitem que a concordância do adjetivo esteja de acordo com o núcleo do sujeito mais próximo, se a estrutura apresentar verbo de ligação no singular e anteposto ao sujeito composto, como em: (2a) “**Era novo o livro** e a caneta”. Outrossim, a título de observação, os autores destacam que o adjetivo predicativo fica no masculino singular quando se tratar de sujeito expreso por oração plena ou reduzida: (2b) “**É honroso** morrer pela pátria” (Cunha; Cintra, 2017, p. 288).

Em Duarte (2003)⁶, com base no estudo de caráter teórico-descritivo sobre a língua portuguesa, é apresentada a noção de predicação, sendo, então, definidos o predicado e o sujeito como elementos fundamentais dessa estrutura. Nas orações com verbos copulativos (ou de ligação), presentes em estruturas predicativas, ocorrem mais de uma predicação, pois, como afirma a autora, “predica-se o adjetivo ou a expressão nominal em posição pós-verbal acerca do sujeito

6 Capítulo “Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem das palavras” na Gramática da Língua Portuguesa. Embora seja estruturada com base na Língua Portuguesa de Portugal, a gramática é de grande importância para o estudo do Português Brasileiro.



da frase e predica-se toda a expressão em *itálico* acerca do mesmo sujeito”, a exemplo de: (3) [O miúdo] *é filho do Pedro* (Duarte, 2003, p. 278).

Moura (2007b), com base em estudos na perspectiva da gramática gerativa, apresenta algumas considerações sobre a predicação copulativa no português brasileiro. Nesse tipo de estrutura, estão presentes os constituintes *sujeito + verbo copulativo + predicativo do sujeito*, em que o predicativo estabelece “uma relação direta de predicação com o sujeito da frase matriz”, podendo ser do tipo adjetival: (4a) “João *é [estudioso]*”, nominal: (4b) “Paulo *é [médico]*”, preposicional: (4c) “A criança *está [no jardim]*” ou adverbial: (4d) “A criança *está [longe de casa]*” (2007b, p. 68).

Ainda consoante a análise da autora, os predicativos de natureza preposicional ou adverbial, apesar de estabelecerem a relação de predicação com o sujeito, não impõem relação de concordância gramatical com o sujeito da frase matriz. Desse modo, a relação de concordância com a realização das marcas de gênero e de número, normalmente, é estabelecida quando o predicativo é do tipo nominal e do tipo adjetival.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, em que se defende ser possível apresentar uma sistematização do aparente caos no uso variável de dados, fenômenos linguísticos, alguns estudos têm sido realizados. A respeito da concordância nominal em predicativos do sujeito, Scherre (1991) e Dias (1996) analisaram a fala urbana e os resultados apontaram, em média, 45% na aplicação da regra de concordância de número.



Silva (2007) analisou a fala rural, sem definição étnica, e os resultados apontaram 94% de concordância de gênero e 4% de concordância de número. Os dados analisados por Lucchesi (2008), que estudou a fala rural isolada afro-brasileira, apontaram um nível de 20% de variação na concordância de gênero e de 1% de concordância de número.

Entre os condicionantes linguísticos, considerados como relevantes por essas pesquisas, são destacados, neste estudo, os apontados por Lucchesi (2008), sendo eles: i) paralelo estrutural, “com base na coincidência da frequência entre a concordância dos modificadores em adjunção à direita do nome núcleo no interior do SN e a concordância com os predicativos e participios passivos”; ii) o seguimento do princípio da coesão estrutural, em que se verifica tendência a maior concordância nos predicativos e participios passivos quando há concordância no SN sujeito; e iii) tendência a maior marcação da regra de concordância pelo falante quando fala de si próprio (Lucchesi, 2008, p. 163).



1.4. A Concordância Verbal na escrita de menores carentes

Nesta seção, vamos abordar a pesquisa de tese intitulada “A escolaridade e a concordância verbal na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas na cidade de Maceió”, de Santos (2013). Nosso intuito é discutirmos os resultados alcançados nesse trabalho, focando nas variáveis de ordem estrutural. Para isso, precisamos

fazer a caracterização dos dados, pontuando alguns passos metodológicos.

A amostra utilizada na pesquisa de Santos (2013) foi constituída por quarenta e oito produções escritas, sendo cartas pessoais e textos do tipo narrativo e dissertativo, configurando-se, respectivamente, como textos informais, semiformais e formais. A coleta dos dados foi realizada no ano de dois mil e dez e tinha como temas assuntos do cotidiano da comunidade menores carentes. Foram selecionados dezesseis informantes, estratificados de acordo com as variáveis sociais estabelecidas para o estudo. O envelope de variação foi constituído de cento e sessenta e nove construções que apresentavam ou não marcas de CV. Para a quantificação dos dados, foi usado o programa computacional Goldvarb X (Sankoff; Taglimonte; Smith, 2005a).

A morfossintaxe, mais especificamente, a variação entre presença de marcas de CV e ausência de marcas de CV ([+CV] e [-CV], respectivamente) foi selecionada como a variável a ser estudada. Abaixo vemos alguns exemplos retirados do *corpus* construído por Santos (2013, p. 78) para compreendermos melhor o fenômeno variável estudado.

5. [+CV] L3 - *nós podemos ajuda o próximo até a gente mesmo (L3RTV)*⁷

6. [-CV] L7 - *as pessoas sempri se apaixona e depois se ama de verdade (L7SUX)*

7 Entre parênteses encontra-se a codificação feita por Santos (2013).



Como vimos anteriormente, a variante [-CV] é caracterizada quando o verbo e o sujeito não apresentam todas as marcas de concordância número-pessoal, como notamos em (6). Consequentemente, a variante [+CV] é caracterizada por ser constituída por sujeitos e verbos que apresentam todas essas marcas, como em (5). No trabalho de Santos (2013), quando ocorria sujeito não expresso (nulo), foi levado em consideração o contexto linguístico. Quando esse contexto linguístico não podia ser recuperado, foi assumido que o sujeito não-preenchido está em concordância com seu verbo. Nos casos de sintagmas nominais constituídos de determinante, foi tido que o determinante é que desencadeia a concordância e que ela deve ser feita entre o determinante e o verbo para ser considerada como a variante [+CV]. Quando o sintagma nominal não apresenta determinante, o núcleo do sintagma sujeito foi considerado o elemento desencadeador de CV.

Para o estudo, Santos (2013) fez algumas exclusões necessárias, como verbos no infinitivo (os que devem ser flexionados segundo a norma padrão, foram levados em consideração), gerúndio e particípio, além de sujeitos no singular (já que estes levam naturalmente ao uso da forma padrão) e casos em que a relação de concordância é estabelecida entre o verbo e o predicativo (ou outro termo), uma vez que a concordância analisada no referido trabalho é caracterizada por ocorrer na estrutura sujeito-verbo.

Os grupos de fatores internos à língua postos em análise foram a posição do sujeito em relação ao verbo, os elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo,



a natureza do sintagma sujeito, o pronome pessoal, o paralelismo formal da sequência verbal, o tipo textual e o grau de formalidade. Os grupos de fatores externos à língua postos em estudo foram escolaridade, faixa etária e tempo de permanência na instituição filantrópica. Contudo, como já dissemos, neste estudo vamos observar apenas a atuação das variáveis estruturais.

Feitas essas considerações metodológicas, podemos passar para a análise dos resultados alcançados por Santos (2013) em seu trabalho de tese de doutorado.

A referida pesquisadora analisou 169 sentenças que apresentavam ou não marcas de CV. Destas, 75 apresentaram a presença de marcas de CV contra 94 que não apresentaram essas marcas. Esses dados numéricos revelam-se significativos, uma vez que comprovam que a comunidade de fala em investigação, em seus textos escritos, ora usam sentenças com presença de marcas de CV + 44%, ora realizam sentenças com ausência de marcas de CV – 56%, corroborando os resultados de várias pesquisas sociolinguísticas já realizadas (Graciosa 1991, Santos 1999, 2007, Santos 2010).

Das variáveis postas em análise o programa computacional Goldvarb X selecionou como estatisticamente significativas para a variação entre [+conc] e [-conc], em ordem de relevância: 1) Escolaridade, 2) Natureza do sintagma sujeito, 3) Posição do sujeito em relação ao verbo, e 4) Elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo.

Como podemos observar, apenas uma variável de ordem social foi selecionada, sendo a primeira, ou seja, a



que mais impulsiona o uso da variação de CV na escrita de menores carentes de Maceió. Entretanto, conforme já pontuamos, neste trabalho, vamos nos deter nas variáveis de ordem estrutural. Sendo assim, vamos discutir abaixo as três variáveis internas à língua que foram selecionadas como significativas pelo programa Goldvarb X.

Começamos pela variável Natureza do sintagma sujeito, tida como a segunda variável no total e a primeira variável de ordem linguística a ser selecionada pelo Goldvarb X. Os fatores trabalhados por Santos (2013) foram três: expressão ‘a gente’, 1ª pessoa do plural e sintagmas no plural, com o intuito de observar se o fator expressão ‘a gente’ condiciona mais [+CV] e se os fatores 1ª pessoa do plural e sintagmas no plural condicionam mais [-CV].

Os resultados obtidos confirmaram em partes as hipóteses levantadas por Santos (2013). A expressão ‘a gente’ levou a mais casos de [+CV] (.70)⁸ e os sintagmas no plural levou a mais casos de [-CV] (.28), porém a 1ª pessoa do plural, diferentemente do que se esperava, levou a mais casos de [+CV] (.60).

Sendo assim, podemos dizer que sujeitos na 1ª pessoa do plural levam a uma variação constante entre [+conc] e [-conc], sujeitos no plural levam mais a verbos no singular e

8 Conforme definição de Coelho et al (2010, p. 140), “quanto mais próximo de 1,0, maior o peso relativo do fator, isto é, maior o efeito dele sobre a variante escolhida como aplicação da regra; quanto mais próximo de 0,0, menor o peso relativo, ou seja, menor a força de atuação desse fator na escolha daquela variante; próximo ao valor de 0,5, temos o ponto neutro – pesos relativos próximos a esse valor indicam que o grupo de fatores tem pouco efeito sobre a aplicação da regra variável”.



sujeitos no singular levam mais a verbos no singular, mesmo quando esse sujeito é formado pela expressão ‘a gente’, que foi usada indistintamente pelos colaboradores. Já o pronome ‘nós’, foi observado que ele é usado com maior frequência pelos colaboradores de maior escolaridade, o que pode ser um indicativo de uma certa eficácia do ensino escolar.

Em relação à variável Posição do sujeito em relação ao verbo, que foi a terceira variável selecionada como influente na variação entre [+CV] e [-CV], sendo a segunda variável linguística mais significativa, foram selecionados, tendo em vista alguns trabalhos sociolinguísticos como o de Santos (2010), Santos (1999) e o de Graciosa (1991), os seguintes fatores: sujeito anteposto ao verbo e sujeito subentendido, partindo da hipótese de que o sujeito posicionado, imediatamente ou não, antes do verbo exerce uma forte influência sobre o uso da variante [+CV], enquanto o sujeito subentendido desfavorece esse uso.

Os resultados encontrados confirmaram as hipóteses levantadas por Santos (2013) e conferem com os resultados apresentados por Motta (1979), relativos a adolescentes semialfabetizados. Quando o sujeito aparece antes do verbo, a probabilidade de uso da variante padrão em vez da não-padrão é bem maior (.70), por outro lado, quando o sujeito é subentendido, essa probabilidade é bem menor (.30).

Em último lugar, na ordem de significância sobre a variação entre [+CV] e [-CV], apareceu a variável Elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, com os fatores ausência de elementos e presença de elementos intervenientes na relação sujeito-verbo. Para verificar o efeito



dessa variável sobre a referida variação, Santos (2013) partiu da hipótese de que quando não há elemento entre sujeito e verbo há a probabilidade maior de se ter mais casos de [+CV] e que quando há um ou mais elementos intervenientes nessa relação essa probabilidade é maior para casos de [-CV].

As hipóteses de Santos (2013) foram confirmadas pelos resultados probabilísticos alcançados. O fator ausência de elementos obteve um peso relativo de .65, levando a mais casos de [+CV] e o fator presença de elementos apresentou peso relativo de .24, indicando uma influência significativa sobre a variante [-CV].

Santos (2013) observou que os elementos linguísticos mais presentes entre a estrutura sujeito-verbo foram o pronome relativo 'que', os pronomes reflexivos 'se' e 'nos', os advérbios 'já' e 'não', sendo o pronome 'que' o elemento que mais foi usado. O contexto linguístico que parece ter mais interferência nessa relação, levando a um uso maior de [-CV], são os pronomes 'que', 'se' e 'nos'.

Através dos resultados alcançados por Santos (2013), percebemos que na escrita de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió a CV tende a seguir o mesmo padrão das demais comunidades já analisadas, no sentido de ser uma regra variável. Contudo, por apresentar mais casos de [-CV], percebemos que a escola deixa a desejar no cumprimento de um de seus principais objetivos, que é ofertar, com qualidade, o ensino de normas padrões, oportunizando, assim, o acesso a todos os cidadãos a essas normas.



1.5. A Concordância Nominal na fala de quilombolas de União dos Palmares

Atendendo às diretrizes da seção anterior, discutiremos os resultados obtidos na dissertação intitulada “A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola de Muquém – AL: estudo sócio-histórico linguístico”, de Salgado (2010), sendo enfocadas as variáveis linguísticas analisadas na pesquisa.

Abordamos, inicialmente, as questões de cunho metodológico, acompanhadas da caracterização dos dados, para posterior apresentação dos resultados encontrados. Sendo assim, a amostra usada na pesquisa de Salgado (2010) foi constituída da fala de 12 informantes de uma população de aproximadamente quinhentas pessoas, sendo selecionados aqueles que não tivessem passado um longo período (dois anos ou mais) fora da comunidade. A comunidade em questão é a quilombola Muquém, localizada no município de União dos Palmares, Alagoas, possivelmente, remanescente do Quilombo dos Palmares.

Utilizamos para a estratificação da amostra os fatores idade e sexo, posto que se buscava verificar se havia mudança linguística e diferença de uso linguístico entre homens e mulheres. Assim, foram distribuídos dois informantes para cada célula, sendo seis falantes do sexo feminino e seis do masculino; e quatro informantes em cada uma das três faixas etárias: I – de 10 a 30 anos; II – de 31 a 50 anos; e III – de mais de 50 anos.



O envelope de variação foi constituído de duzentas e doze construções, com a presença ou não de marcas de concordância nominal de número. Para a quantificação dos dados, utilizamos o programa *Variable Rule Analyses*, na versão Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005b), o qual gera resultados numéricos com valores percentuais e probabilísticos, apontando os pesos relativos referentes ao efeito de cada fator em relação à variável dependente.

A variável linguística dependente, ou seja, aquela que apresenta formas variantes com o mesmo sentido em um mesmo contexto, neste trabalho, é do tipo binária, correspondendo à variante marcação de concordância entre sujeito e predicativo, como pode ser visto em: (7) “...a mãe ainda *era escrava*” [ES, M, I44]⁹; e à não-marcação de concordância entre sujeito e predicativo, visto em: (8) “agora os *menino tão solto*” [AJ, F, I44], ambos trechos retirados dos depoimentos dos informantes de Muquém.

Para o estudo da correlação entre a variável linguística dependente e as variáveis independentes são analisados os fatores internos e externos à língua. Apesar de reconhecermos a importância dos fatores extralinguísticos para as pesquisas variacionistas, nesta seção daremos enfoque aos linguísticos.

Em Salgado (2010), os fatores linguísticos foram escolhidos como base nos estudos de Scherre (1991), Silva (2007), Lucchesi (2008) e no que foi observado nos dados coletados. Assim, levantamos como possíveis variáveis

9 Exemplo retirado da amostra obtida pela dissertação de Salgado (2010). Entre os colchetes estão as seguintes informações: iniciais dos nomes dos participantes, sexo e idade.



condicionantes: tipos de sujeito, tipos de predicativo do sujeito, concordância verbal, material interveniente entre o verbo e o predicativo, concordância nominal de número no SN sujeito, referência ao falante no discurso e caracterização semântica do sujeito.

É relevante destacarmos que foram identificadas 212 sentenças com a presença da estrutura linguística selecionada para o estudo em questão, sendo que 177 delas apresentaram as marcas de concordância de número, alcançando uma frequência de 83,5% de concordância.

Acreditamos que esse resultado tenha sido influenciado pelo grande número de sentenças com o sujeito no singular, desconsideradas para essa suposição as sentenças enquadradas no tipo de sujeito nulo. O total de sentenças no singular foi de 123, e em 121 delas houve a aplicação das marcas de concordância, o que representa 98,3% de concordância. Em contrapartida, o total de sentenças com sujeito na forma plural foi de 39, e em apenas 13 delas houve a aplicação das marcas de concordância, representando um percentual de 33% de concordância, bem mais baixo do que foi visto na forma singular.

Após o processo de identificação dos grupos mais atuantes no fenômeno estudado, considerando os pesos relativos encontrados, os três grupos selecionados pelo programa estatístico Goldvarb X foram, justamente, os de natureza linguística: Concordância verbal, Tipos de sujeito e Referência ao falante no discurso, os quais abordaremos a seguir.



A respeito do primeiro, concordância verbal, os nossos dados revelaram que o efeito do paralelismo formal é determinante na estrutura de predicativo do sujeito. A marcação de concordância entre o sujeito e o predicativo teve maior tendência nos casos em que houve concordância verbal (.66), como pode ser exemplificado em: (9) *a mãe ainda era escrava* [ES, M, I44]. A não marcação de concordância entre o sujeito e predicativo foi mais recorrente quando não havia a concordância verbal (.01), como se observa em: (10) *Nóis num é conhecido* [AJ, F, I44].

Em relação ao grupo tipos de sujeito, apenas os sujeitos explícitos constituídos de nominais no singular apresentaram um peso relativo alto para a aplicação da marca de concordância (.96), como se visualiza em: (11) *O estudo é bom* [IR, F, I62]. Os demais fatores, entretanto, não favoreceram a marcação de concordância entre os dois elementos da predicação copulativa. O sujeito nulo apresentou o peso relativo (.42), o sujeito pronominal plural apontou (.018) e o sujeito explícito constituído de elementos nominais flexionáveis no plural teve (.011) de peso relativo. Ao fazermos uma comparação em percentual entre os sujeitos na forma singular e os na forma plural, verificamos que os sujeitos na forma plural favoreceram a não marcação de concordância, apresentando, desse modo, um percentual de 67% de não aplicação em oposição aos 33% de aplicação.

A referência ao falante no discurso foi o último grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico. No mesmo sentido apontado na pesquisa sobre participípios passivos realizada por Lucchesi (2008, p. 163), constatamos que há



uma tendência maior de aplicação de marca de concordância quando o falante fala de si mesmo, como podemos ver em: (12) *eu sou associado* [LN, M, I47].

A elevada frequência de marcas de concordância de número entre sujeito e predicativo de sujeito encontrada na amostra de Muquém nos permite dizer que a fala da comunidade se aproxima da urbana, haja vista que Salgado (2008) verificou no estudo sobre a fala urbana de Maceió a frequência de 82% de marcas de concordância nessa mesma estrutura linguística. Esse resultado pode estar nos revelando que a fala dos habitantes de Muquém caminha para o nivelamento linguístico de modo mais intenso do que demonstrado nas comunidades estudadas por Lucchesi (2008), provavelmente em decorrência da ação da mídia e da escola.

Apesar disso, ainda foi possível identificarmos resquícios de elementos característicos da língua falada pelos prováveis antepassados afrodescendentes na comunidade quilombola Muquém, entre eles, diminuição das marcas flexionais ou “erosão da morfologia flexional”, comumente vista na modalidade popular do português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos as análises de cunho variacionista, tendo como base os fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, acerca de questões linguísticas referentes à concordância verbal usada por menores carentes de Maceió e à concordância no-



minal, especificamente, nas construções com predicativos do sujeito, usada por quilombolas de União dos Palmares.

Quanto à concordância verbal, a pesquisa de Santos (2013) nos mostrou que as sentenças identificadas no uso escrito dos menores carentes apresentaram ausência de marcas de CV numa frequência de 56% (94 ocorrências de 169 de sentenças no total). As variáveis selecionadas como relevantes para a variação entre [+conc] e [-conc] pelo programa computacional Goldvarb X foram, predominantemente, de natureza linguística, quais sejam: natureza Natureza do sintagma sujeito, sendo destacado o fator 1ª pessoa do plural, pois levou a mais casos de [+CV], diferentemente do que era esperado; posição do sujeito em relação ao verbo, em que se constatou haver maior probabilidade de uso da variante padrão (0.70), quando o sujeito aparece antes do verbo; e elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo, por meio do qual foi confirmada a hipótese de que há maior probabilidade de [+CV], quando não há elemento entre sujeito e verbo.

Por sua vez, o trabalho de Salgado (2010) nos apontou o maior percentual de uso das marcas de concordância de número pelos falantes da comunidade quilombola, sendo ele de 83,5% de concordância entre sujeito e predicativo nas sentenças identificadas. As variáveis de natureza linguística: concordância verbal, tipos de sujeito e referência ao falante no discurso, foram as únicas selecionadas pelo programa computacional Goldvarb X como significativas para a variação [+conc] e [-conc] entre sujeito e predicativo do sujeito. Em resumo, constatamos semelhanças ao que foi



apontado por Lucchesi (2008), pois houve mais marcas de concordância entre o sujeito e o predicativo nos casos em que ocorreu concordância verbal e também houve maior probabilidade de aplicação da marca de concordância nas situações em que o informante fala de si próprio.

De modo geral, as pesquisas apontaram que os fenômenos linguísticos por elas estudados apresentam regras variáveis, passíveis de serem sistematizadas, considerando que existem fatores internos e externos à língua que condicionam os usos linguísticos. Tendo em vista que o capítulo é um recorte de estudos desenvolvidos por Santos (2013) e Salgado (2010), abordamos apenas os resultados relativos às variáveis de ordem estrutural, no intuito de atender às limitações quanto a esse gênero textual, não deixando de reconhecer a relevância dos fatores extralinguísticos para o estudo de cunho sociolinguístico.



REFERÊNCIAS

COELHO, I. L.; et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, I. L. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DIAS, J. F. V. **A Concordância de Número nos Predicativos e Participios Passivos na Fala da Região Sul**: Um Estudo Variacionista. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1996.

DUARTE, I.. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5ª edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

GRACIOSA, D. M. D. **Concordância verbal na fala culta carioca**. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LUCCHESI, D. A concordância nominal em estruturas passivas e de predicativo do sujeito em comunidades rurais isoladas afro-brasileiras no contexto da história sociolinguística do Brasil. In: VOTRE, S. J. (Org.); RONCARATI, C. (Org.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. 1. Ed. Rio de Janeiro: 7 Letras/ FAPERJ, 2008. V. 1. 400 p.

MOTTA, E. C. de M. **Escolarização e variação linguística**. 1979. Campinas: UNICAMP. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

MOURA, M. D. A predicação copulativa em português brasileiro e em espanhol. In **Revista do GELNE**, v.9, n. ½. João Pessoa: Ideia, 2007b, p. 67-76.

RODRIGUES, D. de A. **A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. Campinas: Unicamp. **Dissertação** (Mestrado em Linguística). Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

SALGADO, S. S. **Concordância entre sujeito e predicativo do sujeito no português falado em Maceió**. Trabalho de Con-



clusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

SALGADO, S. S. **A concordância entre sujeito e predicativo do sujeito na fala da comunidade quilombola Muquém -AL:** estudo sócio-histórico linguístico. 2010.

Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb x:** A variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005b.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **A multivariate analysis application.** 2005a. Disponível em <<http://www.projetoaspa.org/cristofaro/pesquisa/goldvarb/manualvarbrul.doc>>. Acesso em 3 de jul. de 2009.

SANTOS, R. L. A. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

SANTOS, R. L. A. **A escolaridade e a concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.** 2013. 140f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SANTOS, M. B. **A concordância sujeito-verbo na língua falada por crianças de 1ª à 5ª série da cidade de Maceió-AL.** 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

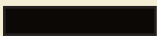


SANTOS, R. L. A. **A escolaridade e a concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.** 2013. 140f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.

SCHERRE, M. M. P. **A concordância de número nos predcativos e nos participios passados.** Rio Grande do Sul, Organon, v. 5, n. 8, 1991.

SILVA, V. A. **A concordância nominal em predicativos do sujeito e em estruturas passivas no português popular do interior do Estado da Bahia.** Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.





CAPÍTULO 2

PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /T/ E /D/ COM A FRICATIVA /S/ EM CONTEXTO ANTERIOR NA CIDADE DE SANTANA DO IPANEMA

Geicilayne Tavares Pelayes¹⁰

Aldir Santos de Paula¹¹

INTRODUÇÃO

A língua falada, embora tenha a heterogeneidade como aspecto basilar, é sistemática e passível de análise segundo os pressupostos teóricos propostos por Labov (2008 [1972]). Nesse sentido, muitos estudos têm buscado descrever e identificar os fatores linguísticos e sociais envolvidos nos processos de variação e mudança da língua. No Brasil, tais pesquisas focam, majoritariamente, mas não exclusivamente, os maiores centros urbanos (Cf. Santos (1996); Pagotto (2001); Carvalho (2000), Oliveira (2017) entre outros).



10 Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2121-4070>. Email: geicilayne.pelayes@fale.ufal.br.

11 Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor titular da Universidade Federal de Alagoas, PPGLL/ Profletras - UFAL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5783-4044>. Email: aldir.paula@fale.ufal.br.

Este estudo objetiva, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), investigar os processos fonético-fonológicos da palatalização progressiva das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em contexto anterior, como em palavras do tipo gos[tʃ]o e fes[tʃ]a, produzidos no Português Brasileiro (PB) falado em Santana do Ipanema, cidade localizada no sertão alagoano. Para tanto, relacionamos os dados linguísticos coletados com as variáveis externas (faixa etária, sexo e estilo) e internas (contexto anterior ao gatilho, tonicidade, tamanho da palavra, sonoridade e fronteira lexical), a fim de identificar possíveis condicionantes de uso das variantes.

O processo de palatalização, pelo qual passam os fonemas consonantais /t/ e /d/ consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior, mais para a frente da cavidade bucal do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal. Essa palatalização geralmente acontece com consoantes seguidas de /i/, e /e/, tanto orais quanto nasais. (Silva, 2005).

Em pesquisas sociolinguísticas sobre o fenômeno da palatalização na fala alagoana (Santos, 1996; Oliveira, 2017; Vitória, (2020); Oliveira e Oliveira, 2021; Oliveira e Falcão, 2023; De Paula e Pelayes, 2023 e Pelayes, 2024) constatou-se que a palatalização é um fenômeno habitual. De acordo com tais estudos, a palatalização em contexto fonológico progressivo é mais frequente que o regressivo. Esta ideia serve como motivação para que este estudo seja realizado com a



fala de santanenses e aborde o fenômeno da palatalização em contexto fonológico progressivo.

A fim de mensurar a relação do contexto da fricativa /S/ e os processos de palatalização de /t/ e /d/ por falantes santanenses, este texto é organizado da seguinte forma: além desta seção introdutória, faremos algumas considerações sobre a sociolinguística laboviana na seção 1; A metodologia utilizada e a análise dos dados obtidos serão apresentados nas seções 2 e 3, respectivamente, que são seguidos das considerações finais sobre as discussões levantadas.

2.1 Sociolinguística Variacionista: um meio de entender a variação e mudança linguística

Conforme Meillet (1921), “tem-se repetido frequentemente que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhe atribuir uma existência autônoma, um ser particular”, por isso, a vitalidade de uma língua se constitui através do meio social. Para este autor, ‘a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode apelar a fim de explicar a mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas são somente as consequências”. (Cf. Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p. 114). Em vista disso, a melhor forma para explicar a variação linguística é fazer uma análise das condições sociais em que se encontra o fenômeno em foco, usando os fatores sociológicos para explicar como se dá a distribuição e mutação que o fenô-



meno pode sofrer, a fim de demonstrar a sistematicidade do uso.

Nesse sentido, a Sociolinguística variacionista ou Teoria da Variação atua em uma fronteira entre a língua e a sociedade contrapondo dados linguísticos a fatores sociais no intuito de identificar a influência destes nos processos de variação da língua dentro de uma comunidade de fala, doravante CF.

De acordo com Guy (2000, p. 18), ao trabalhar com a noção de CF, a Sociolinguística tem como objetivo unir idioletos de falantes individuais, procurando estabelecer quais traços linguísticos são compartilhados e quais os distinguem de outros grupos de falantes. Dessa forma, é correto afirmar que um falante pode pertencer a mais de uma comunidade de fala, ao passo que as comunidades se mostram encaixadas umas nas outras pelo compartilhamento de traços linguísticos diversos. Este modelo pode favorecer a observação de uma comunidade mais geral da língua quanto à observação de comunidades locais permitindo o cruzamento dos traços linguísticos compartilhados (Cf. Wiedemer, 2008, p. 2).

É imprescindível que a mudança linguística seja vista como advinda do contexto social em que a língua opera. Não se deve pensar nela, portanto, como caso isolado na língua, mas contextualizá-la à comunidade de fala na qual ela se apresenta, para a partir deste ponto, explicar como se dá a regularidade dos usos encontrados. Nesse sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 62) defendem a necessidade de que haja uma teoria da mudança linguística.



Sendo assim, uma teoria da mudança objetivaria a determinação do conjunto de mudanças possíveis e as condições possíveis para a mudança, estabelecendo empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea.

2.2 Caminho metodológico

A coleta de dados para esta pesquisa seguiu as orientações metodológicas da Sociolinguística Variacionista¹². Os dados foram coletados por meio de três instrumentos de produção própria, a saber, leitura de enunciados, leitura de texto curto e entrevista semiestruturada. Participaram da pesquisa, 20 colaboradores, nascidos ou que passaram a maior parte da vida em Santana do Ipanema-AL, estratificados por sexo: masculino e feminino; por faixa etária: entre 22 e 48 anos (1ª faixa) e 52 anos ou mais (2ª faixa). Analisamos apenas um nível de escolaridade, assim, todos os colaboradores possuem Ensino Superior completo.

Todos os colaboradores foram voluntários e permitiram a gravação e utilização dos dados por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas se deram de forma individual para preservar a identidade dos participantes. Com base em estudos anteriores, além das variáveis extralinguísticas supracitadas, analisamos também as variáveis linguísticas: contexto anterior, tonicidade, tamanho da palavra em sí-

¹² Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número de CAAE: 70009923.1.0000.5013.



labas, fronteira lexical e sonoridade. A análise levou em consideração as variáveis: diatópica (variante dialetal regional), diageracional e diagenérica (variante de acordo com idade e sexo), a fim de verificar sua atuação sobre a produção da palatalização progressiva.

2.2.1 *Local da pesquisa*

De acordo com os dados do Censo 2021 do IBGE, Santana do Ipanema tem uma população estimada de 47.910 habitantes. Está localizada a 207 quilômetros da capital do estado, Maceió. Os primeiros habitantes foram pessoas do povo Fulni-ô, povo indígena que habita atualmente no município de Águas Belas-PE e que frequentava as margens do Rio Ipanema, patrimônio imaterial da cidade, cujo nome foi escolhido para compor o nome da cidade. A economia da cidade é embasada na pecuária e no comércio. Na agricultura, destacam-se o feijão, o milho e o algodão, elementos que compõem o brasão da bandeira do município. Santana do Ipanema é considerada uma cidade polo para os municípios circunvizinhos da região sertaneja alagoana.



2.2.2 *Amostra*

Seguindo as orientações de Guy e Zilles (2007), a amostra desta pesquisa¹³ foi constituída com 5 colaboradores por célula, a fim de representar a comunidade linguística

¹³ Esta pesquisa trata-se de um recorte da dissertação de Pelayes (2022) intitulada: Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no município de Santana do Ipanema.

analisada. A coleta de dados se deu em uma sala silenciosa para garantir a qualidade das gravações de fala.

Após a realização da coleta de dados, providenciamos as transcrições ortográficas das falas dos colaboradores. Em seguida, foram ressaltadas, em negrito, as transcrições fonéticas dos trechos que apresentaram um ambiente favorável para a variante palatalizada das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/. Por fim, foi feita uma tabela de realização global, na qual os colaboradores foram divididos por sexo e por faixa etária: primeira (22-48 anos) e segunda (+ 52 anos), a fim de contrastar as realizações palatalizadas coletadas.

As realizações em ambiente favorável para palatalização progressiva foram analisadas no Software livre PRAAT, posteriormente, os dados foram rodados no Programa Goldvarb X, o qual realizou a contagem dos dados, contabilizando 1462 dados, seguido da verificação da sequência de codificação e a quantidade de fatores para análise, contabilizando 8 fatores além da variável dependente.

Em seguida, foi realizada uma rodada a fim de verificar a existência de *Knockouts* “fator que num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (Guy; Zilles, 2007, p. 158). Resolvidos os *Knockouts*, foi realizada uma rodada final para obter os percentuais e os pesos relativos referentes aos dados obtidos para a pesquisa.

Vale ressaltar que apesar de haver grupos de fatores eliminados na rodada analisada, os dados destes grupos são apresentados em suas respectivas variáveis (sociais e



linguísticas), logo após a descrição dos grupos de fatores considerados significantes para o processo de palatalização, a fim de demonstrar sua produtividade no processo.

Ao analisar os dados, observou-se que a aplicação da regra de palatalização em contexto fonológico progressivo, ou seja, quando o segmento anterior à oclusiva dispara o gatilho, se deu em dois contextos, com a semivogal [j] em contexto anterior e com a fricativa /S/ neste mesmo contexto. Portanto, analisaremos aqui somente os dados em que a fricativa /S/ ocupa posição de gatilho do processo de palatalização. O corpus é composto por 734 ocorrências, que serão investigadas quanto às variáveis linguísticas, tonicidade, tamanho, sonoridade e fronteira e quanto às variáveis sociais, idade, estilo e sexo.



2.3. Descrição e análise dos dados

Ao analisar o corpus levantado, foram encontradas 734 ocorrências do processo de palatalização e, embora frequente, a palatalização exclusiva do /S/, como em [eʃ'tudo] 'estudo' e [kuʃtu'rerɐ] 'costureira' não serão analisadas. O nosso olhar se concentrará na palatalização dos segmentos /t/ e /d/, quando anteceditos pelo /S/, como as encontradas em palavras como ['viʃtɐ] 'vista' e [a'goʃtʃu] 'agosto'. De acordo com o estudo de Oliveira (2017) quando se tem a fricativa /S/ em contexto fonológico progressivo, o índice médio da probabilidade da realização da palatalização das oclusivas é de 0.17, no entanto, quando se tem a aproximante

[j], geralmente em formação de ditongo, essa probabilidade cai para 0.13.

Sendo assim, ao comparar os valores percentuais apresentados por Oliveira (2017) observamos uma queda nas produções palatalizadas com a fricativa /S/ em contexto fonológico anterior, pois das 734 ocorrências registradas, obtivemos 76 realizações palatalizadas, resultando em um percentual de 10,4%, valor bastante inferior aos 19,1% obtidos na pesquisa de Oliveira (2017). Neste mesmo contexto amostral, Mota e Rolemberg (1997) obtiveram um percentual de 2,4% e Henrique e Hora (2012), percentual de 10,5% das realizações palatalizadas. Dessa forma, nossos valores se aproximam mais dos percentuais obtidos na pesquisa deste últimos realizada em João Pessoa – PB.



2.4 Variáveis sociais

A variável faixa etária foi selecionada pelo programa Goldvarb X como expressiva estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, a qual apresentou muita influência no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, AL. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 1 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Faixa etária	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
1ª (22-48 anos)	23/398	5,8	0.369
2ª (52 anos ou mais)	53/363	15,8	0.654
Total	76/734	10,4	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Os valores da tabela 1 confirmam uma maior produtividade da segunda faixa etária analisada (52 anos ou mais) no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, pois das 363 ocorrências, obtivemos 53 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 15,8% e peso relativo de 0.654 de aplicação da regra de palatalização. Sendo assim, podemos afirmar que as pessoas com mais de 52 anos são favorecedoras do processo de palatalização, enquanto as pessoas entre 22 e 48 anos são inibidoras deste processo na região estudada.

No que diz respeito à variável faixa etária, nosso trabalho se assemelha aos resultados obtidos em Oliveira (2017), visto que o autor detectou que o público mais velho é favorecedor da palatalização das oclusivas enquanto o público mais jovem inibe o processo. O autor aponta, também, que a escolaridade interfere no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, no sentido de que quanto maior a escolarização do colaborador, menor sua produção da variante palatalizada,



sugerindo que a escolarização atribui uma valoração negativa das variantes palatalizadas em Maceió.

De modo geral, no que diz respeito às duas faixas etárias, observamos que a 2ª faixa etária, ou seja, os colaboradores da faixa etária 2 produziram mais variantes palatalizadas, corroborando com os resultados obtidos em Oliveira (2017) de que quanto maior a idade do falante, menor é o efeito da escolarização na sua produção de fala, enquanto o público mais jovem tende a evitar este tipo de produção. Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que o público mais velho é favorecedor do processo de palatalização em Santana do Ipanema.

A variável estilo foi selecionada pelo programa Goldvarb X como expressiva estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, no entanto, apresentou pouca relevância no que diz respeito ao processo na cidade estudada.

Analisamos os instrumentos de coleta separadamente, pois acreditamos que o nível de monitoramento da fala do colaborador é significativo no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares. Vejamos a tabela a seguir.



Tabela 2 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável estilo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Enunciados	15/125	12,0	0.552
Texto	36/201	17,9	0.678
Entrevista	25/408	6,1	0.394
Total	76/734	10,4	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Os valores da tabela 2 apontam para uma maior produção da variante palatalizada na leitura do texto, considerado por nós como intermediário, no que se refere ao monitoramento da fala do colaborador, uma vez que das 201 ocorrências, 36 foram produções palatalizadas, sob um percentual de 17,9%. Em relação à leitura de enunciados, considerado como o estilo mais monitorado, houve uma leve diminuição de palatalização, pois das 125 ocorrências registradas, 15 foram realizações palatalizadas, alcançando um percentual de produção de 12%.

Quanto à entrevista, considerada como o estilo mais livre de monitoramento, observamos uma diminuição significativa do fenômeno estudado, uma vez que das 408 ocorrências em ambiente propício para a palatalização progressiva, apenas 25 apresentam aplicação da regra de palatalização, sob um percentual de 6,1%, o que nos leva a pensar que a palatalização das oclusivas alveolares em San-



tana do Ipanema, esteja em processo de diminuição no uso livre e que em momentos mais direcionados esse uso que já foi mais recorrente, seja recuperado.

É importante destacar que os colaboradores foram solicitados a fazer uma leitura prévia dos objetos de coletas, a saber uma lista de enunciados e um texto curto. No entanto, a maioria preferiu fazer a leitura espontaneamente, ou seja, sem conhecimento prévio do conteúdo, fazendo com que a leitura fosse menos monitorada e houvesse acréscimos de palavras não existentes no texto e nos enunciados. Dessa forma, acreditamos que houve uma diminuição no monitoramento da fala dos colaboradores durante a coleta de dados.

No que diz respeito aos pesos relativos obtidos, observamos que a leitura do texto se mostrou favorecedora do processo, sob um índice de 0.678. A lista de enunciados, por sua vez, também favorece o processo, sob um peso relativo de 0.552. Em contraposição, a entrevista, estilo mais livre, apresentou o índice de 0.394, confirmando seu desfavorecimento na aplicação da regra de palatalização.

O fato de os estilos mais direcionados estarem em evidência na aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares nos leva a pensar que a emergência de uso nesse contexto advém de uma possível não estigmatização que podia ser frequente, ou seja, que poderia ser o padrão da comunidade de fala, mas foi perdendo força ao longo do tempo, fazendo com que esteja evidente apenas em estilos mais elaborados como forma de retomada desse uso linguístico.



Dessa forma, concluímos que os estilos mais direcionados, a saber: lista de enunciados e texto, são mais produtivos e favorecedores no processo de palatalização em Santana do Ipanema.

Na ordem de relevância estabelecida pelo programa Goldvarb X, o grupo de fator referente ao sexo dos colaboradores foi eliminado, visto que não houve uma boa margem de valores que justificassem o favorecimento de um dos sexos.

Os valores apresentados na tabela 3 demonstram que a variável sexo não exerce, de modo geral, grande influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, uma vez que ambos se comportam de forma semelhante quanto ao processo de palatalização.

Apesar de o sexo masculino apresentar maior número de realizações palatalizadas, a saber 41 dentre as 370 ocorrências registradas, alcançando um percentual de 11,1%, não é possível afirmar que o gênero masculino seja mais produtivo no que se refere ao processo. Dessa forma, não podemos afirmar com base nos percentuais obtidos que um ou outro sexo seja mais produtivo em relação ao processo de palatalização das oclusivas alveolares.

Esse resultado contradiz outras pesquisas realizadas sobre a palatalização progressiva das oclusivas alveolares, que têm revelado uma maior utilização das formas palatalizadas pelos membros masculinos (Henrique e Hora, 2012; Souza Neto,; Oliveira, 2017 ; Oliveira, Oliveira e Paula, 2018). No entanto, se assemelha aos resultados obtidos em



Oliveira e Oliveira (2021), em que a variável gênero também não mostrou significância estatística, sendo eliminado das rodadas pelo programa R.

Dado o fato de que a variável sexo não influencia diretamente o processo de palatalização das oclusivas alveolares, nossa hipótese inicial de que o gênero masculino favorece tal processo não foi corroborada. Concluimos que, diferentemente de Maceió, em Santana do Ipanema, o sexo do colaborador não interfere de forma incisiva no processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo.

2.5. Variáveis linguísticas

A variável tonicidade foi o primeiro grupo de fatores, no contexto analisado, a ser selecionado pelo programa Goldvarb X como expressivo estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, ou seja, foi o grupo de fatores que apresentou maior influência no processo de palatalização em que a fricativa /S/ estava em posição anterior às oclusivas. Vejamos a tabela a seguir.



Tabela 3 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tonicidade em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Pretônica	1/58	1,7	0.332
Tônica	18/395	4,6	0.309
Postônica	57/281	20,3	0.782
Total	76/734	10,4	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Os valores da tabela 3 confirmam uma maior produtividade da posição postônica no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, sob um percentual de 20,3% de aplicação da regra de palatalização. Os valores referentes à posição tônica são menos significativos com um percentual de 4,6%. A posição pretônica, por fim, se apresenta como a menos produtiva entre os fatores com o percentual de 1,7% das realizações palatalizadas.

Sendo assim, a partir dos valores referentes aos pesos relativos obtidos para esse grupo de fatores observamos que a posição postônica se mostrou favorecedora do processo de palatalização alcançando um índice bastante significativo de 0.782, enquanto a posição tônica e a posição pretônica apresentaram valores abaixo do ponto neutro, sob os índices de 0.309 e 0.332, respectivamente, confirmando seu desfavorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares.



Contrastando os resultados obtidos para esse fator com os dados apresentados no estudo de Oliveira (2017), observamos uma consonância no que diz respeito à posição postônica como favorecedor do processo de palatalização. Em um modelo que analisa a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas, o autor citado aponta para a posição postônica como favorecedora do processo, uma vez que das 563 ocorrências obteve 509 realizações palatalizadas, apresentando um percentual bastante elevado de 37,1% e um peso relativo de 0.61, o que demonstra seu favorecimento na aplicação da regra. No que diz respeito à posição tônica, a referida pesquisa obteve um percentual de 14,3% com o valor de peso relativo de 0.43.

Sendo assim, o autor considera a posição tônica como inibidora do processo de palatalização em Maceió, corroborando com os resultados obtidos em Santana do Ipanema. Por fim, a posição pretônica, alcançou um percentual de realizações palatalizadas de 17,3% e um peso relativo de 0.46, demonstrando a não interferência no processo de palatalização em Maceió, o que está em consonância com os resultados obtidos neste estudo, visto que esta posição de acento na sílaba se mostrou inibidora do processo de palatalização em Santana do Ipanema.

Vale ressaltar que o peso relativo, importante índice estatístico, utilizado principalmente em pesquisas sociolinguísticas, resulta de alguns cálculos realizados a partir do valor de chance, ou seja, a quantidade de chances de uma forma se realizar em detrimento da outra. Dessa forma, é



esperado que os valores dos pesos relativos confirmem a indicação da probabilidade.

A variável amanhã da palavra foi o quarto grupo de fatores a ser selecionado pelo programa Goldvarb X como expressivo estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, ou seja, foi considerado o grupo de fatores que menos exerce influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares em palavras com a fricativa /S/. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 4 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho da palavra com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso relativo
Dissílaba	39/328	11,9	0.423
Trissílaba	37/343	10,8	0.574
Total	73/734	10,4	

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Os valores da tabela 4 confirmam uma maior produtividade das palavras com duas sílabas no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, sob um percentual de 11,9%, enquanto as palavras com três sílabas apresentaram um percentual de 10,8% das realizações palatalizadas.

É importante destacar que a diferença discreta entre os valores referentes às palavras com duas e três sílabas, representada na tabela 4, se deu pelo fato de a maior parte das



palavras investigadas se encontrarem nessa configuração. No que diz respeito às palavras com apenas uma sílaba e as palavras com quatro sílabas ou mais, nos defrontamos com um resultado categórico em que não ocorreu nenhuma realização palatalizada nesses contextos.

Ao analisarmos os valores referentes aos pesos relativos obtidos nesta variável, observamos o favorecimento das palavras com três sílabas no processo de palatalização, sob um peso relativo de 0.574. Em contraposição, às palavras com duas sílabas, apresentaram um peso relativo de 0.423, demonstrando que essa configuração de palavras é inibidora do processo de palatalização das oclusivas alveolares na região em estudo.

Ao compararmos os valores obtidos nesta variável com o trabalho realizado por Oliveira (2017) constatamos que no modelo com a aproximante /S/ o tamanho da palavra não exerceu influência sobre o processo de palatalização das oclusivas alveolares. Nesse viés, nosso estudo difere dos da palatalização progressiva em Maceió no que se refere à variável tamanho da palavra, visto que, diferentemente de Maceió, em Santana do Ipanema, no contexto com a fricativa /S/ em posição anterior às oclusivas alveolares, as palavras com 3 sílabas são favorecedoras do processo e as palavras com 2 sílabas o inibem.

A variável fronteira lexical foi eliminada das rodadas no Goldvarb X, pois não apresentou nenhuma ocorrência palatalizada em palavras com fronteira lexical. Sendo assim, a totalidade dos dados de aplicação da regra de palataliza-



ção, no contexto de fricativa /S/, se deu apenas em palavras de não fronteira lexical.

Dentre as 38 ocorrências de palavras em posição de fronteira lexical, como em “depois **do** susto” (5M1) e “através **do** futebol¹⁴” (5M2), não foi encontrada nenhuma realização palatalizada, enquanto as palavras em situação de não fronteira lexical, como em [pawliʃ' tʃɛ] (2M2) e ['gɔʃ-tʃu] (4F2), obtiveram 76 realizações palatalizadas dentre as 696 ocorrências registradas nesse contexto, alcançando o percentual de 10,9% de aplicação da regra de palatalização.

Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que o contexto de fronteira lexical não favorece o processo de palatalização em Santana do Ipanema.

A variável sonoridade foi eliminada das rodadas no Goldvarb X pelo mesmo motivo do fator fronteira lexical. Não houve nenhuma ocorrência palatalizada da variante vozeada. Acreditamos que isto ocorreu por conta do baixo número de ocorrências de palavras que apresentam a oclusiva alveolar vozeada em contexto fonológico progressivo. Sendo assim, a totalidade de aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares se deu apenas nas palavras que apresentaram a oclusiva alveolar desvozeada /t/.

A totalidade de palavras que continham a oclusiva alveolar vozeada /d/ foi baixa, a saber, 69 ocorrências,

14 Os exemplos apresentados foram produzidos por dois colaboradores do sexo masculino pertencentes à primeira faixa etária e segunda faixa etária, respectivamente. Os trechos destacados representam a situação de fronteira lexical em que a fricativa /S/ encontra-se em posição final de palavra e a oclusiva /t/ inicia a palavra seguinte.



das quais não houve nenhuma produção de sua variante palatalizada. Por outro lado, a ocorrência de palavras que apresentaram a oclusiva alveolar vozeada /t/ foi bastante significativa, a saber, 665 ocorrências, das quais 76 foram produções palatalizadas, alcançando o percentual de 11,4% de aplicação da regra de palatalização. Por esse motivo, seguimos as análises observando apenas o comportamento da oclusiva alveolar /t/ em contexto fonológico progressivo em Santana do Ipanema.

Vale ressaltar que na pesquisa de Santos (1996) realizada em Maceió, aconteceu situação semelhante, em suas mais de 16 mil ocorrências linguísticas registradas, a autora não identificou nenhuma realização palatalizada da consoante vozeada [d] ocasionando o descarte desta variante e direcionando sua pesquisa para a análise somente de oclusiva alveolar desvozeada [t].

De acordo com os apontamentos de Oliveira (2017) tem-se que a consoante desvozeada é favorecedora do processo de palatalização em Maceió, o que está em consonância com os resultados obtidos nesta pesquisa, uma vez que os percentuais obtidos aqui demonstram a mesma tendência de aplicação da regra de palatalização. Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que a oclusiva desvozeada favorece o processo de palatalização em Santana do Ipanema, enquanto a sua equivalente vozeada inibe este processo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi apresentar uma análise variacionista dos processos de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, com o intuito de investigar e descrever as correlações linguísticas e sociais que condicionam o processo.

Considerando a correlação resultante de análise estatística dos dados entre o processo de palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em posição de gatilho com as variáveis linguísticas e sociais, podemos salientar que: (i) a idade do colaborador influencia o processo, uma vez que os participantes mais velhos tendem a usar mais a variante palatalizada; (ii) a posição postônica favorece o processo; (iii) as palavras com três sílabas favorecem o processo em contexto de fricativa; (iv) o estilo intermediário, ou seja, a leitura de texto influencia o processo; (v) apesar de o gênero do colaborador não influenciar o processo, há uma produtividade maior do gênero masculino em contexto de fricativa e (vi) o contexto de fronteira lexical inibe o processo.

Comparando os dados desta pesquisa com os resultados de Oliveira (2017), que investigou o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, capital alagoana, observamos uma redução de uso significativa, caindo de 19,1% para 10,4%. Ou seja, o contraste com um estudo feito há cinco anos, demonstra que o fenômeno da palatalização progressiva apresenta um uso mais acentuado na capital que no interior do estado.



REFERÊNCIAS

CARVALHO, Nelly. 2000. **A Língua do Nordeste**. < Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/linguane.html>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

DE PAULA, A; PELAYES, G, T. Questão de tempo: a idade e o processo de palatalização progressiva em Santana do Ipanema. **Revista Diálogos**. v. 11. n. 2. 2023.

GUY, G.R. & ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, G.R. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. v. 28 e 29. p. 17-32. **Organon. Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, Porto Alegre, 2000.

HENRIQUE, P; HORA, D. Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense. In: **XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: La Société Linguistique de Paris, 1921.

MOTA, J; ROLEMBERG, V. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, D. da. (Org.) **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: **Ideia**, 1997. p. 131 - 140.



OLIVEIRA, A. A. de; FALCÃO, A. B. Avaliações acerca da palatalização progressiva por estudantes universitários. **Signum**. Estudos da linguagem. v.26. n. 12. p. 104-117. Londrina, 2023.

OLIVEIRA, A. A. **Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

OLIVEIRA, A. OLIVEIRA, A. J. de. Variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas. **Revista Alfa**, v.65. São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, A; OLIVEIRA, A. J. DE PAULA, A.S. Palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Maceió. **Revista Leitura**. v. 1, n. 60. 2018.

PAGOTTO, E. G. **Variação é identidade**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PELAYES, G, T. Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Santana do Ipanema. **Revista Moara**. n. 65. p. 51-71. 2023.

PELAYES, G, T. Palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Santana do Ipanema. **Revista Moara**. n. 65. p. 51-71. 2023.

SANTOS, L. de F. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 1996.

SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014.



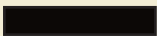
SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **Acessando o significado social da palatalização /t, d/**. (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 14, n. 29, p. 208-226, 2020.

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. - 1. ed. - Parábola Editorial: São Paulo, 2006.

WIEDEMER, M, L. **As faces da comunidade de fala**. Revista de Letras, Artes e Comunicação. v. 2. n. 1. p. 21-35. Blumenau: 2008.





CAPÍTULO 3

A REALIZAÇÃO DOS PRONOMES TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SERRA DAS VIÚVAS

*Maria Helena Menezes de Souza*¹⁵

INTRODUÇÃO

A variação da segunda pessoa do singular no Brasil é um fenômeno linguístico vastamente explorado em pesquisas Sociolinguísticas. Scherre *et al.* (2015) e Scherre, Andrade Catão (2020) produziram levantamentos de estudos sociolinguísticos no país, mapearam as ocorrências de *tu com concordância*, *tu sem concordância*, *você*, *ocê* e *cê* por regiões. Nos resultados, foi verificado que existe a variação de *tu* e *você* no amplo território nacional, mas, de modo geral, os falantes optam preferencialmente pela variante *você*.

Em relação ao uso do pronome *tu*, os falantes do português brasileiro fazem uso da forma acompanhada da concordância verbal de segunda pessoa do singular e também sem concordância, sendo que a ausência de concordância verbal com a segunda pessoa do singular é mais frequente. O mapeamento sociolinguístico de Scherre An-



15 Profa. Dra. em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL.
Orcid: 0000-0001-7588-171X.

drade e Catão (2020) também mostrou que as variantes *ocê* e *cê* competem com formas as formas *tu* e *você*, entretanto, ocorrem com menos frequência. O estudo constatou que a forma *ocê* é mais frequente em áreas interioranas e *cê* em áreas urbanizadas.

A pesquisa evidenciou que dentro região Nordeste há predominância da utilização da variante *você* em Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. No Ceará, há disputa equilibrada entre *você* e *tu* sem concordância. Na Bahia, apesar da preferência pela variante *você* em várias amostras, em algumas há divergências, uma vez que a amostra de Santo Antônio de Jesus e Jitiúna apresentam-se com mais utilização de *tu* sem concordância. No Maranhão há variação equilibrada entre *você* e *tu* sem concordância, também existe no estado realizações de *tu* com concordância, mas com percentuais inferiores.

Em Alagoas a situação se repete, os alagoanos elegem a forma *você* como variante preferida para representar a segunda pessoa do singular. As pesquisas de Tenório (2002) e Vitória (2018) no estado de Alagoas, especificamente na cidade de Maceió, mostraram que os falantes da capital fazem mais uso da variante *você*. Silva (2019) realizou um estudo na região Agreste do estado e também constatou que apesar de utilizarem o pronome *tu* sem concordância verbal, os informantes preferem utilizar a forma *você*. Silva, W., (2020) em sua investigação selecionou 8 municípios do estado de Alagoas, a saber, Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios, União dos Palmares, Penedo, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres para seu estudo.



Conforme os resultados, em todas as localidades há predominância de uso da variante *você*.

Apesar de vislumbrar a gama de estudos realizados com o fenômeno variável *tu* e *você* na posição de sujeito, entendemos que a necessidade de estudos com essas variantes linguísticas não se encerra, pelo contrário, os estudos acima descritos são estímulos para as pesquisas nas demais localidades que ainda não foram pesquisadas. Sendo assim, consideramos importante a exploração de novos dados nos diferentes municípios do estado de Alagoas, principalmente, em municípios distantes dos grandes centros urbanos, como é o caso da comunidade quilombola Serra das Viúvas, localizada na região do alto sertão alagoano a 300 km de Maceió.



3.1. Comunidade Quilombola Serra das Viúvas

Serra das Viúvas é uma comunidade interiorana, localizada na região do Alto Sertão alagoano, no município de Água Branca. Desde o ano 2000, a comunidade é destaque na cidade de Água Branca pela confecção de artesanato com palha de Ouricuri, cipó e fibra de bananeira. O artesanato foi estímulo para que os artesãos formassem um grupo e comesçassem a expandir a produção e a comercialização dos itens confeccionados. Aos poucos, o grupo percebeu que os traços de raízes africanas existentes dentro da comunidade sinalizavam a remanescência quilombola. Iniciaram o processo de reconhecimento de sua identidade, e em setembro de 2009 receberam o título de comunidade

quilombola. Em 2010, o grupo de artesão que havia sido formado anteriormente foi juridicamente reconhecido e recebeu o nome de Associação das Mulheres Artesãs Quilombolas. Apesar do nome, a associação agregava homens e mulheres. Atualmente, a Associação possui 46 integrantes, são mulheres de 18 a 55 anos de idade.

De acordo com relatos dos moradores da comunidade, no início da povoação a comunidade era residida por três famílias, quando os maridos foram a óbito, a comunidade passou a ser liderada por três viúvas. Deste fato surge o nome da localidade, Serra das Viúvas, que possui 90 famílias e 230 habitantes. Os meios para a sobrevivência são extraídos da agricultura familiar e do artesanato. Além da produção do artesanato, os quilombolas cultivam suas plantações de grãos, raízes, frutas e hortaliças. Embora seja reconhecida internacionalmente, a comunidade tem necessidades básicas que ainda não foram supridas. Os quilombolas não possuem Unidade Básica de Saúde dentro do povoado, saneamento básico e água encanada. As estradas que dão acesso à comunidade não são totalmente asfaltadas, nos períodos das chuvas a acessibilidade fica prejudicada. Dentro da comunidade, há uma escola que possui apenas uma sala de aula. Os funcionários não são todos quilombolas e o ensino ainda é multisseriado. A escola atende até o segundo ano do ensino fundamental.

Como herança de matriz africana, a comunidade também preserva a culinária e a dança do coco. A comunidade celebra no mês de novembro a Festa da Consciência Negra e a Festa da Padroeira da comunidade, Santa Cecília. Os

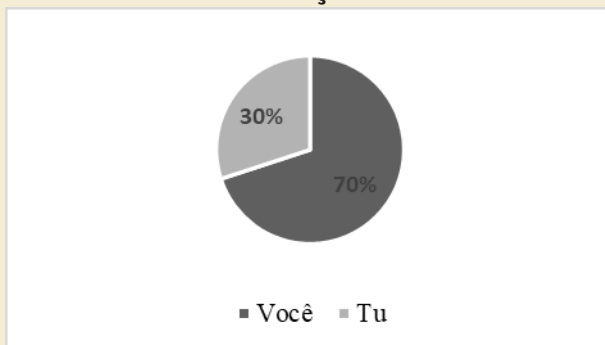


eventos realizados na comunidade são ocasiões propícias para o preparo das comidas típicas. Apesar do potencial cultural, artístico, gastronômico e turístico da comunidade, os quilombolas buscam desenvolver e explorar as potencialidades existentes, visando o desenvolvimento social e econômico do povoado, para diminuir a situação complexa da desigualdade social.

3.2. Análise e descrição dos dados

Realizamos a descrição do comportamento variável da aplicação de *tu e você* posição de sujeito na fala da comunidade quilombola Serra das Viúvas, com o intuito de verificar a frequência de uso das variantes, bem como constatar as variáveis que condicionam as escolhas linguísticas dos falantes quilombolas. Para a obtenção dos dados, utilizamos o programa computacional Goldvarb X, a rodada levou em consideração as ocorrências de *tu e você* na posição de sujeito. Realizamos os testes para comparar a frequência de realizações e observar quais variáveis linguísticas e/ou sociais estão condicionando a aplicação de uma ou de outra variante. O Goldvarb X nos deu os resultados do gráfico 1.



Gráfico 1: Realizações de *tu* e *você*

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Nos resultados que o programa computacional apresentou, observamos a preferência dos falantes quilombolas pelo pronome *você*, mas, também usam um percentual expressivo de *tu*. O Goldvarb X mostrou um total de 294 realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular, divididos em 206 ocorrências do pronome *você* correspondentes a 70% de aplicação, e 88 realizações do pronome *tu* sem concordância, totalizando 30% de frequência.

Os resultados desta pesquisa vão ao encontro da pesquisa de Silva (2019) e W, Silva., (2020), pois mostram maior porcentagem de uso da variante *você*. Em relação à realização ao uso de *tu*, nossos dados contrariam as pesquisas até aqui realizadas em Alagoas, que captaram poucas realizações da variante *tu* em comunidades de fala alagoanas, com exceção da pesquisa de Silva (2019), que utilizou a metodologia de coleta D2 e conseguiu captar um uso expressivo da variante *tu*.



3.3. Variáveis estatisticamente significativas

Selecionamos as variáveis sociais *faixa etária*, *sexo/gênero*, *escolaridade*, *tipo de relação entre os falantes*, *relações entre sexos* e *relações entre faixas etárias*, bem como as variáveis linguísticas *determinação do referente* e *paralelismo pronominal*. O programa computacional Goldvarb X selecionou as variáveis *escolaridade*, *tipo de relação entre os falantes*, *sexo/gênero*, *paralelismo pronominal* e *relações entre faixas etárias* como estatisticamente significativas, e as variáveis *relações entre sexos* e *faixa etária* foram descartadas, todas segundo a ordem de significância apresentada pelo programa. Na variável *determinação do referente* houve nocaute.

3.3.1 A variável escolaridade

Ao contrário das pesquisas Sociolinguísticas com fenômenos variáveis, a variável escolaridade neste estudo não segue o padrão tradicional de estratificação dos trabalhos que abordam o problema dos fatores condicionantes. A ausência de informantes que pudessem compor uma variável com ortogonalidade, isto é, a uniformidade no número de células impossibilitou a composição de uma variável homogênea. O nível de escolarização dos informantes desta pesquisa é heterogêneo e como a comunidade investigada é pequena e possui pouco mais de duzentos moradores, considerando a ausência de informantes para compor algumas células sociais, adaptamos esta variável a realidade da



comunidade. A decisão foi tomada em virtude da relevância da variável escolaridade em outras pesquisas.

A amostra é composta por informantes de vários graus de escolarização, e não podendo organizar o número de células de forma homogênea, fizemos a seguinte separação: os informantes sem nenhuma escolarização em um grupo, este grupo tem um total de sete informantes. Os informantes com o ensino básico, que estudaram até pelo menos a quarta série do ensino fundamental, foram separados em um segundo grupo. O grupo é composto por nove informante. O terceiro grupo possui informantes com ensino fundamental completo, ensino médio incompleto e ensino médio completo, foi composto por oito falantes. Dessa forma, a variável foi organizada em três fatores, a saber *sem escolarização, de um a quatro anos de escolarização, e de nove a doze anos de escolarização*. O programa nos deu os resultados da tabela 1.



Tabela 1 – Variável escolaridade

Escolaridade	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Sem escolarização	37	57	65%	.84	20	57	35%	.16
De um a quatro anos de escolarização	27	135	20%	.32	108	135	80%	.68
De nove a doze anos de escolarização	24	102	23,5%	.53	78	102	76,5%	.47

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

De acordo com os resultados, o fator que mais condiciona o uso da variante *ocê é de um a quatro anos de escolarização* com percentual de 80% e peso relativo .68. Em relação à aplicação do pronome *tu*, os resultados evidenciam grande influência da *ausência de escolarização* na aplicação da variante, uma vez que o fator *sem escolarização* influencia um percentual de 65% de aplicação e peso relativo .84. Ainda em relação à variante *tu*, verificamos que o fator *de nove a doze anos de escolarização* também influencia a aplicação da variante, com percentual de 25,5% e peso relativo .53. O resultado e a significância desta variável mostram a importância de testar a escolarização dos informantes nos estudos sociolinguísticos com fenômenos variáveis.



3.3.2 A variável tipo de relação entre os falantes

Para Brown e Gilman (2003 [1960]), dentro da sociedade encontramos indivíduos que se relacionam por meio de relações simétricas e assimétricas, influenciadas pelo grau de intimidade ou distanciamento entre eles. Para analisar as relações existentes na comunidade quilombola Serra das Viúvas, organizamos os diálogos de forma que houvesse interação entre todas as relações. Os fatores para esta variável foram *esposo/esposa*, *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã*, *vizinha/vizinha* e *pai/filho*. Sendo que as relações *amiga/amiga*, *irmão/irmão*, *irmão/irmã* e *vizinha/vizinha* são simétricas, e as relações *pai/filho* e *esposo/esposa*¹⁶ são

16 Em estudos como o de Silva (2019), a relação *esposo/esposa* é considerada como simétrica, em nosso estudo a relação é tomada como assimétrica, haja vista que os próprios informantes, no processo de gravações

assimétricas. A variável tipo de relação entre os falantes foi a segunda variável considerada estatisticamente significativa e tem os resultados apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Tipo de relação entre os falantes

Tipo de relação entre os falantes	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Amiga/Amiga	7	64	11%	.26	57	64	89%	.74
Irmão/Irmão	19	40	47,5%	.30	21	40	52,5%	.70
Vizinha/Vizinha	30	72	42%	.67	42	72	58%	.33
Esposo/Esposa	17	49	35%	.13	32	49	65%	.87
Irmão/irmã	1	34	3%	.16	33	34	97%	.84
Pai/filho	14	35	40%	.57	21	35	60%	.43

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Os resultados mostram que a relação que mais favoreceu o uso do *você* foi a relação *esposo/esposa* com percentual de 65% e peso relativo .87, o segundo fator que mais condicionou a variante *você* foi a relação *irmão/irmã* que é uma relação simétrica, com percentual de 97% e peso relativo.84. A relação *amiga/amiga* também é uma relação simétrica e favoreceu o uso do pronome *você* com percentual de 89% e peso relativo .74, caso semelhante aconteceu no fator *irmão/irmão* que, apesar de ser uma relação entre iguais, condicionou o uso do *você*, com percentual de 52,5% e .70 de peso relativo.

dos diálogos, afirmavam a preferência pelo uso da variante *você* para se dirigirem ao cónjuge.



Em relação à variante *tu*, observamos que a relação *vizinha/vizinha* condicionou a variante *tu* com percentual de 42% e peso relativo .67. Também observamos o favorecimento pela relação *pai/filho* que é uma relação assimétrica com percentual de 40% e peso relativo .57. Ao avaliar a amostra, constatamos que, em todas as aplicações do pronome de segunda pessoa do singular feitas pelos filhos nessa relação, foi utilizada a expressão *o senhor*. Sendo assim, podemos afirmar que todas as realizações de *tu* que o programa utilizado computou, foram realizadas pelos pais e não pelas duas partes.

3.3.3 A Variável Sexo/gênero

A variável sexo/gênero está dividida nos fatores *masculino* e *feminino* e foi a terceira variável considerada como estatisticamente significativa. Novaes e Siqueira (2020) examinaram seis estudos sociolinguísticos realizados no sertão alagoano para entender a influência da variável sexo/gênero sobre a variedade falada na comunidade. Os autores focalizaram nos fenômenos linguísticos variáveis *você* e *cê*, verbos *ter* e *haver* em sentenças existenciais, *nós* e *a gente* na posição de sujeito, *nós* e *a gente* nas funções de complemento e adjunto, concordância verbal com o pronome *nós* e concordância verbal com o pronome *a gente*.

Dos seis trabalhos observados, apenas a pesquisa que tratava de *nós* e *a gente* na posição do sujeito teve a variável sexo/gênero considerada como estatisticamente significativa. Sendo assim, consideramos importante



entender se o comportamento linguístico dos homens e mulheres quilombolas se assemelham aos da pesquisa de Novaes e Siqueira (2020).

Nesta pesquisa, a variável sexo/gênero foi considerada estatisticamente significativa, e esse fato já mostra um resultado divergente das pesquisas sintetizadas por Novaes e Siqueira (2020), ou seja, há influência do sexo/gênero na aplicação das variantes *tu* e *você* na comunidade estudada, conforme podemos observar nos resultados na tabela 3.

Tabela 3 - Sexo/ Gênero

Sexo/gênero	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Feminino	44	182	24%	.30	138	182	76%	.70
Masculino	44	112	39%	.81	68	112	61%	.19

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Os percentuais e pesos relativos mostram que o fator que favorece a aplicação de *você* é o fator *feminino* com percentual de 76% e peso relativo .70, o fator masculino, por sua vez, favorece o uso do *tu* com percentual de 39% e peso relativo .81.

3.3.4. A variável *paralelismo pronominal*

O paralelismo pronominal postula um padrão de repetição do mesmo pronome em uma mesma sequência discursiva. Sendo a quarta variável considerada estatística-



mente significativa, foi a primeira e única variável linguística que apresentou relevância no programa computacional Goldvarb X. Separamos esta variável nos fatores *realização isolada*, *primeira da série*, *antecedida por tu* e *antecedida por você*. O programa nos mostrou os resultados da tabela 4.

Tabela 4 – Paralelismo Pronominal

Paralelismo pronominal	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Realização isolada	73	229	32%	.55	156	229	69%	.45
Primeira da série	7	26	27%	.53	19	26	73%	.47
Antecedida por você	1	31	3%	.12	30	31	97%	.88
Antecedida por tu	7	8	87,5%	.96	1	8	12,5%	.04

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Conforme a tabela 4, o único fator que favorece a variante *você* é a anteposição de *você* com percentual de 97% e peso relativo .88, conforme podemos observar nos exemplos (1). Em relação à variante *tu*, podemos notar que foi favorecida pelo fator *antecedida por tu* com percentual de 87,5% e peso relativo .96, como exposto nos exemplos (2).

(1) A cidade de Água Branca é uma coisa muito importante, porque uma coisa muito importante de mais, que é aquela igreja com Nossa Senhora da conceição, uma coisa mar linda do mundo, quando você chega na cidade, você já vê uma coisa iluninano, iluninano o sol o tempo a vida toda, porque Nossa Senhora da Conceição



está lá dento daquela igreja, uma coisa muito importante de mais, minina. I19AF
(2) Mais se *tu* achá uma pessoa que dé certo, *tu* num casá não? I21IM

Ainda em relação à variante *tu*, observamos seu favorecimento nos fatores *realização isolada* com percentual 32% e peso relativo .55, como nos mostram os exemplos (3). O fator *primeira da série* também apresentou relevância uma vez que apareceu com percentual de 27% e peso relativo .53, como observamos nos exemplos (4).

(3) Que *tu* acha do abastecimento de água?
I1JF

(4) *Tu* queria Deilso, se Leninha dicesse eu caso cum você, você num queria não?
I21IM



3.3.5. A variável relação entre faixas etárias

A variável relação entre faixas etárias foi a última variável considerada como estatisticamente significativa. Com o objetivo de checar de que forma os falantes se comportam diante de iguais ou diferentes em relação à idade, consideramos a interação entre faixas etárias a partir dos seguintes fatores: *Jovem/Jovem*, *Jovem/Idoso*, *Adulto/Adulto*, *Adulto/Idoso*, *Idoso/Idoso*. Vejamos os resultados para esta variável na tabela 5.

Tabela 5 – Relações entre faixas etárias

Relações entre faixas etárias	Tu				Você			
	Aplic.	Total	Perc.	PR.	Aplic.	Total	Perc.	PR.
Jovem/Jovem	23	91	25%	.21	68	91	75%	.79
Jovem/Idoso	3	25	12%	.89	22	25	88%	.11
Adulto/Adulto	23	81	28%	.75	58	81	72%	.25
Adulto/Idoso	23	66	35%	.20	43	66	65%	.80
Idoso/Idoso	16	31	52%	.93	15	31	48%	.07

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

De acordo com os resultados, o fator que mais condicionou a variante *você* foi *Adulto/Idoso*, com percentual 65% e peso relativo .80, sendo que este fator se refere à uma relação assimétrica. O fator *jovem/jovem* que é uma relação simétrica, também condicionou a aplicação da variante *você*, com percentual de 75% e peso relativo .79. Na variante *tu*, observamos o fator *Idoso/Idoso*, relação simétrica condicionando em 52% e peso relativo .93. O fator *Jovem/Idoso*, relação assimétrica, também favorece a variante *tu* com percentual de 12% e peso relativo .89. Ainda em relação à variante *tu*, podemos notar o fator *Adulto/Adulto* favorecendo sua aplicação, com percentual de 28% e peso relativo .75. Observados os resultados das tabelas 2 e 5, podemos afirmar que na comunidade quilombola Serra das Viúvas, não há um padrão de simetria ou assimetria que condicionem as variantes *tu* e *você*, as formas são condicionadas tanto pelas relações assimétricas quanto pelas relações simétricas.



3.3.6. A variável determinação do referente e o nocaute

A variável determinação do referente está mais concentrada no campo semântico, pois observa se a referência está sendo feita a própria pessoa com quem está dialogando, como em (5) e (6) ou se está fazendo referência a uma segunda pessoa indeterminada, não sendo exatamente as pessoas presentes no diálogo, uma referência generalizada como exposto no exemplo (7):

(5) Você tem roça? I1JF

(6) Tu tem roça? I2JF

(7) E então aí eu achei que foi muito bom celulé e o internet, porque as vezes acontece que a pessoa aduece, está num lugá e não tem nada. Com um celulé você liga pá qualquer pessoa da família, a pessoa pode lhe ajudá porque tá cum celulé. Então, acho que isso, o celulé é bom e o internet também, porque tem canto que não pega o celulé, mais tem internet, o celulé pega, né? Eu achei bom pur essa parte, né, e além disso, tamém tira uma foto, tira uma foto de você pra mandá pa um familiar, tira uma foto pra andá pra qualquer lugá do mundo, né? Uma foto num celulé, né? E aí, eu gostei muito do celulé I19 AF.

Para a análise da variável, consideramos a determinação do referente dividida em dois fatores, correspondendo ao *referente determinado* e *referente indeterminado*. Ao realizar a rodada no programa, nos deparamos com o nocaute da variável. Segundo Guy e Zilles (2007) “um nocaute, na



terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores dependentes” (Guy; Zilles, 2007, p. 158). Quando uma variável aparece com nocaute o programa não consegue processar totalmente os dados, deixando de fazer os cálculos para os pesos relativos e o nível de significância de cada fator.

Ao constatar o nocaute na rodada de *tu* e *você*, foi necessário reservar os resultados do nocaute e organizar uma nova rodada de dados sem a variável determinação do referente, isto é, detectado o nocaute, excluímos a variável determinação do referente, para poder obter os resultados da rodada *tu* e *você*. Vejamos na tabela 6, como se deu o nocaute.

Tabela 6 – Determinação do referente

Determinação do referente	Tu			Você		
	Aplic.	Total	Perc.	Aplic.	Total	Perc.
Referente determinado	88	276	32%	188	276	68%
Referente indeterminado	0	18	0%	18	18	100%

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

De acordo com os resultados, o nocaute aconteceu pelo fato de a variante *tu* acontecer exclusivamente mediante ao referente determinado. A tabela 6 mostra que, das 88 realizações do pronome *tu*, todas foram com *referente determinado*. Conforme os dados, não houve uso de *tu* com referência indeterminada. Na variante *você*, verificamos



que ocorre tanto na referência determinada com percentual de 68%, quanto na referência indeterminada com 100% de ocorrências, das 18 ocorrências do referente indeterminados, todas foram de *você*. A variante *você* acontece tanto com referente determinado quanto com referente indeterminado, mas com preferência da referência determinada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados gerais mostraram que o comportamento linguístico da comunidade quilombola Serra das Viúvas, no que diz respeito à realização da variante *você*, não difere do comportamento observado no sertão alagoano e no amplo território nacional, tendo em vista que a preferência pelo pronome *você* foi constatada. O programa GoldVarb X selecionou as variáveis escolaridade, tipo de relação entre os falantes, sexo/gênero, paralelismo pronominal e relações entre faixas etárias como estatisticamente significativas, e as variáveis relações entre sexos e faixa etária foram descartadas. Na variável determinação do referente ocorreu nocaute.

Nos resultados, verificamos que, na variável escolaridade, o fator que favorece a realização de *você* é de um a quatro anos de escolarização. Na variável tipo de relação entre os falantes, as relações que mais favorecem o uso do *você* são as relações esposo/esposa, irmão/irmã, amiga/amiga e irmão/irmão. Em relação à variante *tu*, a relação vizinha/vizinha e pai/filho condicionam as realizações. Nesta variável, observamos um fato interessante, que parece ser característico da comunidade. A expressão da segunda pessoa do singular



por parte do filho se dirigindo ao pai na relação pai/filho é feita majoritário pelo pronome de tratamento *o senhor*. Isso parece acontecer em sinal de respeito e submissão ao papel social que a figura paterna exerce na comunidade.

Na variável sexo/gênero, o fator que favorece a aplicação de *você* é o fator feminino, o fator masculino por sua vez, condiciona o uso do *tu*. Na variável paralelismo pronominal, o único fator que favorece a variante *você* é a anteposição de *você*. No que diz respeito à variante *tu*, é influenciado pelo fator antecedido por *tu*, realização isolada e primeira da série. A variável relações entre os sexos mostrou que os fatores Adulto/Idoso e Jovem/Jovem condicionam a realização de *você*, e os fatores Idoso/Idoso, Jovem/Idoso e Adulto/Adulto favorecem a aplicação da variante *tu*. Na variável determinação do referente houve nocaute e foi verificado que há um uso categórico de *você* indeterminado, e a variante *tu* acontece majoritariamente como referente determinado.

Ao longo do trabalho, ficou evidente a existência de muitas pesquisas com o fenômeno variável de *tu* e *você*, entretanto muitas comunidades de falas precisam ser estudadas principalmente em Alagoas. Esperamos com esta pesquisa contribuir com mapeamento sociolinguístico do português brasileiro, principalmente em relação às formas de uso da segunda pessoa do singular e despertar o interesse dos pesquisadores da área para o estudo do fenômeno.



REFERÊNCIAS

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: Sebeok, T.A. (ed.) 1960 Style in language. Cambridge- Mass: MIT Press, 2003, p.253-276.

GUY, G.; ZILLES, A. Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NOVAIS, V.; SIQUEIRA, M. A variável sexo/gênero no português falado no sertão alagoano. *Leitura*, [S. l.], n. 66, p. 35–50, 2020. DOI: 10.28998/2317-9945.2020v0n66p35- 50. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/9614>>. Acesso em: 1 set. 2022.

SCHERRE, M. M. P. ANDRADE, C. Q. e CATÃO, R. C. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SILVA, S.O. P. A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Noia, AL. Dissertação de Mestrado e Letras e Linguística. 126 f. il. Programa de pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal de Alagoas. Maceió 2019.

SILVA, W. S. Pronomes de 2ª pessoa do singular em falares alagoanos: uma análise variacionista. TCC (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

TENÓRIO, A. **O uso das formas tu e você em diálogos de maceioenses**. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, 2002.

VITÓRIO, E. G. de S. L. A. **A variação tu e você em Maceió, Alagoas**. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 85-99, maio/ago. 2018.



CAPÍTULO 4

A SEMIVOCALIZAÇÃO DA CONSOANTE LATERAL PALATAL /ʎ/ NO FALAR ALAGOANO

Selma Cruz Santos¹⁷

Alan Jardel de Oliveira¹⁸

INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve o fenômeno da semivocalização da consoante lateral palatal em falares alagoanos no nível fonético-fonológico e investiga que fatores sociais e linguísticos podem atuar nesse processo.

No português brasileiro (PB), há diversos estudos mostrando que a consoante lateral palatal se realiza de forma variável, ora como lateral palatal [ʎ], como em [mu'ʎɛ] e [traba'ʎa]; ora como semivogal [j], como em [mu'jɛ] e [traba'ja] (Santos (2012), Freire (2011), Pinheiro (2009), Soares (2008), Castro (2006) e Madureira (1987-1997-1999). Entretanto, em Alagoas, foram observadas três variantes [ʎ],



17 Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: selma.santos@fale.ufal.com <https://orcid.org/0000-0003-3578-1655>.

18 Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura, Maceió, AL, Brasil. Endereço eletrônico: alanjardel@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0438-1352>.

[j] e [l] (como em [mu'le]). Neste trabalho, daremos ênfase à variante semivocalizada [j].

Os estudos de Castro (2006), Soares (2008), Pinheiro (2012) concordam com a hipótese de Madureira (1987) de que a semivocalização é um processo lexical, sem condicionamento linguístico. Tal hipótese é frequentemente levantada quando surgem, para variáveis linguísticas, resultados estatisticamente significativos, porém sem justificativa teórica. O favorecimento do léxico na semivocalização ocorreria em duas direções: em palavras mais frequentes e em palavras com algum tipo de especialização semântica, envolvendo mudança de significado, como é o caso dos itens 'velho', 'filho' e 'olha'.

Este estudo está fundamentado na teoria da variação e da mudança linguística, desenvolvida, principalmente, por Wienreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Ao contrário de perspectivas teóricas anteriores, que concebiam a língua como homogênea, a sociolinguística propõe a presença de um componente social para a análise linguística e a noção de língua como um sistema heterogêneo, considerando assim a língua de grupos sociais no contexto da comunidade de fala. Além disso, considera variáveis linguísticas e sociais para melhor explicar os fenômenos de variação e mudança linguística. Segundo Wienreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126), fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Conforme Labov (2008 [1972], p. 313): A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras dife-



rentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística. Conforme Labov (2008 [1972]), para alcançarmos a fala vernacular, devemos buscar a elicitación de narrativas de experiência pessoal nas quais os informantes estariam bastante envolvidos emocionalmente, prestando menos atenção à fala.

Labov (2008 [1972]) identifica o que chama de ‘paradoxo do observador’: a pesquisa sociolinguística tem como objetivo a análise da fala menos monitorada, porém, a coleta de entrevistas por meio de gravadores tende a aumentar o monitoramento da fala. Por isso, Labov (2008 [1972]) propõe que uma maneira de superar tal paradoxo é romper os constrangimentos da situação da entrevista com vários procedimentos que desviem a atenção do falante e permitam que o vernáculo emergja.



4.1. Metodologia

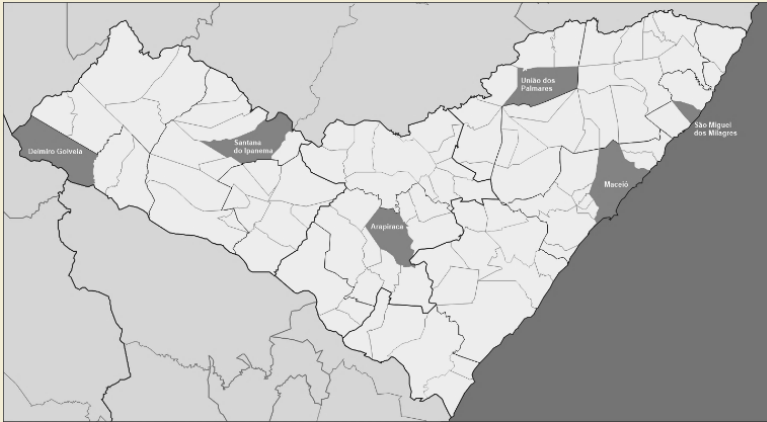
Neste trabalho, adotamos a proposta metodológica da sociolinguística variacionista apresentada principalmente em Labov (2008 [1972]) para a análise de variação e de mudança linguística, a qual prevê a identificação de um processo variável em uma comunidade de fala, a seleção de informantes, a coleta e análise de entrevistas e a análise quantitativa da variação em busca dos fatores que interferem no processo de variação. Esta pesquisa integra o projeto PORTAL – Variação Linguística no Português Alagoano, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de

Alagoas, parecer nº 621.763. O objetivo principal desse projeto é o de compor um banco de dados de falares alagoanos.

Em nossa pesquisa, os dados foram obtidos de gravações de narrativas espontâneas, a partir do banco de dados do projeto PORTAL¹⁹, já que esse recebe menos monitoramento por parte dos falantes. Conforme Labov (2008 [1972]) é a partir da fala menos monitorada (o chamado vernáculo) que se obtém os dados mais sistemáticos para análise da variação linguística. Para alcançarmos a fala vernacular, o autor propõe a elicitación de narrativas de experiência pessoal nas quais os informantes estariam bastante envolvidos emocionalmente, prestando menos atenção à fala. As gravações tiveram duração de 9 e 11 minutos e foram realizadas com 144 informantes, sendo 24 por cidade (Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, Arapiraca, União dos Palmares, Maceió e São Miguel dos Milagres), conforme Mapa 1. Os critérios adotados de inclusão dos informantes foram: i) ter nascido nas cidades investigadas; ii) não ter se ausentado por mais de 1 ano e iii) ter ambos os pais nascidos também nas cidades (preferencialmente). A amostra foi estratificada conforme o quadro 1.



19 <https://www.portuguesalagoano.com.br>.

Mapa 1 - Cidades pesquisadas.

Fonte: Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL.

Quadro 1 – Composição da amostra por cidade.

Sexo/ gênero	Escolaridade	Faixa etária		
		18 a 30 anos	45 a 55 anos	> 65 anos
Masculino	< 9 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
Feminino	< 9 anos	2	2	2
	> 11 anos	2	2	2
TOTAL		24 participantes por cidade		

Fonte: Projeto PORTAL (OLIVEIRA, 2017).

A seleção das ocorrências nos dados foi feita de forma automática, utilizando recursos de editores de textos do *Microsoft Word* (busca e destaque das ocorrências de 'lh'), obtidas as ocorrências analisadas no estudo, foi criado um banco de dados/planilha no *Microsoft Excel*. As entrevistas



foram transcritas de acordo com a ortografia padrão, seguindo as orientações de transcrição do Projeto Portal.

Todas as variáveis linguísticas investigadas neste estudo, foram fundamentadas, principalmente, com base em outros estudos já realizados sobre o tema no PB, como Madureira (1987, 1997, 1999), Castro (2006), Soares (2008), Pinheiro (2009), Freire (2011) e Santos (2012).

O material coletado foi transcrito ortograficamente de acordo com a ortografia padrão, seguindo as orientações de transcrição do Projeto PORTAL. Em seguida, foi feita a transcrição fonética dos itens lexicais com ambiente favorável para a semivocalização, com o auxílio do *software* Praat.

Na análise quantitativa, utilizamos métodos inferenciais de análise estatística (tabelas de contingência, testes univariados e multivariados e métodos de regressão multinível).

A estimação dos efeitos associados às variáveis independentes foi feita utilizando-se de modelos de regressão logística multinível, um modelo multivariado que controla efeitos de variáveis mais agregadas, também chamados de efeitos aleatórios.

A estimativa do quanto da variabilidade observada pode ser explicada pelos níveis mais agregados (indivíduo e item lexical) é obtida por uma medida denominada coeficiente de correlação intraclasse (CCI), utilizado para medir o quanto da variação pode ser explicado pelos níveis mais agregados ‘item lexical’ e ‘indivíduo’ em um modelo de regressão multinível.



A análise estatística foi feita com o auxílio do software R, utilizando os pacotes ‘gmodels’ (para gerar tabelas de contingência) e ‘lme4’ (para regressão logística multinível, Teste da razão da máxima verossimilhança (TRMV) e o Teste de Wald (TW)).

O TRMV analisa a significância estatística entre variáveis independentes, permitindo identificar tais variáveis estatisticamente significativas e hierarquizá-las; já o TW analisa a significância estatística entre fatores no interior das variáveis independentes, permitindo identificar fatores que apresentam efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores em uma variável independente.

4.2. ANÁLISE DOS DADOS

A partir da análise do corpus de fala espontânea constituído por entrevistas de 144 participantes moradores de 6 (seis) cidades alagoanas, identificamos 2.151 (duas mil, cento e cinquenta e uma) ocorrências do processo variável em análise. A tabela 1 mostra a distribuição da variação da consoante lateral palatal [ʎ] e [j].

Tabela 1 - Distribuição das variantes [ʎ], e [j].

Variantes	Total	%
[ʎ]	1723	80,10%
[j]	428	19,90%
Total	2.151	100%

Fonte: elaboração própria, 2024.



Podemos observar que, dentre as ocorrências analisadas, obtivemos 1.723 realizações da lateral palatal [ʎ] (80,10%) e 428 realizações da variante [j] (19,90%). Apresentamos, a seguir, um quadro comparativo dos percentuais desta pesquisa com o dos estudos já realizados no PB.

Quadro 2 - Distribuição comparativa das variantes nos estudos analisados.

Variantes	Madureira (1987-1997) Belo Horizonte (MG)	Castro (2006) Matijão, Jaboticatubas. MG	Soares (2008) Pará	Pinheiro (2009) Belo Horizonte (MG)	Freire (2011) Jacaraú (Paraíba)	Santos (2012) Papagaio (MG)	Este estudo
[ʎ]	86%	40%	59%	70,6%	66,7%	80,3%	80,10%
[y]	14%	60%	7%	21,9%	16,8%	19,7%	19,90%

Fonte: elaboração própria, 2024.

Comparando os resultados de outros estudos com os resultados encontrados neste trabalho, podemos constatar que o comportamento dos falantes alagoanos com relação ao uso das variantes analisadas é relativamente similar, indicando que, no português brasileiro (PB), em geral, há uma preferência pelo uso da variante [ʎ], com exceção de



Castro (2006), que realizou sua pesquisa em uma comunidade de remanescentes quilombolas.

Foram analisadas as variáveis linguísticas ‘contexto seguinte’, ‘contexto anterior’, ‘tonicidade’, ‘tamanho’, e ‘frequência²⁰’, e as variáveis sociais ‘idade’, ‘escolaridade’, ‘sexo’ e ‘cidade’.

Vejamos a análise dos dados das variáveis independentes da semivocalização. A tabela 2 apresenta a significância das variáveis independentes que não apresentaram significância estatística e que deverão ser excluídas do modelo de regressão logística multinível.

Tabela 2 – Análise multivariada de regressão para as variáveis excluídas no processo de semivocalização.

Variáveis excluídas do modelo completo	Significância
Cidade	0,977067
contexto seguinte	0,809121
tamanho da palavra	0,677690
contexto anterior	0,447363
Tonicidade	0,135175

Fonte: elaboração própria, 2024.

A ordem das variáveis na tabela 2 é listada pela ordem crescente da significância. Para a variação entre [ʌ] e [j], verificamos que nenhuma variável linguística apresentou significância estatística (significância < 0,05). Na tabela 3,

²⁰ A variável frequência do item lexical será uma variável contínua e corresponderá ao número de vezes que o item lexical apareceu no corpus.



apresentaremos as variáveis que apresentaram significância estatística para o processo investigado.

Tabela 3 – Análise multivariada de regressão para as variáveis significativas no processo de semivocalização.

Variáveis incluídas no modelo completo	Significância
faixa escolar	0,00000212
faixa etária	0,00015
sexo/gênero	0,01139
Frequência	0,01240

Fonte: elaboração própria, 2024.

A ordem das variáveis na tabela anterior se dá pela ordem crescente da significância. Quanto menor a significância, maior o poder explicativo da variável independente. Não há interação estatisticamente significativa entre as variáveis sociais.

Vejamos os resultados para a variável *faixa escolar*.

Tabela 4 - Variável *faixa escolar* no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).

Faixa escolar	Total [i]+[j]	%[j]	PR	Sig.
≤ 9 anos	1187	29,8%	0,70	0,001
≥ 11anos	964	7,7%	0,30	0,001
Total	2.151	16,6%		

Significância<0,001 Fonte: elaboração própria, 2024.



Observamos na tabela 4 que o processo é favorecido pelas pessoas de *escolaridade* mais baixa (PR=0.70). A *escolaridade* é estatisticamente significativa no processo investigando. Os resultados indicam que o aumento da *escolaridade* leva à diminuição no uso da variante [j]. Para a semivocalização, a *escolaridade* é a variável que tem a maior significância dentre as variáveis significativas. Isso indica que a *escolaridade* exerce grande influência sobre [j]. O resultado corrobora com a literatura que aponta que são os menos escolarizados que tendem a realizar mais a semivocalização (Madureira (1987, 1997), Soares (2008), Freire (2011) e Santos (2012)), o que indica que tal forma é socialmente estigmatizada.

Na tabela 5 e no gráfico 1 apresentamos os resultados obtidos da variável *faixa etária*, vejamos:

Tabela 5 - Variável *faixa etária* no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).

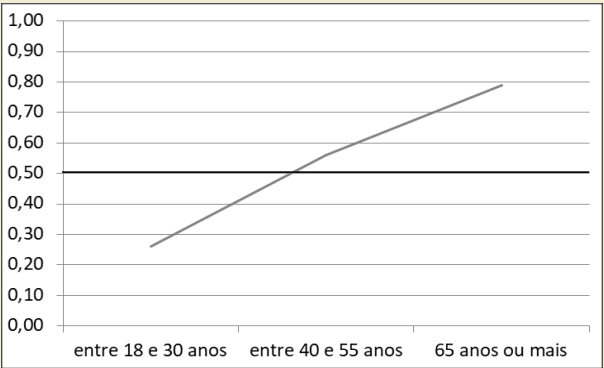
Faixa etária	Total [ʌ]+[j]	%[j]	PR	Sig.
Entre 18 e 30 anos	513	5,3%	0,26	<0,001
Entre 40 e 55 anos	717	15,3%	0,56	0,301
65 anos ou mais	921	31,6%	0,79	0,001
Total	2.151	16,6%		

Significância <0,001

Fonte: elaboração própria, 2024.



Gráfico 1 - Variável *faixa etária* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível).



Fonte: elaboração própria, 2024.

Os resultados expressos na tabela 5 e no gráfico 1 evidenciam que há uma relação diretamente proporcional entre o uso da variante [j] e a faixa etária (quanto maior a faixa etária, maior a utilização de [j]): entre 18 e 30 anos (PR=0,26); entre 40 e 55 anos (PR=0,56) e 65 ou mais (PR=0,79). Segundo Labov (1994), quando formas inovadoras aparecem com frequência na fala de informantes mais jovens e decrescem com a idade, verifica-se uma mudança em progresso. O resultado apresentado corrobora com os estudos de (Freire (2011) e Santos (2012)), apontando que a variante [j] é realizada pelas pessoas idosas.

Na tabela 6 apresentamos os resultados obtidos da variável *sexo/gênero*, vejamos:



Tabela 6 - Variável *sexo/gênero* no processo de *semivocalização* (análise multivariada de regressão logística multinível).

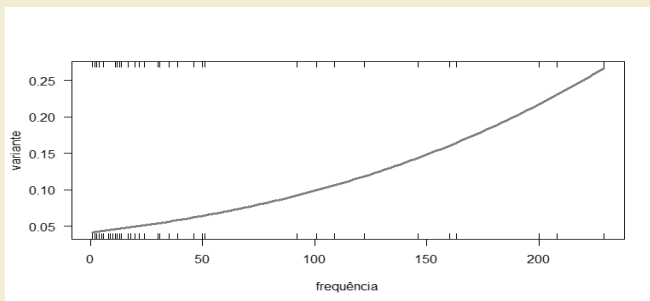
Sexo/Gênero	Total [ɰ]+[j]	%[j]	PR	Sig.
Feminino	1080	16,4%	0,39	0,011
Masculino	1071	23,4%	0,61	0,011
Total	2.151	16,6%		
Significância=0,011		Fonte: elaboração própria, 2024.		

Como podemos observar na tabela 6, a variante [j] é favorecida pelo *sexo/gênero* masculino (PR=0.61) e desfavorecida pelo feminino (PR=0,39). Em relação às variáveis *sexo/gênero* e *faixa etária*, podemos concluir que há um processo de mudança linguística em curso, com tendência ao desaparecimento da variante semivocalizada (o peso relativo para [j] entre os mais jovens é de 0,26; contra 0,56 na faixa etária intermediária e 0,79 entre os mais velhos). Associado a isso, observamos também um favorecimento da variante [j] pelo *sexo/gênero masculino*. Com base nos resultados de outros estudos realizados no Brasil (Soares (2008), Freire (2011) e Santos (2012)) e nos resultados de nosso trabalho, podemos concluir que a semivocalização é, provavelmente, um processo socialmente estigmatizado (realizado, principalmente, pelos homens, idosos e pouco escolarizados) e que tende ao desaparecimento.

No gráfico 2 apresentamos os resultados obtidos da variável *frequência*, vejamos:



Gráfico 2 – Variável *frequência* no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).



Significância=0,012

Fonte: elaboração própria, 2024.

A partir do gráfico 2, podemos observar que há relação estatisticamente significativa entre o aumento da frequência de ocorrência de um item lexical e a semivocalização da lateral palatal. Podemos concluir a partir de nossas análises, que a variante [j] não sofre interferência de nenhuma variável linguística, mas é favorecida por itens lexicais de frequência mais alta. Ou seja, a semivocalização seria um processo sem condicionadores linguísticos e que poderia ser explicado pela frequência das palavras, resultado que vai ao encontro dos obtidos por de Castro (2006), Soares (2008), Pinheiro (2012), que afirmam que o favorecimento do léxico na semivocalização ocorre em palavras mais frequentes, no caso deste trabalho o item mais frequente é “mulher”. Apesar de ser quase consenso que a semivocalização trata-se de um processo lexical, não havia, até então, em nenhum trabalho, testes estatísticos comprovando tal hipótese. Os resultados



limitam-se a apontar um aumento do processo em itens mais frequentes ou semanticamente especializados.

Apresentamos a seguir os resultados para as variáveis agregadas indivíduo e itens lexicais na variável $[\lambda] \sim [j]$. Vejamos os CCI's para tais variáveis.

Tabela 7 - Variáveis de nível agregado no processo de semivocalização (análise multivariada de regressão logística multinível).

Variáveis agregadas	Variância	CCI
itens lexicais	2,355	41,7%
Indivíduo	2,241	40,5%

Fonte: elaboração própria, 2024.

Os resultados para o CCI's dos níveis agregados foram 41,7% para *itens lexicais* e 40,5% para *indivíduo*. Esse resultado implica afirmar que 41,7% da variabilidade entre $[\lambda]$ e $[j]$ podem ser explicados pela variação entre *itens lexicais* e 40,5% pela variação entre os *indivíduos*. No total, temos que 82,2% da variação entre $[\lambda]$ e $[j]$ podem ser explicados pelas variáveis de nível mais agregado, restando somente 17,8% para ser explicado pelas variáveis não agregadas (variáveis independentes linguísticas e sociais).

Madureira (1987), Pinheiro (2009), Freire (2011) e Santos (2012) também concluíram que a semivocalização sofre interferência do *item lexical*. Nosso estudo se destaca por demonstrar, por meio de análise multivariada multinível (controlando efeitos de *indivíduos* e de *itens lexicais*), a atuação da frequência dos *itens lexicais* na semivocalização,



algo que não havia sido demonstrado ainda. Esse estudo atesta, portanto, a hipótese de que a semivocalização ocorre por difusão lexical, atingindo primeiramente as palavras mais frequentes. De acordo com a teoria da difusão lexical (DL), a mudança sonora atingiria cada item individualmente; ela seria foneticamente abrupta e lexicalmente gradual. Conforme a teoria da difusão lexical (DL), a mudança sonora atingiria cada item individualmente; ela seria foneticamente abrupta e lexicalmente gradual, são defensores da teoria da difusão lexical, William S-Y. Wang e Matthew Chen (1975).

A atuação do item lexical na semivocalização foi comprovada ainda pela análise do Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI). Concluimos que a variação entre [ʎ]~[j] é muito influenciada pelos indivíduos e pelos itens lexicais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo analisamos a variação na consoante lateral palatal /ʎ/ no falar alagoano, buscando identificar as variáveis linguísticas e sociais que favorecem a variação em questão. Identificamos 1.723 ocorrências referentes à lateral palatal [ʎ] e 428 ocorrências referentes à variante [j] (semivocalização).

Concluimos que a semivocalização não sofre interferência de variáveis linguísticas, mas é favorecida por *itens lexicais* de *frequência* mais alta no *corpus*. Na análise das variáveis agregadas *item lexical* e *indivíduo*, os resultados mostram a variação entre a semivocalização é muito influenciada pelos *indivíduos* e pelos *itens lexicais*.

Nosso trabalho diferencia-se dos demais por investigar e comprovar estatisticamente a atuação do *item lexical* no processo da semivocalização, visto que nos estudos anteriores os autores não realizaram tal investigação.

Quanto à variável *escolaridade*, concluímos que ela exerce grande influência na semivocalização. Sobre a variável *sexo/gênero*, os resultados apontam favorecimento do *sexo/gênero* masculino na semivocalização. Analisando a variável *faixa etária*, concluímos a semivocalização trata-se de um processo de mudança linguística em progresso, com tendência ao desaparecimento da variante semivocalizada.

Dessa forma, esperamos contribuir não somente para a uma melhor compreensão do processo de semivocalização em Alagoas, como também instigar futuros estudos sobre um sobre a variação da consoante lateral palatal em Alagoas.



REFERÊNCIAS

CASTRO, E. F. **Sobre o uso da semivogal /y/ e a inserção da lateral palatal /ʎ/ no Português Brasileiro**. Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006. (Dissertação de Mestrado).

CHEN, M; WANG, W. S.-Y. Sound Change: Actuation and Implementation. **Language**, v. 51, n. 2, p. 255–281, 1975.

FREIRE, J. B. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2011.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**. Vol. I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

MADUREIRA, E. D. **Difusão lexical e variação fonológica**: o fator semântico. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1, p.5-22, jan./jun. 1997.

MADUREIRA, E. D. **Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

MADUREIRA, E. D. **Reanálise de alguns aspectos da vocalização da lateral palatal no português**. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v8, n1, p.125-145. jan/jun. 1999.

PINHEIRO, N. A. **O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SANTOS, K. B. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SOARES, E. P. M. **As laterais palatal e nasal no falar paraense**: uma análise sociolinguística e fonológica. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil, 2008.

WIENREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.



CAPÍTULO 5

NASALIZAÇÃO DAS VOGAIS SOB AS VISÕES DAS TEORIAS FONOLÓGICAS BÁSICAS E DA SOCIOLINGUÍSTICA

Ana Maria Santos de Mendonça²¹

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, discutimos como as teorias fonológicas básicas – estruturalista, gerativa padrão, autosegmental e a sociolinguística – embasam a explicação do fenômeno da nasalização das vogais no português brasileiro, doravante PB.

Um fenômeno linguístico característico do PB é a nasalização que resulta do contato de uma vogal com uma consoante nasal, como ocorre nas palavras [‘bãku] “banco” e [‘kãma], “cama”. Conforme Câmara Jr. (1970), o português e o francês se diferenciam das outras línguas evoluídas do latim por possuírem uma emissão nasal para a vogal seguida de uma consoante nasal. Nas outras línguas românicas, a nasalidade ocorre levemente, quando a vogal é seguida por uma consoante nasal na sílaba seguinte de um mesmo vocábulo.

21 Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Alagoas-UFAL.



Nesta pesquisa, temos como objetivo apresentar as explicações para a nasalização conforme propostas por diferentes concepções, desde as concepções estruturalistas até as concepções da sociolinguística. Para tanto, trataremos da nasalização a partir dos conceitos estruturalistas, gerativistas, autosegmentais e sociolinguísticos. Por fim, de modo breve, discutiremos as peculiaridades da nasalização fonética no português falado em Alagoas com base na sociolinguística laboviana.

5.1. A nasalização das vogais sob as visões das teorias fonológicas básicas

5.1.1. Estruturalismo

A fonologia de base estruturalista tem como foco o fonema, definido como a menor unidade distintiva do sistema linguístico. Segundo a concepção estruturalista, a língua opera com um conjunto de sons, os fonemas, entidades abstratas (embora psicofísicas) que estabelecem relações de oposições e contrastes. Essas oposições são responsáveis por estabelecer diferenças de significados no interior de um sistema linguístico específico. Os fonemas podem ter realizações diversas em contextos específicos. Essas realizações são os alofones.

A função distintiva dos fonemas é evidenciada por meio dos pares mínimos, pares de palavras que se distinguem entre si em termos de significado por apresentarem uma única diferença fonêmica. A análise de pares mínimos



em uma língua é um procedimento importante para determinar seus fonemas.

No tocante à nasalização, a problemática discutida pelos estruturalistas gira em torno de se as vogais nasais teriam *status* fonológico, ou seja, se o traço nasal seria passível de exercer função distintiva. Para Câmara Jr. (1970), principal representante do estruturalismo no Brasil, as vogais nasais não são de natureza fonológica, dado que não existe oposição entre uma vogal nasal “pura” e uma vogal nasal travada pelo elemento nasal, como em /bõ/ (bon) “bom” e /bon/ (bonne) “boa” pares mínimos no francês.

A partir das concepções estruturalistas, consideramos dois tipos de nasalização. Uma delas é definida como nasalização contrastiva ou fonêmica, por ter função distintiva, e a outra fonética ou contextual, visto que vogais orais e nasais estão em distribuição complementar, isto é, no contexto em que a vogal oral ocorre, uma vogal nasal não ocorrerá.

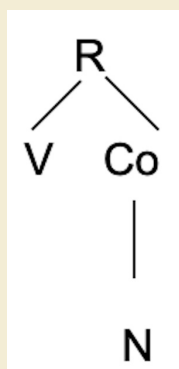
A nasalidade contrastiva resulta do contato de uma vogal oral com uma consoante nasal na mesma sílaba, como em /'kaNto/ [ˈkãtu] “canto” e /'muNdo/ [ˈmũdu] “mundo” que se opõem respectivamente a /'kato/ [ˈkatu] “cato” e /'mudo/ [ˈmudu] “mudo”

Pares mínimos como [ˈkãtu] e [ˈkatu], [ˈmũdu] e [ˈmudu] nos permitem afirmar que, de um ponto de vista fonético, é a nasalidade *versus* a oralidade da vogal que os diferencia. Para Câmara Jr. (1970), é preciso procurar um traço fonêmico a fim de caracterizar as vogais nasais contrastivas.



Esse traço é encontrado na constituição da sílaba, ficando a vogal nasal distintiva entendida como bifonêmica, isto é, um grupo de dois fonemas que se combinam na mesma sílaba: uma vogal oral mais um arquifonema nasal. Podemos compreender melhor essa descrição quando visualizamos a Figura 1.

Figura 1 – Representação fonológica da vogal nasal.



Fonte: Autora (2024).

A nasalidade fonética é transmitida pelo contato da vogal com uma consoante nasal na sílaba subsequente como em [galĩnejru] “galinheiro”, [‘ũnika] “única”, e [‘kõmu] “como”.

A nasalização fonética não estabelece diferença de significado. Não encontraremos [‘kãma] se opondo a *[‘kama], por exemplo. Essa diferença parece não existir no PB, mesmo do ponto de vista da produção, uma vez que a vogal alvo da nasalização, quando acentuada, é obrigatoriamente nasalizada, como apontam os estudos de Wetzels (1997), Abaurre e Pagotto (2013) e Mendonça (2008 e 2015).



Dado o que expusemos aqui, podemos afirmar que a fonologia estruturalista embasa discussões sobre o *status* fonológico das vogais nasais, não tratando do que a fonologia gerativa padrão chamará de processo de nasalização das vogais.

O modelo fonológico estruturalista é limitado, uma vez que não expressa generalizações nos sistemas fonológicos. Nesse modelo, cada fonema é tratado como uma unidade distinta que se relaciona aos seus respectivos alofones em contextos específicos. Essa concepção de fonema como a menor unidade distintiva da língua também é questionada, dado que para os críticos o que opõe pares mínimos como /'pata/ e /'bata/, /'tia/ e /'dia/, e /'kato/ e /'gato/ não são as unidades /p/ e /b/, /t/ e /d/, /k/ e /g/, mas sim o traço voz, ausente em /p,t,k/ e presente em /b,d,g/.



5.1.2. *Fonologia gerativa padrão*

Chomsky e Halle (1968), fundadores da fonologia gerativa, definem o fonema como um conjunto de traços. Nesse modelo teórico, o traço é a propriedade mínima, de caráter acústico-articulatório, capaz de, por meio de sua ausência ou presença, estabelecer diferença de significado entre as palavras.

Na fonologia gerativa, o fonema é materializado por meio de sua representação fonética que consiste em uma matriz de traços, na qual os segmentos são apresentados em colunas e os traços que compõem em linhas. A seguir, apresentamos um exemplo de matriz de traços.

Quadro 1 – Matriz de traços das consoantes nasais e das vogais do PB

	m	n	ɲ	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u	ɪ	ə	ʊ
Consonantal	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Silábico	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Soante	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Contínuo	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Solt. Retardada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nasal	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Anterior	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coronal	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alto	-	-	+	+	-	-	-	-	-	+	+	-	+
Recuado	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	-	+	+
Arredondado	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	+
Baixo	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-	-
Vozeado	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Tenso	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-

Fonte: Adaptado de Silva (1998).

Nesse modelo teórico, as representações são realizadas pela matriz fonológica e pela matriz fonética. A primeira agrupa apenas os traços distintivos existentes na língua em questão, enquanto a segunda agrupa todos os traços distintivos que diferenciam os segmentos.

Os segmentos podem ser agrupados de acordo com as similaridades das propriedades ausentes ou presentes, ou seja, dos traços que possuem ou não. Assim, os fonemas nasais /m/, /n/ e /ɲ/ podem ser agrupados pela presença,

dentre outros, dos traços consonantal, soante e nasal e pela ausência, dentre outros, dos traços silábico e contínuo.

O modelo gerativo põe em foco uma teoria exclusiva de traços distintivos e redundantes, os quais oferecem os elementos para a elaboração de regras que, a partir de estruturas subjacentes, geram estruturas de superfície. (Bisol, 2006).

Isso ocorre com as vogais nasalizadas do PB. No nível profundo, não há vogais nasais. A vogal nasal é de caráter fonético, gerada por meio de uma regra ou regras a partir do encontro de uma vogal oral com uma consoante nasal.

Vale observar que a teoria gerativa padrão sofre diversas críticas por não dar conta de alguns fenômenos fonológicos, tanto segmentais como prosódicos, encontrados nas línguas do mundo.



5.1.3. *Fonologia autossegmental*

A fonologia autossegmental foi desenvolvida por Goldsmith em 1976. Assim como a fonologia gerativa padrão, a fonologia autossegmental concebe o fonema como uma unidade composta de traços. No entanto, para esta, não há uma relação direta entre o segmento e a matriz de traços ou entre a matriz de traços e o segmento. Como consequência desse entendimento, os traços podem ir além ou aquém de um segmento e o apagamento de um segmento necessariamente não leva ao desaparecimento de todos os traços que o compõem, visto que estes podem vir a ligar-se

a outro segmento ou permanecer flutuando e influenciar na realização fonética de outros segmentos.

O modelo teórico em questão defende que os traços são estruturados em classes que se combinam de vários modos para formar unidades de nível maior, isto é, as consoantes e as vogais, além de segmentos subespecificados. Cada classe de traço corresponde a um articulador independente do trato vocal (a língua, os lábios, o velum, a glote, etc). O nível de organização agrupa essas classes menores em classes maiores, correspondendo à composição de estruturas articulatórias, tais como a cavidade oral ou a laríngea. A estrutura resultante forma uma hierarquia de traços completa. (Clements, 2004).

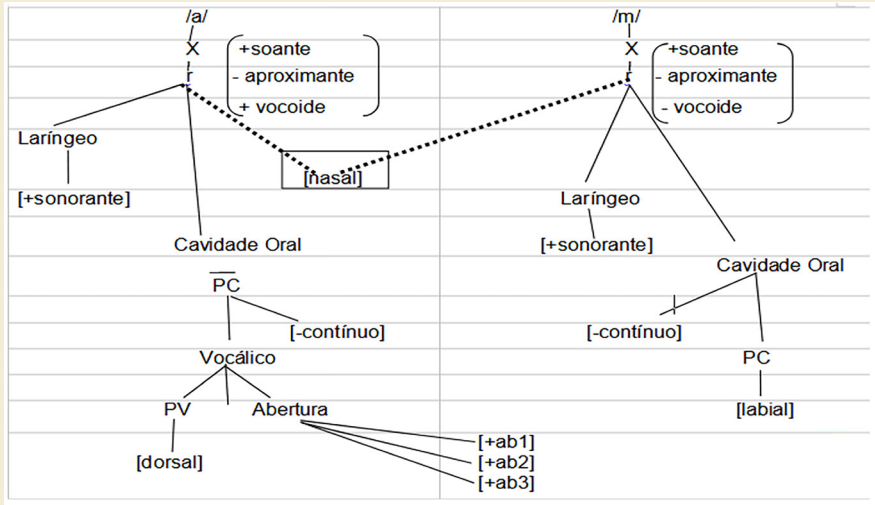
A disposição dos traços em camadas possibilita o seu funcionamento de modo independente, bem como em conjuntos solidários. Essa estrutura interna dos segmentos permite demonstrar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo. A existência de cada nó de classe não é aleatória, ou seja, os nós têm razões de existir quando há comprovação de que os traços que estão sob o seu domínio funcionam como uma unidade em regras fonológicas. (Matzenauer, 1996).

Os processos fonológicos são operações aplicadas à fala por meio de regras fonológicas. A aplicação de uma regra fonológica ou mais de uma regra passa por um processo de derivação, o que resulta em uma forma derivada na superfície. Isso ocorre com as vogais orais no nível subjacente, que, quando assimila o traço nasal, são representadas, no nível fonético, como vogais nasais. Abaixo,



ilustramos o processo de nasalização das vogais no PB, conforme a geometria de traço.

Figura 2 – Representação de processo de assimilação do nó nasal, segundo a geometria de traço.



Fonte: Autora, 2024.

De acordo com a visão autosegmental, no processo de nasalização, o nó nasal é compartilhado pela consoante nasal e pela vogal que no nível subjacente não possui esse traço. A noção de traço e a organização destes, apresentadas pela teoria autosegmental, parecem mais adequadas para fundamentar a nasalização das vogais, uma vez que nesse fenômeno é observado o comportamento do traço nasal, que vai além ou aquém do segmento nasal que o contém, mesmo quando esse segmento é apagado como em /'kaNto/ ['kātu] (canto).

5.2. A nasalização das vogais sob a visão da sociolinguística

Labov (2008[1972]) define a língua como um sistema heterogêneo, isto é, um sistema que contém regras variáveis. A aplicação dessas regras é motivada por fatores sociais e/ou linguísticos. No PB, por exemplo, a regra de nasalização fonética é de aplicação variável. Quando a regra é aplicada, resulta em uma vogal nasalizada, como em [kã'mada] (camada). Quando não há a aplicação da regra, a vogal permanece oral como em [ka'mada] (camada).

Nesta seção, apresentamos, de modo breve, um estudo do processo de nasalização fonética de vogais átonas seguidas das consoantes nasais coronal [n] e bilabial [m] no português falado em Alagoas. Com base na teoria da variação linguística, foram analisados dados de informantes de oito cidades alagoanas: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares. Foi estudada uma amostra composta de 192 informantes, sendo 24 por cidade estudada, estratificados por sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Os dados foram submetidos a uma análise estatística realizada no software R no qual foi usado o modelo de regressão multinível. Nesse modelo, além de testar as variáveis uma a uma, por meio do teste da verossimilhança, foram controladas também as variáveis “indivíduo”, “cidade” e “item lexical” em um nível mais agregado para que o efeito das variáveis sociais e linguísticas não fosse superestimado.



Quanto aos resultados, foi constatado que, dos 7.713 dados analisados, 58.4% sofreram o processo de nasalização conforme Tabela 1.

Tabela 1- Aplicação do processo de nasalização fonética

Variantes	Total	%
Sim	4.506	58.4
Não	3.207	41.6
Total	7.713	

Fonte: Dados da autora, 2019.

Esse resultado foi de encontro à generalização feita por Abaurre e Pagotto (2013[1996]) para quem a nasalização divide o Brasil em Norte e Sul, o Norte nasalizando mais do que o Sul. Os percentuais de nasalização em Alagoas, 58.4%, foram menores do que o percentual do Rio de Janeiro, 59%, de localização mais ao Sul.

No que concerne à relação entre as variáveis independentes e o processo de nasalização, das 12 variáveis testadas, 8 apresentaram associação com o processo, sendo 7 linguísticas e 1 social; 4 das variáveis preliminarmente selecionadas, 3 sociais e uma linguística, não compuseram o modelo final de acordo com a Tabela 2.



Tabela 2 – Variáveis excluídas do modelo final

Variáveis	Significância
Cidade	0.95505
Sexo/gênero	0.549268
Escolaridade	0.311832
Acento secundário	0.075637

Fonte: Dados elaborados pela autora, 2019.

As variáveis sociais excluídas foram “cidade”, “sexo/gênero” e “escolaridade”. A exclusão da variável social “cidade” nos levou ao entendimento de que a nasalização não é marca dialetal nas cidades estudadas, o que significa dizer que, em Alagoas, o processo de nasalização não sofre variação diatópica, enquanto a exclusão das variáveis sociais “sexo/gênero” e “escolaridade” nos levou à seguinte hipótese: às variantes envolvidas no processo de nasalização não é atribuído *status* de positivo ou negativo, dado que, quando as variáveis sexo/gênero e escolaridade estão relacionadas com o processo investigado, podem evidenciar qual das variantes possui maior ou menor prestígio social.

A exclusão da variável linguística “acento secundário” nos levou à conclusão de que não há relação entre o acento secundário e o processo de nasalização de vogais átonas seguidas das consoantes nasais coronal [n] e bilabial [m], o que contrariou a nossa hipótese, pois acreditávamos que o acento secundário, assim como o acento primário, apresentaria relação com a regra de nasalização.



Esse dado permitiu questionar a relação entre o acento primário e a nasalização, o que nos parece possível é a hipótese de que com o alongamento da sílaba, provocado pela acentuação, haveria mais tempo para que a coarticulação da vogal com o segmento nasal se efetuasse. Essa hipótese tem como base o fato de os estudos de Abaurre e Pagotto (2013[1996]), Morelli (1998), Cassique (2002), Rodrigues e Reis (2012) e este trabalho concluírem que a consoante nasal [n] favorece o processo de nasalização. Além disso, Aburre e Pagotto (2013[1996]) e Mendonça (2015, 2017) concluem que a consoante coronal [ɲ] favorece de forma categórica a aplicação da regra de nasalização. Para esses autores, quanto mais posterior a consoante nasal, maior a probabilidade de nasalização. Os resultados do estudo de Mendonça (2017) também confirmam a relação entre aspectos articulatorios e aplicação do processo de nasalização. Segundo essa autora, por questões articulatorias, as vogais seguidas da bilabial [m] são as que menos coarticulam o traço nasal, já as vogais seguidas da coronal menos anterior [ɲ] são as que mais coarticulam esse traço.

A relação entre aspectos articulatorios e aplicação da regra de nasalização poderia nos permitir propor uma explicação diferente da proposta por Wetzels (1997) para o fato de a nasal coronal [ɲ] ser contexto obrigatório na aplicação da regra de nasalização. Esse autor propõe que a nasal coronal /ɲ/ seria um segmento geminado, ou seja, duas consoantes, subjacentemente, uma na coda, outra no *onset* da sílaba seguinte. Aqui defendemos a hipótese de que, na verdade, a explicação seria apenas fonética, devido a movimentos



articulatórios: a consoante nasal coronal [ɲ], das consoantes nasais do português brasileiro, é a mais posterior.

Em relação às variáveis relacionadas com o processo de nasalização, tivemos as variáveis linguísticas “vogal alvo”, “tonicidade na palavra primitiva”, “contexto precedente”, “contexto seguinte”, “vogal seguinte nasal”, “posição da vogal relacionada à tônica” e “juntura morfológica”. A única variável social que apresentou associação com a regra de nasalização foi “idade” conforme Tabela 3.

Tabela 3 -Variáveis incluídas no modelo final

Variável	Significância
Vogal alvo	0,000000000000000002
Tonicidade na palavra primitiva	0,000000000000000002
Contexto precedente	0,000000000000000002
Contexto seguinte	0,00000000000000130
Vogal seguinte nasal	0,000000185
Idade	0,00000465
Posição da vogal relacionada à tônica	0.000128
Juntura morfológica	0.000964

Fonte: Dados elaborados pela autora, 2019.

No que concerne ao grupo de fatores “vogais alvo”, concluímos que as vogais [o] e [a] favorecem o processo de nasalização uma vez que os seus traços [-alto] e [+back] fazem com que, durante a produção dessas vogais, o corpo da língua retraia à posição neutra, o que permite uma simetria da língua com a posição do véu palatino cujo abaixamento é necessário para a produção de segmentos nasais.



Com relação à vogal tônica na primitiva, chegamos ao entendimento de que uma vogal obrigatoriamente nasal, por ser tônica na palavra primitiva, tende a continuar nasal, mesmo diante do deslocamento de acento. Isso ocorre porque o processo de nasalização é intralexical, ou seja, respeita informações morfológicas.

Quanto ao contexto precedente, quando preenchido por uma consoante nasal, favorece o processo de nasalização, o que nos permite concluir que a vogal alvo do processo compartilha o traço [+nasal] espreado tanto da direita para esquerda (nasalização regressiva) quanto da esquerda para direita (nasalização progressiva).

No que diz respeito ao contexto seguinte, o fator consoante nasal coronal [n] favorece o processo de nasalização por questões articulatórias. Considerando que o espraimento da nasalidade é obrigatório quando a vogal é seguida da nasal coronal [n], concluímos que o processo de nasalização é favorecido pela nasal coronal [n] por ela ser articulada mais próximo do palato do que a consoante nasal bilabial [m].

Quanto à juntura morfológica, fronteira de morfemas inibe o processo de nasalização, isso ocorre porque a regra de nasalização respeita informações morfológicas. O processo tende a ocorrer internamente nos níveis morfológicos.

Ainda no campo das variáveis linguísticas, o resultado para as variáveis “vogal seguinte nasal” e “posição da vogal relacionada à tônica” foi oposto ao esperado. Esperávamos que as vogais [+nasal] favorecessem o processo de nasaliza-



ção, posto que, no português brasileiro, uma vogal tende a assimilar a identidade articulatória da vogal adjacente, logo, o contexto vogal alvo seguida por uma vogal [+nasal] seria favorável à regra de nasalização. No entanto, essa hipótese não foi confirmada. Uma explicação para isso pode estar na influência de variáveis não controladas neste trabalho. Quanto à variável “posição da vogal relacionada à tônica”, a hipótese era de que as vogais pretônicas favorecessem o processo de nasalização, dado que são produzidas com maior força expiratória do que as vogais postônicas. Assim sendo, a relação nasalização e acentuação se manteria, já que vogais acentuadas nasalizam categoricamente. Essa hipótese não foi confirmada, os resultados apontam que as vogais postônicas favorecem o processo de nasalização. Não temos explicação para esse resultado, o que é justificado pelo fato de o acento ser um objeto de estudo problemático.

A única variável social relacionada com a nasalização foi idade. Os resultados indicam que a aplicação do processo é inovadora e evidencia a existência de mudança em curso favorecendo a nasalização.

Quanto às variáveis agregadas, não há variabilidade significativa entre os indivíduos nem entre as cidades de acordo com a Tabela 4.



Tabela 4 - Variável de nível agregado no processo de nasalização (análise multivariada de regressão logística multinível)

Variáveis Agregadas	Variância	CCI
itens lexicais	2.2794410	40.9%
indivíduos	0.3985633	10.8%
cidade	0.0004293	0.013 %

Fonte: Dados da autora, (2018).

Esse resultado significa que o processo de nasalização não é explicado por essas duas variáveis. Já o item lexical mostrou uma variabilidade que poderia explicar a regra de nasalização. Após investigarmos os itens lexicais, chegamos à conclusão que essa variabilidade é resultado de processos fonológicos não controlados na análise geral e do fato de uma mesma palavra apresentar associação com fatores de variáveis linguísticas diferentes.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias fonológicas embasam explicações de fenômenos linguísticos como a nasalização. Vimos que com base na teoria fonológica estruturalista foi possível concluir que as vogais nasais não possuem *status* fonológico, uma vez que não há oposição de significado entre uma vogal oral e uma vogal nasal. Já a partir dos conceitos da fonologia gerativa padrão, pode-se explicar que as vogais nasais são formas derivadas das vogais orais devido ao processo de assimilação no qual a vogal oral assimila o traço nasal da consoante nasal seguinte. Por meio dos conceitos da teoria autosseg-

mental, a nasalização das vogais também foi vista como um processo de assimilação, no qual há o compartilhamento do nó nasal entre a vogal e a consoante nasal que a segue.

No que diz respeito à sociolinguística, o processo de nasalização é de caráter variável. Por meio de um estudo realizado com português falado em Alagoas concluiu-se que: i) a sua aplicação em Alagoas está abaixo do esperado para a região Nordeste; ii) a variação envolvendo a regra de nasalização não é diatópica; iii) há pouca influência das variáveis sociais, o que nos levou à hipótese de que o processo de nasalização está abaixo da consciência do falante; iv) apresenta associação com fatores fonético-fonológicos e com fatores morfológicos e v) está em fase de mudança linguística em favor da nasalização.



REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete M; PAGOTTO, Emílio Gozze. **Nasalização Fonética e Variação**. In ABAURRE, M.B (Org.) (2013). Gramática do Português Culto Falado no Brasil. v. VII – A Construção Fonológica da Palavra. São Paulo, Contexto, pp. 141-164.

BISOL, Leda. **Fonologia: uma entrevista com Leda Bisol**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

CÂMARA Jr., J.M (1970). **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 42ª edição (2009).

CASSIQUE, Orlando. **Minina bunita... olhos esverdeados: um estudo variacionista da nasalização vocálica pretônica**

no português falado na cidade de Breves-PA. 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris (1968). **The sound pattern of English.** New York: Harper e Row.

CLEMENTS, George. **Feature Organization. The Encyclopedia of Language and Linguistics**, 2004. Disponível em: <http://nickclements.free.fr/publications/2006b.pdf>

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos** (1972). São Paulo: Parábola, 2008.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. **Introdução à Teoria Fonológica.** In BISOL, Leda (org.) (1996). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** Rio Grande do Sul, Edipucs, pp.11-73. 5ª edição (2014).

MENDONÇA, Ana Maria Santos de (2008). **Aspectos do Processo de Nasalização Automático no PB.** Trabalho de Conclusão de Curso em Linguística. Maceió: UFAL.

MENDONÇA, Ana Maria Santos de (2015). **Aspectos do Processo de Nasalização Automática em Uma Variedade do Português Falado no Recife.** Maceió: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Alagoas.

MENDONÇA, Ana Maria Santos de. **A nasalidade vocálica do português brasileiro: contribuições de uma análise acústica e aerodinâmica da fala.** 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

MORELLI, Teresa Pons. **A regra variável de nasalização da vogal pretônica /a/ na cidade de Pelotas.** 1998. Dissertação



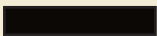
(Mestrado em Linguística) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1998.

RODRIGUES, Doriedson; REIS, Giussany Socorro Campos dos. **Nasalização vocálica pretônica seguida de consoante nasal na sílaba seguinte: variação no português falado no Município de Cametá - Pará.** In: LEE, Seung Hwa (Org.). *Vogais além de BH.* Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Letras-, 2012.

SILVA, Thaïs Cristófar (1998). **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** São Paulo: Contexto. 9ª edição (2009).

WETZELS, W. L. (1997). **The Lexical Representation of Nasality in Brazil Portuguese.** Probus, 92.





CAPÍTULO 6

VARIAÇÃO TU E VOCÊ NA POSIÇÃO DE SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS ALAGOANAS

Suziane de Oliveira Porto Silva²²

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua trajetória, a Língua Portuguesa, originária do Latim, passou por diversas transformações, especialmente em seu sistema pronominal. No latim, as formas *tu* e *vós* eram usadas para a segunda pessoa, mas fatores linguísticos e sócio-históricos levaram a mudanças que culminaram nas formas atuais. A origem do pronome *you* remonta à expressão “Vossa Mercê,” inicialmente utilizada como forma de tratamento para a realeza. Com o tempo, essa expressão sofreu transformações fonéticas, resultando no pronome *you*, fenômeno identificado como gramaticalização (Vital, 1996). Assim, além do *tu*, a língua portuguesa moderna incorpora o *you* para a segunda pessoa do singular.

Com o objetivo de compreender a realidade linguística das comunidades de fala, cada vez mais os estudiosos da língua têm se voltado para investigações linguísticas. Desse



²² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). <https://orcid.org/0000-0002-9941-6238>.

modo, os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular têm sido objeto de estudo em trabalhos variacionistas, especialmente nos últimos anos. Para aprofundar essa compreensão, nossa pesquisa realizou uma literatura sobre o uso desses pronomes em cartas pessoais, identificando fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam essa escolha. Diante disso, identificamos uma lacuna na investigação sobre a variação pronominal em Alagoas, o que representa uma oportunidade relevante para a sociolinguística histórica. Nosso trabalho, então, investiga a trajetória dos pronomes *tu* e *você* em Alagoas, por meio de cartas pessoais.

Com base na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]) e na Teoria do Poder e da Solidariedade (Brown e Gilman, 1960), nossa análise aborda como os pronomes refletem dinâmicas sociais e relações de intimidade e formalidade. Coletamos cartas pessoais de fontes diversas, incluindo correspondências entre Breno Accioly e Mário de Andrade, cartas de Coité do Nóia/AL e do Arquivo Público de Alagoas. A amostra final, composta de 204 cartas, proporciona uma base sólida para compreender a variação pronominal na variedade alagoana, contribuindo para o entendimento da sociolinguística histórica no Brasil.



6.1. Pressupostos teóricos

6.1.1 A Sociolinguística Histórica

Ao longo das últimas décadas, as pesquisas em história das línguas têm se atualizado constantemente, impulsionadas por novas metodologias e aspectos inéditos a serem analisados. Nesse contexto, surge a Sociolinguística Histórica, um subcampo da metodologia sociolinguística voltado para o estudo da língua e da variação linguística em uma perspectiva histórica. Suzanne Romaine, ao investigar textos antigos, observou que esses também apresentavam indícios de variação linguística semelhantes aos da língua falada. Com base nisso, propôs integrar a Sociolinguística Variacionista à Linguística Histórica para investigar processos de variação e mudança linguística em textos escritos. Segundo Romaine (1982), a abordagem laboviana demonstra como dados sincrônicos podem explicar fenômenos do passado (Labov, 2008). Contudo, Romaine destaca que o contrário raramente ocorre, com poucas iniciativas de usar o passado para explicar o presente. Foi a partir dessa perspectiva que a linguista desenvolveu seus estudos, ampliando o diálogo entre sincronia e diacronia.

A Sociolinguística Histórica tem se mostrado bastante relevante no que diz respeito ao enriquecimento do diálogo entre o presente e o passado nas línguas. Uma vez que,

A sociolinguística histórica tem revelado que avanços no nível sincrônico – traçando variação e mudança em andamento, por exemplo



– podem levar a uma melhor compreensão da diacronia – a atuação de mudanças historicamente atestadas – e vice-versa: “o uso do presente para explicar o passado”, nas palavras de Labov, pode ser complementado pelo princípio uniformitarista, na medida em que “se eles são relativamente constantes, os efeitos cotidianos da interação social sobre a gramática e a fonologia [...] hoje da mesma forma que fizeram no passado. (tradução nossa) (Campoy; Conde Silvestre, 2012, p. 2)

Ao estudar a língua do ponto de vista histórico, a Sociolinguística Histórica lida com fundamentos gerais e históricos da mudança linguística a partir da relação existente entre fatores linguísticos e sociais. Desse modo, ela compreende a mudança linguística na competência sociolinguística dentro de um viés histórico, tendo como um de seus principais desafios desenvolver um conjunto de procedimentos que possibilitem a reconstrução da história da língua, mediante ao seu contexto social. Com isso, a Sociolinguística Histórica busca explicar os estágios reais da mudança e a motivação social e linguística que a geraram.



6.1.2 Teoria do Poder e da Solidariedade

A Teoria do Poder e da Solidariedade, proposta por Brown e Gilman (1960), discute como as relações sociais são refletidas no uso dos pronomes e formas de tratamento. Os autores apontam que os traços da organização social de uma comunidade linguística aparecem em sua língua e utilizam os símbolos T e V (do latim *tu* e *vos*) para analisar pronomes

de segunda pessoa, considerando duas dimensões principais: poder e solidariedade.

A relação de poder é definida como assimétrica, sem reciprocidade, onde indivíduos possuem diferentes níveis de poder, estabelecidos por fatores como força física, riqueza, idade e sexo. Nessas relações, quem detém mais poder utiliza T e recebe V. Já a solidariedade é caracterizada por reciprocidade e simetria, com o uso de T aumentando conforme cresce o grau de intimidade entre os interlocutores. Assim, em relações solidárias e íntimas, predomina o T, enquanto V é usado em relações menos íntimas ou formais.

Brown e Gilman (1960) destacam que até o século XIX predominava a semântica do poder, com T associado à condescendência ou intimidade e V à reverência ou formalidade. Contudo, no século XX, as mudanças semânticas revelaram maior uso de T, refletindo o aumento da solidariedade entre os falantes, sinalizando uma transformação nas relações sociais.



6.2 Aspectos metodológicos

A fim de investigar o comportamento linguístico relacionado ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, bem como as estratégias de referência ao interlocutor entre os séculos XX e XXI no estado de Alagoas, realizamos a coleta de cartas escritas por missivistas ilustres e não ilustres naturais do estado. Para a realização da coleta, seguimos critérios de inclusão e exclusão, sendo eles: i) ser de missivistas alagoanos, ii) possuir

data de escrita nas cartas, e iii) conter referências explícitas à segunda pessoa do singular na posição de sujeito. A coleta foi realizada entre julho de 2021 e agosto de 2022 e dividida em cinco momentos distintos.

- i. Cartas de Breno Accioly para Mário de Andrade (1942-1943), do acervo do IEB/USP, totalizando 12 cartas pessoais que refletem amizade e proximidade;
- ii. Cartas de missivistas de Coité do Nória/AL (1970-2003), em sua maioria amorosas, coletadas por doação, totalizando 10 cartas;
- iii. Cartas de missivistas não ilustres (1966-1997), do Arquivo Público de Alagoas, abrangendo relações de amizade e trabalho, com 67 cartas;
- iv. Cartas de Graciliano Ramos (1911-1930), do Arquivo Público de Alagoas, totalizando 14 cartas pessoais que refletem amizade e proximidade.



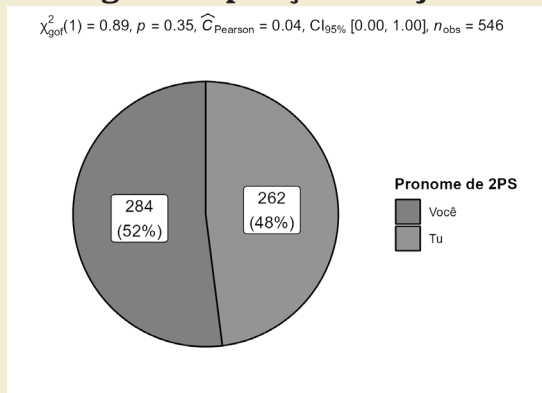
Desse modo, nossa amostra é composta por 204 cartas pessoais de missivistas ilustres e não ilustres, apresentando 546 dados de *tu* e *você*, datadas entre 1910 e 2003, as quais apresentam diferentes tipos de relações pessoais, com maior ou menor grau de proximidade/intimidade entre os missivistas. As cartas coletadas eram em sua maioria manuscritas, com algumas datilografadas, e todas foram transcritas para a realização da nossa análise.

6.3. Resultados e discussões

6.3.1 Variável dependente

Após a leitura e análise das 204 cartas pessoais que compõem a nossa amostra, obtivemos um total de 546 realizações dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito. Dentre eles, 284 realizações do pronome *ocê*, representando 52% de nossos dados, e 262 ocorrências do pronome *tu*, o que representa 48%, conforme exposto no gráfico (1).

Gráfico 1: Distribuição dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular na posição de sujeito na amostra



Esses resultados nos mostram que houve uma distribuição equilibrada dos pronomes de segunda pessoa do singular, não existindo, no primeiro momento, uma preferência por uma ou outra forma. Essa distribuição pode ser atribuída à heterogeneidade de nossa amostra, a qual

abrange diferentes relações entre os missivistas, refletindo a hipótese de que a escolha entre *tu* e *você* é fortemente influenciada por fatores contextuais.

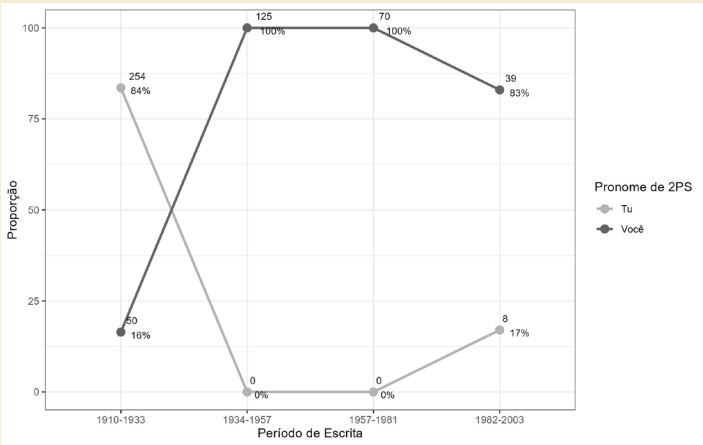
6.3.2. Variáveis independentes

6.3.2.1 Período de escrita da carta

Para analisar a realização dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito ao longo do tempo, controlamos quatro períodos de escrita das cartas pessoais coletadas, a saber: 1910 a 1933, 1934 a 1957, 1957 a 1981 e 1982 a 2003. A partir da análise estatística dos dados, conforme gráfico (2), observamos tendências significativas ao longo dos diferentes períodos de escrita das cartas pessoais.



Gráfico 2: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o período de escrita das cartas



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise dos dados revela que, entre 1910 e 1933, o pronome *tu* predominou entre os missivistas, representando 84% das ocorrências, enquanto *você* apareceu em apenas 16%. Nos períodos subsequentes (1934-1957 e 1957-1981), observou-se uma mudança marcante, com o uso exclusivo de *você*, reflexo de transformações socioculturais e alterações nas normas comunicativas da época. A intensificação do *você* durante esses anos aponta para uma perda gradual de seu caráter cerimonioso, inserindo-o em práticas linguísticas mais amplas. No intervalo de 1982 a 2003, houve uma reintrodução do *tu*, que alcançou 17% das ocorrências. Contudo, o *você* manteve-se como o pronome predominante, sendo utilizado em 83% dos casos, o que sugere uma estabilização de sua preferência, apesar da variação linguística registrada. Esse movimento reflete a manutenção de contextos específicos para o uso do *tu*, mesmo diante da consolidação do *você*.

As oscilações no uso dos pronomes evidenciam uma dinâmica linguística diretamente influenciada por mudanças sociais e culturais. A transição do predomínio do *tu* para o *você* e a posterior reemergência do *tu* mapeiam transformações nas relações interpessoais e na estrutura social em Alagoas ao longo do século XX e início do século XXI.

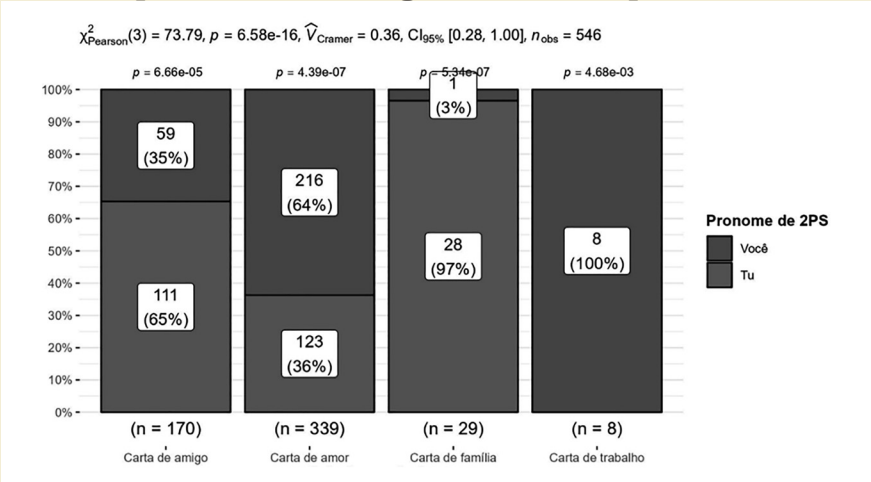
6.3.2.2 Subgênero da carta pessoal

Para observar a influência do subgênero das cartas pessoais na escolha dos pronomes analisados em nosso estudo, controlamos quatro subgêneros, a saber, carta de



amigo, carta de amor, carta de família e carta de trabalho. Após a análise estatística, constatamos que há diferenças estatisticamente significativas na distribuição dos pronomes *tu* e *você* nos subgêneros das cartas pessoais, conforme observamos no gráfico (3).

Gráfico 3: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o período com o subgênero da carta pessoal



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao analisar o subgênero cartas de amigos, observa-se a predominância do pronome *tu* em 65% das ocorrências, enquanto *você* aparece em 35%. Essa preferência reflete a proximidade típica dessas relações, marcadas por maior intimidade e informalidade. Nas cartas de amor, ocorre o inverso: o *você* predomina com 64%, contra 36% do *tu*. Esse resultado desafia a hipótese inicial de que o *tu* seria dominante nesse subgênero, indicando que o *você* pode as-

sociar-se a uma formalidade ou distância emocional mesmo em contextos amorosos. Nas cartas de família, a preferência pelo *tu* é de 97%, em contraste com 3% de *você*. Essa escolha reforça a importância da proximidade nas interações familiares. Nas cartas de trabalho, o uso do *você* é exclusivo. Há também registros de *senhor/senhora* em cartas profissionais ou destinadas aos pais, refletindo um tom mais respeitoso e cerimonioso.

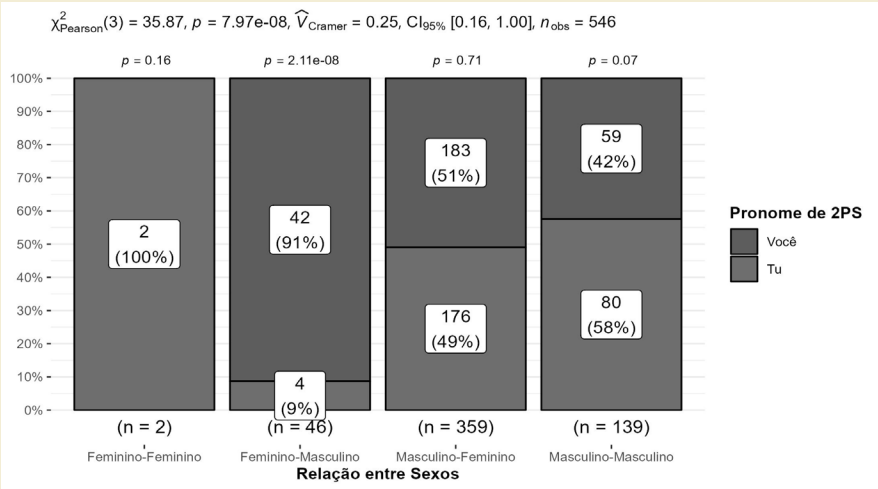
Esses dados mostram que a escolha entre *tu* e *você* está relacionada ao subgênero da carta e ao contexto do relacionamento. Os missivistas demonstram sensibilidade ao ajustar a linguagem conforme o grau de formalidade e proximidade da interação, refletindo tendências sociolinguísticas.



6.3.2.3. Relação entre os sexos dos missivistas

Para a análise da relação entre o sexo dos missivistas, controlamos quatro fatores, a saber: feminino e feminino, feminino e masculino, masculino e feminino, e masculino e masculino. A análise dessas relações permite que possamos observar como as relações entre remetentes e destinatários considerando o sexo dos missivistas podem influenciar a escolha pronominal.

Gráfico 4: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com a relação entre os sexos dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao examinarmos os fatores individualmente, percebemos que, em cartas escritas de feminino para feminino, o pronome *tu* obteve unanimidade, com 100% das ocorrências, refletindo maior intimidade e uma linguagem mais pessoal e direta entre interlocutoras do mesmo sexo. Em cartas de feminino para masculino, houve apenas 9% de ocorrências de *tu* contra 91% de *você*, indicando um distanciamento maior. Nas relações de masculino para feminino, os pronomes apresentaram equilíbrio, com 49% de *tu* e 51% de *você*, enquanto em cartas de masculino para masculino o *tu* prevaleceu com 58%, frente a 42% de *você*, mostrando

maior proximidade, mas com certa variabilidade nas escolhas pronominais.

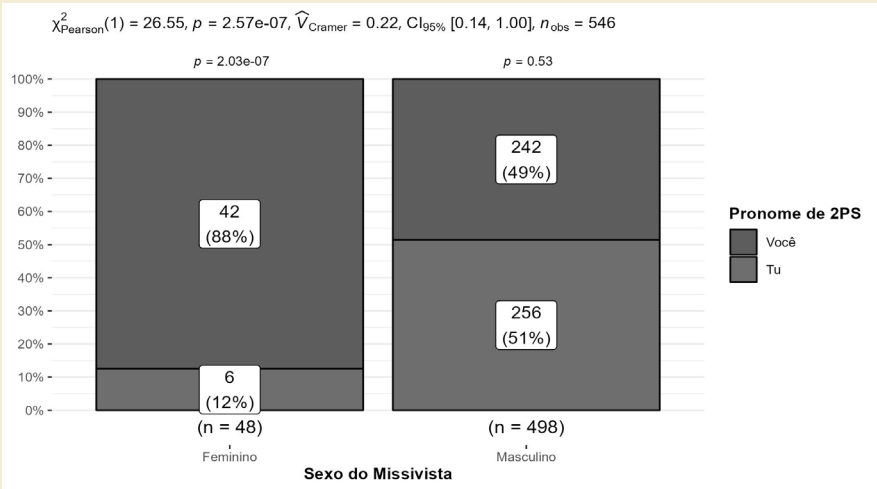
Esses resultados demonstram como as relações existentes entre o sexo dos missivistas podem influenciar na escolha dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular. Através da análise, foi possível perceber uma maior ocorrência do pronome *tu* em relações em que remetente e destinatário possuíam o mesmo sexo, enquanto o *você* teve mais ocorrências na relação feminino para masculino, possivelmente uma relação mais assimétrica.

6.3.2.4. Sexo do missivista

A análise a seguir busca compreender a relação entre o sexo dos missivistas e a escolha do pronome de segunda pessoa do singular na posição de sujeito, uma vez que os estudos sociolinguísticos apontam para diferenças na escolha das formas linguísticas de acordo com essa variável. Os resultados encontrados sugerem que as escolhas de pronomes não são aleatórias, mas influenciadas pelo sexo do missivista, como podemos observar no gráfico (5).



Gráfico 5: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o sexo dos missivistas



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

A análise das escolhas pronominais por sexo revela diferenças marcantes. Entre as missivistas do sexo feminino, o pronome *você* predominou amplamente, com 88% das ocorrências, enquanto o *tu* apareceu em apenas 12%. Essa preferência pode refletir maior adesão a normas sociais que valorizam a formalidade e o prestígio, sugerindo um monitoramento linguístico mais rigoroso e alinhamento a padrões socialmente aceitos. Já entre os missivistas do sexo masculino, houve maior equilíbrio entre os pronomes, com uma leve preferência pelo *tu* 51% em relação ao *você* 49%, evidenciando maior flexibilidade nas escolhas linguísticas.

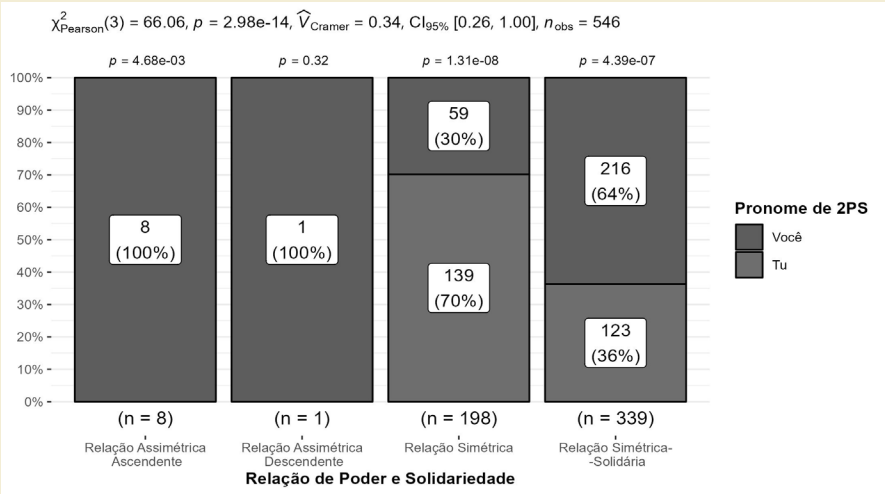
Esse equilíbrio sugere uma maior flexibilidade nas escolhas linguísticas masculinas, indicando menor adesão a normas de prestígio mais rígidas. Homens parecem adaptar-se mais facilmente às variações de contexto e relação interpessoal, permitindo maior diversidade nas formas de tratamento. Esses resultados demonstram que o sexo influencia a escolha pronominal: mulheres tendem a preferir formas prestigiadas, enquanto os homens exibem maior neutralidade. No entanto, outras variáveis também devem ser consideradas para uma compreensão mais ampla do fenômeno.

6.3.2.5. Relação de Poder e Solidariedade

Para analisar as relações de Poder e Solidariedade nas cartas pessoais, baseamo-nos na Teoria do Poder e Solidariedade (Brown, Gilman, 1960) e classificamos as interações em quatro tipos: assimétrica ascendente, assimétrica descendente, simétrica e simétrica-solidária. A revelação que a escolha dos pronomes reflete o tipo de relação interpessoal, sendo influenciada por dinâmicas de poder e solidariedade.



Gráfico 6: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com as relações de Poder e Solidariedade



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Ao analisarmos as relações assimétricas, observamos o uso exclusivo do pronome *você* na relação ascendente e 100% de sua ocorrência na relação descendente. Esses resultados indicam que, em contextos hierárquicos, o *você* prevalece como uma estratégia de formalidade e respeito, reforçando a distância social e o reconhecimento das hierarquias estabelecidas. Nas relações simétricas, identificamos 70% de ocorrência do pronome *tu* e 30% de *você*, sugerindo que o *tu* reflete maior intimidade e proximidade, características de relações igualitárias e familiares. Já na relação simétrica-solidária, o *você* predominou com 64%, enquanto o *tu* apareceu em 36%. Essa prevalência do *você* sugere uma valorização da formalidade, especialmente em

contextos amorosos, onde respeito mútuo e uma abordagem mais cuidadosa desempenham um papel significativo, mesmo em relações próximas.

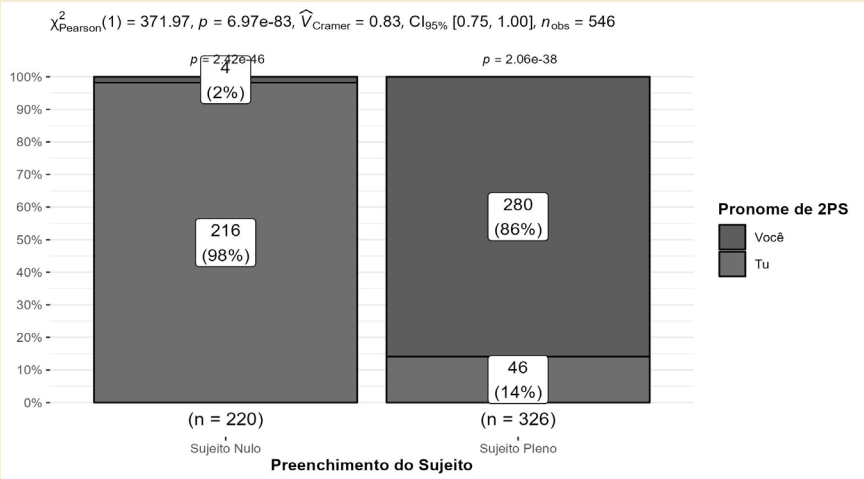
Esses resultados nos mostram que, enquanto as relações assimétricas privilegiam amplamente o *você*, reforçando hierarquias e formalidade, nas relações simétricas e simétricas-solidárias há um maior equilíbrio. Nesse contexto, o *tu* sinaliza maior proximidade, enquanto o *você* mantém um nível de formalidade. Assim, as escolhas pronominais refletem dinâmicas de poder e solidariedade, variando conforme os níveis de proximidade e respeito social.

6.3.2.6. Preenchimento do sujeito

A análise dos resultados estatísticos relacionados ao preenchimento do sujeito nas cartas pessoais da nossa amostra revelou uma tendência significativa nesse grupo de fatores. Identificamos o uso das formas pronominais plenas *tu* e *você* em comparação com o sujeito nulo, caracterizado pela ausência explícita do sujeito e representado apenas pela desinência verbal. Os dados indicam uma diferença estatisticamente relevante na distribuição do preenchimento do sujeito entre *tu* e *você*, demonstrando que essa variação não ocorre por acaso, mas reflete escolhas linguísticas conscientes dos missivistas.



Gráfico 7: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o preenchimento do sujeito



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No que diz respeito ao sujeito nulo, observamos que 98% das ocorrências estão relacionadas ao *tu*, conforme observamos no exemplo (1), enquanto apenas 2% correspondem ao *você*, mostrando que quando o sujeito é omitido a preferência é pelo pronome *tu*. Ao analisar o sujeito pleno, observamos que 86% das ocorrências estão relacionadas ao *você*, conforme observamos no exemplo (2), enquanto apenas 14% estão associadas ao *tu*.

(1) *Ø* é um dos meus presentes mais inesquecível que já tive em até hoje, por isso não quero te perder nunca. (C81)

(2) **Você** terá a bondade de mandar datilografar novamente, corrigindo o que for necessário. (C3)

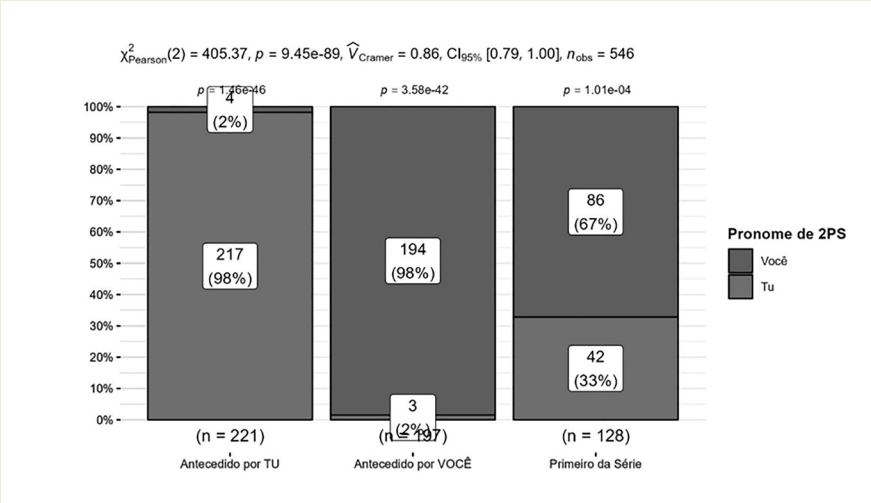
Essas escolhas podem ser consideradas como uma mudança gradual em direção ao preenchimento do sujeito com o pronome *você*, alinhando-se com o exposto por Duarte (1995), que observou que, no decorrer do século XIX, o português brasileiro demonstrava uma tendência a utilizar frequentemente o sujeito nulo. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, começou a ser observada uma transformação gradual em direção ao uso mais frequente do sujeito pleno.

6.3.2.7. Paralelismo Pronominal

Ao analisarmos a variável paralelismo pronominal, identificamos que o paralelismo linguístico, caracterizado pela repetição de uma forma pronominal ao longo do discurso, desempenha um papel relevante na escolha entre *tu* e *você* nas cartas analisadas. Essa repetição reflete uma busca por coerência discursiva por parte dos missivistas. Consideramos três cenários: quando a forma pronominal é antecedida por *tu*, por *você*, ou é a primeira da série. Nossos resultados estatísticos apontaram diferenças significativas entre esses cenários, evidenciando o impacto do paralelismo no discurso.



Gráfico 8: Distribuição dos pronomes 2PS de acordo com o paralelismo pronominal



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

No primeiro cenário, quando uma forma pronomi-
nal é antecedida por *tu*, observamos uma forte tendênci-
a à continuidade do uso de *tu*, conforme exemplo (3), com
98% ocorrências, contra apenas 2% do pronome *você*. Isso
demonstra que, uma vez que o falante tenha escolhido *tu*
como forma inicial, há uma alta probabilidade de manter
essa forma ao longo do discurso. No segundo cenário,
quando a forma pronominal é antecedida por *você*, vemos
uma forte preferência pela continuação de *você*, conforme
exemplo (4), com 98% das ocorrências, contra apenas 2% do
pronome *tu*. Esses resultados indicam que, após a escolha
inicial do pronome utilizado, os missivistas tendem a ade-
rir a essa forma, mantendo a consistência no discurso. No

terceiro cenário observado, que diz respeito à escolha da primeira forma pronominal da série, observamos que 33% dos falantes optam por iniciar com *tu*, conforme exemplo (5), enquanto 67% escolhem o pronome *você*, conforme exemplo (6).

(3) **Tu** compreendes. Sapequei uns dez capítulos (Deus me perdoe) e interrompi a execução.[...] Se **tu** viesses o olhar de agradecimento que ele deu a ela... eu quis detê-los, porque julguei conveniente reler a coisa. (C126)

(4) **Você**, Evaldo Coutinho e José Vieira Coelho, muita gente de fala invisível. Chego a pensar que lhe aborreço escrevendo mas vá me desculpando. [...] **Você** é amigo do Erico? Pergunto porque tenho pretensões na “globo”. (C69)

(5) **Tu** me desculparás eu estar aqui a falar de coisas que não têm absolutamente importância para ti. (C101)

() **Você** deve ter aí uma quantidade enorme de cartas minhas. Às vezes mando duas, três, sem esperar resposta (C149)

Os resultados obtidos reiteram as considerações de Scherre (1998), que ressalta a importância do paralelismo, pois o uso do pronome inicialmente empregado indica uma estratégia de manutenção da coesão e da coerência textual, características essenciais para a comunicação eficaz na escrita.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste estudo permitiu compreender a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular *tu* e *você* em cartas pessoais do estado de Alagoas, evidenciando como fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam suas escolhas. Os dados analisados demonstram que a escolha pronominal não é aleatória, mas reflete dinâmicas sociais e linguísticas que moldaram a língua ao longo do século XX e início do XXI.

Observamos que o *você* tornou-se predominante em determinados contextos, marcando uma transição histórica de um caráter formal e cerimonioso para um uso mais amplo e cotidiano, alinhado às mudanças sociais. Por outro lado, o *tu* resiste em contextos de maior proximidade e intimidade, especialmente em relações familiares e de amizade. Essa variação destaca os pronomes como marcadores de identidade social e relação interpessoal. Fatores linguísticos, como preenchimento do sujeito e paralelismo pronominal, e fatores como sexo, subgênero da carta e período de escrita foram determinantes na distribuição pronominal.

Nosso estudo contribui para ampliar a compreensão o comportamento linguístico em Alagoas, mostrando como ele é marcado pela interação de fatores sociais e linguísticos. Deste modo, concluímos que a variação pronominal observada nas cartas analisadas reflete não apenas escolhas linguísticas, mas também relações interpessoais e mudanças históricas, contribuindo para a compreensão da Sociolinguística Histórica no estado de Alagoas.



REFERÊNCIAS

BROWN, R.; GILMAN, A. **The pronouns of power and solidarity**. In: SEBOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960.

CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J. C. **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. Wiley-Blackwell, 2012.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp. 1995.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

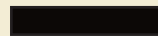
ROMAINE, S. **Socio-historical linguistics: its status and methodology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009 [1982].

SCHERRE, M. **Paralelismo linguístico**. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.29-59, jul./dez. 1998

VITRAL, L. **A forma Cê e a noção de gramaticalização**. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte: UFMG, v. 4, n. 1, p. 116-124, 1996.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. [1968]





CAPÍTULO 7

MONITORAMENTO ESTILÍSTICO E AVALIAÇÃO DE NÓS E A GENTE: O QUE PENSAM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO ALTO SERTÃO ALAGOANO

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vítório²³

INTRODUÇÃO

A língua é um sistema inerentemente variável que se adequa aos diferentes contextos sociais de uso, o que significa considerar que o estilo adotado pelos falantes condiciona a escolha das variantes linguísticas, logo não há falante de estilo único (Labov, 2003), pois, a depender da situação comunicativa, o falante alternará entre um estilo informal e/ou formal. Em situações formais, há uma tendência ao uso de formas linguísticas prestigiadas socialmente pelos falantes; em contraste, em situações informais, essas formas tendem a diminuir, aumentando o uso de variantes consideradas informais pela comunidade.



²³ Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal de Alagoas, e-mail: elyne.vitorio@gmail.com, orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6279-2379>.

Labov (2003) pontua que, em uma comunidade de fala, o uso de variantes informais e formais ocorre de forma regular pelos falantes, com a mudança estilística condicionada por diversos fatores: (i) papéis socioculturais assumidos pelos falantes (professor-aluno, pai-filho, patrão-empregado, amigo-amigo, namorado-namorada, etc.); (ii) assunto tratado (economia, política, viagem, família, religião, etc.); (iii) características socioculturais dos falantes (sexo, gênero, idade, escolaridade, classe social, etc.); domínio em que ocorre a situação comunicativa (trabalho, lar, escola, igreja, praia, shopping, etc.), entre outros.

Levando em consideração que o monitoramento estilístico condiciona o uso da língua, mensuramos como a variação *nós* e *a gente* é avaliada, a partir de um teste de reação subjetiva elaborado em uma gradiência entre fala do dia a dia e fala apresentando seminário. Para tanto, tomamos por base as pesquisas de Feitosa (2017), Siqueira (2018), Alves (2018) e Rodrigues (2018) que mostram que, no alto sertão alagoano, tanto a alternância *nós* e *a gente* nas funções de sujeito, complemento e adjunto quanto a concordância verbal associada a essas formas pronominais configuram-se como regras variáveis, segundo Labov (2003).

Nosso objetivo é analisar a avaliação do uso das variantes *nós* e *a gente* no alto sertão alagoano, tomando por base a relação entre encaixamento social (monitoramento estilístico) e encaixamento linguístico (posições sintáticas e relações de concordância). Para tanto, partimos do pressuposto de que a avaliação das formas linguísticas variantes condiciona a mudança linguística, uma vez que avaliações



negativas tendem a barrar o curso da mudança na língua, portanto, a avaliação é um dos problemas empíricos previstos pela Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

A fim de cumprir o objetivo proposto, o trabalho está organizado da seguinte forma: na seção “Variação *nós* e *a gente* no alto sertão alagoano”, apresentamos o que os estudos sociolinguísticos de produção têm dito sobre esse processo linguístico variável na comunidade do alto sertão alagoano; apresentamos, na seção “Aporte teórico-metodológico”, as bases teóricas e metodológicas consideradas para a realização desta pesquisa; na seção “Análise e discussão dos dados”, descrevemos os resultados que nossa análise nos permitiu chegar; e, na seção “Considerações finais”, encerramos as discussões levantadas.



7.1. Variação *nós* e *a gente* no alto sertão alagoano

Nas variedades do português brasileiro, duas são as formas para representar a primeira pessoa do plural: *nós* – forma conservadora – e *a gente* – forma inovadora. Essas formas variam tanto na função de sujeito quanto nas funções de complemento e adjunto. Na função de sujeito, *nós* e *a gente* podem ainda variar quanto à concordância com o verbo, ocorrendo tanto com o verbo com a desinência de primeira pessoa do plural (doravante, 1PP) – *mos* quanto com o verbo com a desinência de terceira pessoa do singular (doravante, 3PS) – Ø. Nesse contexto linguístico variável, *nós* + 1PP e *a gente* + 3PS apresentariam a concordância pa-

drão, ao passo que *nós* + 3PS e *a gente* + 1PP apresentariam a concordância não padrão.

Em relação à variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito, pesquisas sociolinguísticas (Omena, 2003; Lopes, 1998; Vianna; Lopes, 2015; Vitório, 2017, entre outras) mostram um comportamento variável semelhante nas diversas capitais investigadas, com a forma inovadora *a gente* tendendo a apresentar um percentual maior de realização. Essas pesquisas também mostram a relevância estatística de variáveis linguísticas e sociais nesse processo linguístico variável, a saber, paralelismo formal e discursivo, traço semântico do referente, tempo verbal, saliência fônica, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade e localidade.

No que diz respeito à implementação de *a gente* nas funções de complemento e adjunto, estudos sociolinguísticos (Omena, 2003; Ramos; Bezerra; Rocha, 2009; Tamanine, 2010; Vianna; Lopes, 2012; Vitório, 2017, entre outros) mostram que *a gente*, variante preferida na posição de sujeito, também se encontra em competição com as formas do paradigma do *nós*, encontrando sua porta de entrada no interior do sintagma verbal. Esses estudos também apontam a relevância das variáveis paralelismo formal e discursivo, tipos de núcleo, relações gramaticais, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Quanto à variação na concordância verbal com *nós* e *a gente*, pesquisas sociolinguísticas (cf. Rubio, 2014) pontuam que a concordância com *nós* tende a ser mais variável a depender da comunidade, com percentuais maiores ou menores de emprego das formas verbais de 1PP, ao passo que



a concordância com *a gente* parece ser um fenômeno não amplamente variável nas comunidades, apresentando alta frequência de realização de *a gente + 3PS*. Essas pesquisas também destacam a relevância das variáveis explicitude do sujeito, tempo e modo verbal, saliência fônica, escolaridade, sexo/gênero, faixa etária e localidade.

Na comunidade de fala do alto sertão alagoano, Feitosa (2017) aponta que, na posição de sujeito, *a gente* é a variante preferida – 77% *versus* 33% de *nós*, sendo favorecida nos seguintes contextos: morfema zero, *a gente* antecedido por *a gente* e entre os falantes mais escolarizados. Nas funções de complemento e adjunto, Siqueira (2018) mostra que as variantes do paradigma de *nós* ainda são as formas preferidas pelos falantes – 80% contra apenas 20% de *a gente*, com *a gente* encontrando sua porta de entrada no núcleo verbal, quando antecedido por *a gente* em outras funções sintáticas e na função acusativa.

Em relação à concordância verbal associada a essas formas variantes, Alves (2018) apresenta que *nós + 1PP* é a variante preferida – 75% *versus* 25% de *nós + 3PS*, com a variante *nós + 3PS* sendo mais frequente entre os falantes analfabetos, em formas verbais menos salientes e quando o sujeito está explícito. Quanto à concordância com *a gente*, Rodrigues (2018) mostra que *a gente + 3PS* é a variante preferida – 95% contra apenas 5% de *a gente + 1PP*, com *a gente + 1PP* sendo mais frequente entre os falantes dos ensinos fundamental e médio, quando o sujeito está implícito e nas formas verbais mais salientes.



7.2. Aporte teórico-metodológico

Com o objetivo de mensurar o que pensam estudantes universitários do alto sertão alagoano sobre a variação *nós* e *a gente* a partir de uma escala de gradiência de monitoração estilística, recorremos à Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006; Labov, 2008) e focalizamos o problema empírico da avaliação linguística. O problema da avaliação evidencia como as mudanças são avaliadas por seus efeitos na estrutura linguística e na estrutura social, tendo em vista que a avaliação social das variantes linguísticas tem o poder de acelerar ou barrar uma mudança na língua.

De acordo com Moreno Fernández (1998), uma avaliação positiva tende a fazer com que uma mudança linguística aconteça mais rapidamente ou que uma dada variante predomine em detrimento de outra; em contraste, uma avaliação negativa pode levar ao abandono de uma dada variante, barrando assim o processo de variação e mudança. Portanto, avaliar como as variantes linguísticas são percebidas pelos falantes auxilia a compreender o processo de variação e mudança que se realiza em uma dada comunidade.

Do ponto de vista do problema de avaliação linguística, diferentes abordagens podem ser usadas para mensurar os valores sociais das formas linguísticas variantes. Garrett, Couplant e Williams (2003) apontam três caminhos, a saber, tratamento societal, abordagem direta e abordagem indireta. Neste trabalho, consideramos a abordagem direta, que,



segundo Fasold (1996) e Moreno Fernández (1998), consiste em perguntar abertamente, através de entrevistas e/ou questionários, como os falantes avaliam as formas linguísticas.

Também consideramos a proposta de Bortoni-Ricardo (2004), que postula três contínuos para entendermos a variação no português brasileiro: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística. Focalizamos o contínuo de monitoração estilística que situa “desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante” (p. 62). Nesse contexto, consideramos a polarização entre fala do dia a dia, como mais informal [- monitoração] e fala apresentando seminário, como mais formal [+ monitoração].

Bortoni-Ricardo (2004) também pontua que, no contínuo de monitoração estilística, é possível aferir o grau de atenção e planejamento que os falantes conferem à situação comunicativa, estando relacionado a vários fatores, a saber, acomodação do falante ao seu interlocutor, apoio contextual na produção dos enunciados, complexidade cognitiva envolvida na produção linguística e familiaridade com as tarefas comunicativas que estão sendo realizadas. Assim, em uma situação comunicativa que se caracteriza pela maior complexidade cognitiva do tema abordado, há uma tendência ao uso de um estilo mais monitorado.

Para analisarmos os julgamentos dos estudantes quanto à variação *nós* e *a gente* em diferentes contextos de uso, consideramos o trabalho de Freitag, Cardoso e Gois (2018) e elaboramos um questionário de reação subjetiva.



Para tanto, levamos em consideração a posição sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adverbial e relações de posse) e a relação de concordância verbal com as formas *nós* e *a gente*, resultando em sete diferentes contextos sintáticos. Para cada contexto sintático, elaboramos duas frases, totalizando 30 frases a partir do tema “rotina universitária” com o uso dos pronomes *nós* e *a gente*.

O questionário foi elaborado a partir de uma escala de níveis de concordância de 1 a 5, com a opção de não usaria a variante em nenhum contexto, conforme figura 1. Os falantes julgavam 0 para não usaria em nenhum contexto, 1 para usaria só na fala do dia a dia, 2 para usaria na fala do dia a dia na maioria das vezes, mas nem sempre, 3 para usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário, 4 para usaria na fala apresentando seminário na maioria das vezes, mas nem sempre e 5 usaria só na fala apresentando seminário. No final, havia um campo para a coleta das informações sociodemográficas dos participantes.



Figura 1: Excerto do instrumento de coleta de dados

1. A professora nos tratou bem.
fala do dia a dia _____ fala apresentando o seminário
Não usaria em nenhum contexto _____
2. A gente pegou o livro na biblioteca.
fala do dia a dia _____ fala apresentando o seminário
Não usaria em nenhum contexto _____
3. O grupo da gente foi suspenso.
fala do dia a dia _____ fala apresentando o seminário
Não usaria em nenhum contexto _____
4. Nós apresentamos o trabalho ontem.
fala do dia a dia _____ fala apresentando o seminário
Não usaria em nenhum contexto _____
5. A professora foi ao congresso conosco.
fala do dia a dia _____ fala apresentando o seminário
Não usaria em nenhum contexto _____

Fonte: elaborada pela autora, 2024.

A coleta dos dados foi realizada entre os meses de junho e julho de 2018 na Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão. O questionário foi aplicado a 104 estudantes, nascidos e criados nas regiões que compõem o alto sertão de Alagoas, com idade entre 18 e 32 anos e que estavam cursando o ensino superior na referida universidade. Após aplicação do questionário, os estudantes preencheram uma ficha social, contendo as seguintes informações: cidade em que nasceu, bairro em que mora, bairro em que morou durante a infância, cidade, sexo/gênero e profissão. Por fim, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Para sistematização e análise dos dados, utilizamos o R – R Core Team (2022) e apresentamos aqui uma análise exploratória dos dados (Knafllic, 2018).

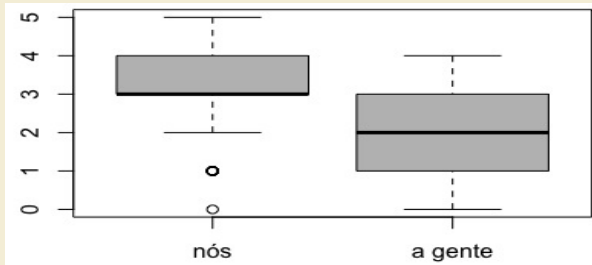


7.3. Análise e discussão dos dados

Considerando que *a gente* é a forma preferida pelos falantes em dados de produção, mas *nós* é o pronome da norma padrão, logo é objeto de ensino das escolas; e levando em conta que a ausência de concordância verbal tende a ser um traço estigmatizado nas variedades urbanas do português brasileiro, acreditamos que, em situações formais, haverá maior preferência pelas variantes padrão, o que sinalizará para uma avaliação positiva para o uso de *nós* e suas variantes nos contextos analisados. Nosso ponto de partida é o de que os estudantes procuram adequar seu modo de falar às circunstâncias sociais, levando em conta graus de maior ou menor formalidade atribuídos socialmente a cada situação comunicativa.

Para a posição de sujeito, como *nós apresentamos o trabalho ontem* e *a gente pegou o livro na biblioteca*, verificamos, conforme gráfico 1, que, para *nós*, o nível de concordância está entre 3 e 4, com mediana 3 – usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário – com valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente, mas, para *a gente*, o nível de concordância está entre 1 e 3, com mediana 2 – usaria na fala do dia a dia na maioria das vezes, mas nem sempre – com valores mínimo e máximo de 0 e 4, respectivamente. Esses dados sinalizam que *a gente* sujeito é mais associado a situações informais, sendo até uma variante que os falantes não usariam em nenhum contexto, ao passo que *nós* é mais associado a situações formais, apesar de ser a forma que os falantes usariam nos contextos analisados.



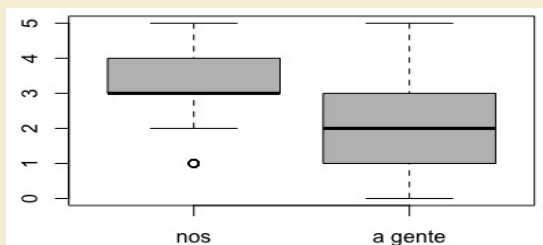
Gráfico 1: Julgamento de *nós* e *a gente* na posição de sujeito

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Na posição de objeto direto, como *a professora nos tratou bem* e *o diretor encontrou a gente no auditório*, verificamos, conforme gráfico 2, que, para *nos*, o nível de concordância está entre 3 e 4, com mediana 3 – usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário – com valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente, ao passo que, para *a gente*, o nível de concordância está entre 1 e 3, com mediana 2 – usaria na fala do dia a dia na maioria das vezes, mas nem sempre – com valores mínimo e máximo de 0 e 5, respectivamente. Esses resultados sinalizam uma avaliação positiva para *nos*, sendo considerada a variante que pode ser utilizada em qualquer contexto situacional, ao passo que *a gente* é a forma preferida em situações informais, sendo também a forma que os falantes não usariam em nenhum contexto.



Gráfico 2: Julgamento de *nos* e *a gente* na posição de objeto direto

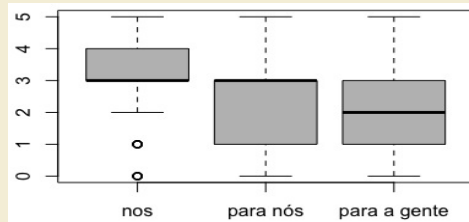


Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Em relação à posição de objeto indireto, como o *professor nos mandou o trabalho*, a *professora entregou o livro para nós* e o *diretor deu a ficha para a gente*, verificamos, conforme gráfico 3, que *nos* é a forma preferida em situações formais, sinalizando uma avaliação positiva para essa variante. Tanto *nos* quanto *para nós* apresentam mediana 3 – usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário. No entanto, para *nos*, o nível de concordância está entre 3 e 4 e os valores mínimos e máximos são 2 e 5, respectivamente, ao passo que, para *para nós*, o nível de concordância está entre 1 e 3 e os valores mínimo e máximo são 0 e 5, respectivamente. A forma *para a gente* apresenta nível de concordância entre 1 e 3, com mediana 2 – usaria na fala do dia a dia na maioria das vezes, mas nem sempre – e valores mínimo e máximo de 0 e 5, respectivamente.



Gráfico 3: Julgamento de *nos*, *para nós* e *para a gente* na posição de objeto indireto

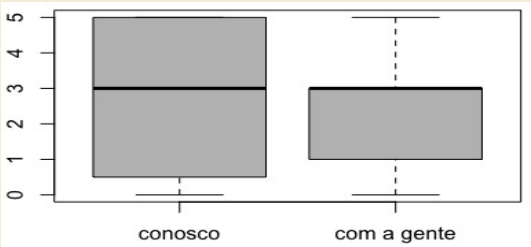


Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Na função de adjunto adverbial, como o *professor falou conosco* e o *diretor foi a reunião com a gente*, verificamos, conforme gráfico 4, que tanto *conosco* quanto *com a gente* apresentam mediana 3 – usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário – o que parece sugerir que essas variantes podem ser utilizadas tanto em situações informais quanto formais. No entanto, a forma *conosco* apresenta nível de concordância entre 0,5 e 5, ao passo que a forma *com a gente* apresenta nível de concordância entre 1 e 3, com valores mínimo e máximo de 0 e 5, respectivamente, o que sugere que a variante *conosco* seja melhor avaliada, com a variante *com a gente* sendo mais associada a situações comunicativas informais, caso que não corrobora dados de produção, que pontuam que *com a gente* é a forma mais usada.



Gráfico 4: Julgamento de *conosco* e *com a gente* na posição de adjunto adverbial

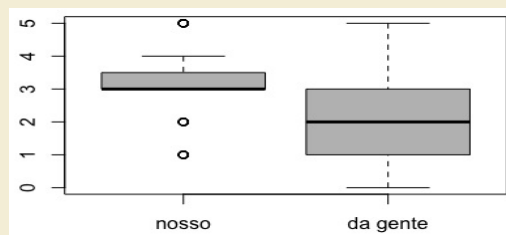


Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Nas relações de posse, como *nossas aulas foram canceladas* e *o grupo da gente foi suspenso*, verificamos, conforme gráfico 5, que, para a variante *nosso(a)*, o nível de concordância está entre 3 e 3,5, com mediana 3 – usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário – e valor máximo de 4, ao passo que, para a variante *da gente*, o nível de concordância está entre 1 e 3, com mediana 2 – usaria na fala do dia a dia na maioria das vezes, mas nem sempre, com valores mínimo e máximo de 0 e 5, respectivamente. Esses dados sugerem que, tanto na fala do dia a dia quanto na fala apresentando seminário, *nosso(a)* é a variante preferida, revelando uma avaliação positiva para essa forma pronominal, caso que não ocorre com a variante *da gente*, que ficou mais restrita à fala do dia a dia.



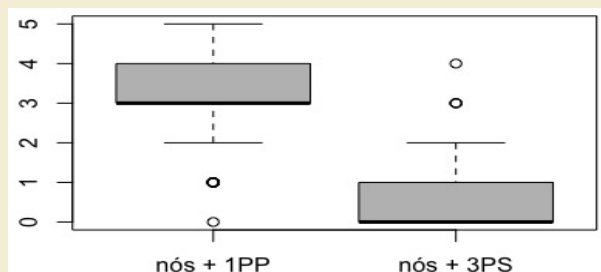
Gráfico 5: Julgamento de *nosso(a)* e *da gente* nas relações possessivas



Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Em relação à concordância verbal com o pronome *nós*, como *nós estudamos muito para a prova* e *nós chegou atrasado na aula*, verificamos, conforme gráfico 6, que, para *nós + 1PP*, o nível de concordância está entre 3 e 4, com mediana 3 – usaria na fala do dia a dia e na fala apresentando seminário – com valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente, ao passo que, para *nós + 3PS*, o nível de concordância está entre 0 e 1, com mediana 0 – não usaria em nenhum contexto, com valor máximo de 2. Esses resultados mostram que *nós + 1PP* é a variante preferida tanto em situações informais quanto em situações formais na comunidade em estudo, revelando também uma avaliação negativa para o uso de *nós + 3PS*, o que nos sugere um estereótipo linguístico, conforme pontuam Freitag, Cardoso e Gois (2018).

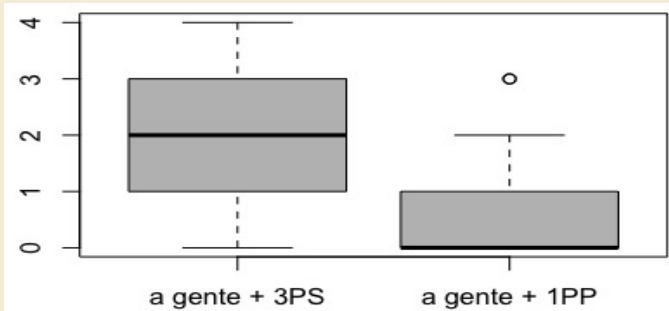


Gráfico 6: Julgamento da concordância verbal com nós

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

No que diz respeito à concordância verbal com *a gente*, como *a gente gostou da leitura do livro e a gente compramos o livro do seminário*, verificamos, conforme gráfico 7, que também estamos diante de um traço socialmente marcado de forma consciente. Para *a gente + 3PS*, o nível de concordância está entre 1 e 3, com mediana 2 – usaria na fala do dia a dia na maioria das vezes, mas nem sempre – com valores mínimo e máximo de 0 e 4, respectivamente, ao passo que, para *a gente + 1PP*, o nível de concordância está entre 0 e 1, com mediana 0 – não usaria em nenhum contexto – com valor máximo de 2. Esses dados mostram que, nem na fala do dia a dia, *a gente + 1PP* é uma forma aceitável, corroborando com Freitag, Cardoso e Gois (2018) que mostram avaliação negativa para *a gente + 1PP*.



Gráfico 7: Julgamento da concordância verbal com *a gente*

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Esses resultados mostram que, em relação à variação *nós* e *a gente* nas funções de sujeito, complemento e adjunto, temos contextos variáveis que se caracterizam como razoavelmente sensíveis à avaliação social, apresentando matizes de estratificação social e estilística, com a forma *nós* e suas variantes sendo as formas preferidas na fala mais formal – fala apresentando seminário. Quanto ao fenômeno variável da concordância verbal, observamos um comportamento avaliativo diferente, tendo em vista que as relações de concordância assimétricas – *nós + 3PS* e *a gente + 1PP* – são consideradas traços fortemente sensíveis à avaliação social, sendo essas variantes caracterizadas como formas que os falantes não usariam nem na fala do dia a dia nem na fala apresentando seminário.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que a avaliação é um processo que interfere no curso da mudança, pois avaliações negativas tendem a inibir o processo de mudança linguística, bem como que não existe falante de estilo único, pois, a depender da situação comunicativa, o falante alternará entre um estilo informal ou estilo formal (Labov, 2003), mensuramos, a partir de um questionário de reação subjetiva, como estudantes universitários do alto sertão de Alagoas avaliam o uso da 1PP. Para tanto, consideramos o contínuo de monitoração estilística (Bortoni-Ricardo, 2004) e analisamos a polarização entre fala do dia a dia, como mais informal [- monitoração], e fala apresentando seminário, como mais formal [+ monitoração].

Nossos dados mostram que, em relação à variação *nós* e *a gente* nos contextos sintáticos de sujeito, complemento e adjunto, *nós* e suas variantes – *nos*, *para nós*, *conosco*, *nosso(a)* – são as opções selecionadas pelos estudantes tanto na fala do dia a dia quanto na fala apresentando seminário, ficando a variante inovadora *a gente* mais restrita a situações em que os estudantes usariam a fala do dia a dia – situação informal. Esses dados revelam que estamos diante de traços linguísticos que são razoavelmente sensíveis à avaliação social, apresentando assim estratificação social e estilística, o que, nos termos laboviano (Labov, 2008), podem ser caracterizados como marcadores linguísticos na comunidade em estudo.



No que diz respeito à concordância verbal associada a essas formas pronominais, verificamos que a concordância verbal assimétrica – *nós* + 3PS e *a gente* + 1PP – é avaliada como uma forma fortemente sensível à avaliação social, com essas variantes sendo consideradas formas que os estudantes não usariam em nenhum contexto situacional. Esses dados revelam que estamos diante, segundo Labov (2008), de traços linguísticos considerados estereótipos, mostrando assim que, em relação ao uso de *a gente*, a forma estigmatizada está associada à concordância verbal assimétrica e não apenas ao uso dessa variante. Nossa análise mostra uma avaliação negativa dessas variantes conforme Freitag, Cardoso e Gois (2018).

Essas considerações são ainda questões que vêm sendo formuladas e testadas na comunidade de fala do alto sertão alagoano. Logo, julgamos pertinente a aplicação de outros testes de avaliação, o que nos permitirá ampliar o diálogo entre estudos sociolinguísticos de produção e percepção. No entanto, salientamos a relevância desta pesquisa para a descrição e análise da variação de *nós* e *a gente* e para as discussões acerca do problema empírico da avaliação linguística. Da mesma forma, os resultados a que chegamos somam informações importantes sobre a realização *nós* e *a gente* no alto sertão alagoano, contribuindo para o mapeamento sociolinguístico do português brasileiro (cf. Martins; Abraçado, 2015).



REFERÊNCIAS

ALVES, A. **Concordância verbal com o pronome nós no sertão alagoano. Trabalho de Conclusão de Curso.** 2018. 70p. Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018.

BORTONI-RICARDO, S. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula.** Parábola Editorial: São Paulo, 2004.

FEITOSA, J. **A variação nós e a gente na posição de sujeito no sertão alagoano.** Trabalho de Conclusão de Curso. 2017. 72p. Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.

FREITAG, R.; CARDOSO, P.; GOIS, P. **A percepção da variação na primeira pessoa do plural: efeitos do monitoramento estilístico e urbanização.** In. LOPES, N. (org.) Fala e contexto no português brasileiro: estudos sobre variação e mudança linguística. Salvador: EdUNEB, 2018.

GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. **Investigating language attitudes: social meanings of dialect, ethnicity and performance.** University of Wales Press, Cardiff, 2003.

KNAFLIC, C. **Storytelling com dados: um guia sobre visualização de dados para profissionais de negócios.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Some sociolinguistic principles.** In: PAULSTON, C.; TUCKER, G. R. (Orgs.). Sociolinguistics: the essential Reading. Oxford: Blackwell, 2003, p. 234-250.

LOPES, C. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil.** DELTA, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.



MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OMENA, N. **A referência à primeira pessoa do discurso no plural**. In: PAIVA, Maria; DUARTE, E. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p 63-80.

R CORE TEAM. R: **A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. Disponível em: <<https://www.r-project.org/>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

RAMOS, C.; BEZERRA, J.; ROCHA, M. **Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão**. Revista Signum. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RODRIGUES, F. **Concordância verbal com o pronome a gente no sertão alagoano. 2018. 68p. Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

RUBIO, C. **Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural**. Anais do XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, 2014. p. 90-106.

SIQUEIRA, M. **Variação entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto no sertão alagoano. 2018. 83p. Trabalho de Conclusão de Curso**. Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2018.



TAMANINE, A. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR.** 2010. 222p. Tese de Doutorado em Letras. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

VIANNA, J.; LOPES, C. **A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador.** Caligrama, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J.; LOPES, C. **Variação dos pronomes “nós” e “a gente”.** In. MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

VITÓRIO, E. **A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceio/AL.** Letrônica. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 122-138, janeiro-junho, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.



CAPÍTULO 8

UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DO USO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM ALAGOAS

Waldenia Maria da Silva²⁴

Alan Jardel de Oliveira²⁵

INTRODUÇÃO

A forma pronominal *você* advém de um processo de gramaticalização da forma de tratamento *Vossa Mercê*, que emergiu entre os séculos XIV e XV. Essa variante linguística, *a priori*, foi utilizada como termo de referência à figura do rei, ou seja, era uma palavra usada para estabelecer uma relação de respeito a alguém que detinha maior poder social. O seu uso foi vulgarizado no século XV e a palavra foi ganhando uma nova significação social, sendo usada não apenas com quem detinha o poder (Vitório, 2018). Essa vulgarização do *Vossa Mercê* causou uma sequência de mudanças que passou pelos estágios: “*vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê*



24 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e literatura da Universidade Federal de Alagoas. Email: waldenia.wms@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-5906-3709>.

25 Doutor em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais (Variação e Mudança Linguística) e professor adjunto da Universidade Federal de Alagoas. Email: alanjardel@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0438-1352>.

> *vosm* *cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê*” (Silva; Vitório, 2017, p. 123). Desse modo, além da variante linguística conservadora *tu*, temos a forma linguística *você* (e suas derivadas fonológicas: *ocê* e *cê*) como pronome de referência à segunda pessoa do singular no português brasileiro (doravante PB).

Pesquisas sociolinguísticas realizadas no Brasil demonstraram que as formas linguísticas *tu* e *você* estão em processo de variação linguística no português brasileiro (Modesto, 2007; Mota, 2008; Ferreira, 2010; Scherre, 2011; Babilonia; Martins, 2011; Santos, 2012; Gorski; Coelho, 2012; Scherre *et al.*, 2015; Costa, 2016; Silva; Gonçalves, 2016). Em Alagoas, Silva e Vitório (2017), que investigaram a fala do sertão alagoano, Vitório (2018), que estudou o falar maceioense, e Silva (2019), que analisou Coité do Nóia, identificaram um favorecimento do uso da forma *você*.

Na mesma medida, para ampliar o conhecimento linguístico sobre o estado de Alagoas, propomos, nesse estudo, analisar a variação pronominal da segunda pessoa do singular, tanto na posição de sujeito quanto na de não sujeito, em 8 cidades alagoanas. O objetivo é investigar quais fatores linguísticos (sexo/gênero, faixa etária e escolaridade) e extralinguísticos (função sintática e determinação) atuam como condicionadores do uso das variantes *tu* e *você* (e suas derivadas *ocê* e *cê*) e identificar padrões e especificidades desse processo. Além disso, averiguamos se o processo estudado se trata de um caso de mudança linguística em progresso ou de variação estável no português alagoano. Para tanto, ancoramo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana. Nossa hipótese



de pesquisa é que há variação entre *tu* e *você* (*ocê* e *cê*) nas cidades pesquisadas, mas que a forma pronominal *você* está sendo mais usada que o *tu* no português Alagoano.

A Sociolinguística Laboviana, também chamada de Sociolinguística quantitativa, Sociolinguística Variacionista e Teoria da Variação e mudança linguística, é uma área que busca estudar a relação entre língua e sociedade e tem como objeto de investigação a variação e a mudança linguística. Esse campo de conhecimento se propõe a analisar como os sujeitos falantes e o meio social no qual estão inseridos condicionam a variação e a mudança que acontece na língua. Para isso, utiliza-se de uma metodologia quantitativa, que busca explicar fenômenos por meio da coleta de dados numéricos, usando métodos matemáticos, especialmente os estatísticos. Seu propósito é testar hipóteses, conduzir experimentos, comparar resultados, confirmar teorias e identificar padrões que possam ser generalizados para contextos semelhantes (Paiva, 2019).

Labov (2008 [1972]) é considerado o precursor da Sociolinguística. A grande inovação do pesquisador para a linguística de sua época foi a sistematização da fala, que, até então, era vista como variável, caótica, acessória e assistemática. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) rompem com a noção de estrutura linguística homogênea, defendida por correntes como o estruturalismo e o gerativismo. Os teóricos afirmam que,

a chave para uma concepção racional de mudança linguística – e mais, da própria



língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] O domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com o multidiadialismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e, real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 36).

Diante disso, averiguamos que a teoria defende que a heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico, de forma que toda mudança linguística pressupõe períodos de variação linguística. No entanto, é necessário esclarecer que nem todo processo de variação linguística culminará em uma mudança, há processos de variação linguística que podem ser estáveis. Esta variação e mudança linguística não são aleatórias, conforme afirmam Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), porque são processos linguísticos condicionados por fatores internos e externos à língua. Dado isto, analisar o sistema linguístico considerando apenas um desses fatores implicaria em uma análise incompleta. Segundo os teóricos,

fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem constru-



idas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento da linguagem (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 126).

Para refletir sobre a diversidade linguística e os fatores que podem condicionar esse processo, é necessário informar que, de acordo com William Labov (2008 [1972]), os processos de variação e mudança linguística acontecem na comunidade de fala, onde ocorre a interação entre sociedade e linguagem: “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua” (*ibid.*, p.188). Sendo assim, a partir desta definição, podemos concordar com Gorski Severo (2008) que a noção de comunidade de fala se respalda em dois pontos, a saber, nas atitudes que os sujeitos têm diante da língua e no compartilhamento de regras gramaticais.



8.1. Metodologia de pesquisa

A presente pesquisa segue os pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]). Além disso, é de cunho quantitativo, pois “atua em níveis de realidade onde existe a necessidade de extrair e evidenciar indicadores e tendências a partir de grande quantidade de dados” (Martins, 2013, p. 17). Para isso, utilizamos o Software R para a análise estatística com o uso de métodos de regressão multinível.

O *corpus* deste trabalho é composto por dados de fala de 192 falantes de 8 cidades alagoanas, retirados do Projeto PORTAL (Variação Linguística no Português Alagoano), a saber: Maceió, Arapiraca, Palmeira do Índios, União dos Palmares, Penedo, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema e São Miguel dos Milagres. Em cada cidade, foram gravadas 24 entrevistas com moradores nascidos ou residentes há mais de 20 anos. Esses participantes foram estratificados em função das variáveis sociais: sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (entre 18 e 30 anos; entre 40 e 55 anos; acima de 65 anos) e escolaridade (≤ 9 anos e ≥ 11 anos).

A coleta de dados se constituiu de duas etapas: a entrevista oral gravada e o questionário social escrito. As perguntas da entrevista oral foram pensadas de forma que as respostas dos informantes abordassem diversas tipologias textuais. Assim, pedimos que eles contassem lembranças do seu passado, que descrevessem fatos ou objetos que fizeram parte da sua história e que dissessem o que pensam sobre assuntos considerados polêmicos, como a pena de morte e o aborto, trabalhando, assim, a narração, a descrição e a argumentação, respectivamente.

Para a análise estatística foram utilizados métodos de regressão logística e regressão multinomial, tendo como variável dependente as variantes dos pronomes de segunda pessoa e como variáveis independentes as seguintes variáveis:



- **Variáveis sociais:**

(1) Escolaridade: buscamos compreender a influência da escolarização no comportamento linguístico dos falantes, já que a escola está ligada diretamente à valoração social adquirida pelas variantes, uma vez que a escola “[...] incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever” (Votre, 2003, p. 51). Segundo Labov (1994, p. 345), “most educational efforts to influence pronunciation are related to spelling”²⁶, que é um dos níveis linguísticos mais sensíveis a atribuição de valor social. No entanto, ao mesmo tempo em que atua como preservadora da forma padrão, promove mudanças na língua (Votre, 2003).

(2) Sexo/gênero: investigamos se a diferenciação sexual dos falantes a nível linguístico (Labov, 2008[1972]) pode influenciar no processo de variação dos pronomes de referencia a segunda pessoa. Conforme Labov (2008[1972]), “as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual, as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais” (Labov, 2008[1972], p. 282).

(3) Faixa etária: de acordo com Labov(1994), a faixa etária está intimamente ligada à

26 Tradução: a maior parte dos esforços educacionais para influenciar a pronúncia está relacionada com a ortografia.



mudança linguística, pois, a partir dela, podemos observar a disposição das variantes ao longo do tempo e verificar se uma variante caminha para uma possível mudança linguística ou constitui-se um caso de variação estável.

(4) Cidade: essa variável foi incluída com o intuito de verificar se a diferença regional condiciona a variação entre *tu*, *você*, *ocê* e *cê*.

• Variáveis linguísticas:

(5) Tipo de referência: (i) referência determinada é quando o falante se dirige diretamente ao interlocutor ou a um grupo definido, como no exemplo (a) e (b); (ii) referência indeterminada é quando a variante linguística se refere de maneira generalizada a qualquer pessoa, como no trecho (c). Os trechos de fala a seguir foram retirados do banco de dados PORTAL:

(a) Hoje *você*, através do celular, *você* [...] se comunica com o mundo

(b) Tinha um *lep lep*, como todo mundo chama, não sei se *você* sabe o que é *lep lep*?

(c) Aí minha mãe: eita cabra safado *tu* estava ai em cima o tempo todinho, eu disse foi.

(6) Função sintática: refere-se a posição sintática que mais favorece as variantes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*.



8.2. O uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na comunidade alagoana

Nesta seção, apresentaremos a distribuição geral do percentual de uso da variável dependente e investigaremos a influência de fatores linguísticos (*função sintática* e o *tipo de referência*) e de variáveis sociais (*sexo/gênero*, *cidade*, *idade* e *escolaridade*). Para isso, a análise foi dividida em duas etapas: a investigação da variação pronominal entre *tu* e *você* e o estudo da variação fonológica do *ocê*.

8.2.1. Distribuição dos pronomes *tu*, *você*, *ocê* e *cê*

Esta pesquisa, que analisa dados de fala provenientes de 8 cidades alagoanas, reuniu um total de 1.014 registros, dos quais 97,2% correspondem ao uso das formas *você*, *ocê* e *cê*, enquanto apenas 2,8% referem-se à variante *tu*. Dessa forma, com base nas considerações de Labov (2003), podemos inferir que estamos diante de uma regra linguística semicategórica, na qual o percentual de variação se situa entre 95% e 99%, conforme dados da tabela a seguir:

Tabela 1 - Distribuição das variantes dos pronomes de 2ª pessoa do singular em Alagoas.

Variante	Total	%
Você	725	71,5
Ocê	45	4,4
Cê	216	21,3
Tu	28	2,8
Total	1.014	100,00

Fonte: autores (2020).



Recentemente, o arcabouço literário da Sociolinguística reflete sobre a possibilidade do gênero entrevista, utilizado na coleta de dados, inibir o uso da variante linguística *tu*. Em outras palavras, a forma *tu* é mais recorrente em contextos de maior informalidade (Melo; Soares, 2009; Mota, 2008; Babilonia; Martins, 2011; Vitória, 2018), enquanto o gênero entrevista é caracterizado como mais formal. A hipótese levantada é que, devido à ausência de proximidade com o entrevistador, o informante tende a monitorar seu discurso, adaptando-o a uma forma considerada mais formal. Nesse contexto, a variante inovadora *você* seria a escolhida, uma vez que, conforme Vitória (2018), é utilizada como um “coringa”, sendo empregada tanto em situações formais quanto em menos formais.

Diante disso, propomo-nos a refletir se a baixa frequência de *tu* no *corpus* decorre do método de coleta de dados adotado na pesquisa ou se, de fato, o *tu* não é a primeira opção linguística da comunidade de fala investigada (Vitória, 2018), posto que, de acordo com Scherre *et al.* (2015),

o pronome “tu” é mais difícil de captar em áreas em que ele não parece ser a primeira forma da comunidade, como, por exemplo, no Rio de Janeiro e em Brasília. No Rio Grande do Sul, por sua vez, o “tu” emerge com facilidade e naturalidade, mesmo em entrevistas sociolinguísticas (Scherre *et al.*, 2015, p. 135).

Ao compararmos os nossos resultados com os de Vitória (2018), que analisou a fala de Maceió por meio de



entrevistas Sociolinguísticas e obteve 98% de *você* e 2% de *tu*, e o de Silva (2019) feito em Coité do Nóia- AL, no qual os dados foram adquiridos através do gênero *conversa*, tido como mais informal e alcançou 89% de *você* contra 11% de *tu*, observamos que o percentual de uso do *você* é maior que o de *tu* não apenas em gêneros mais formais, assim como em gêneros mais informais. Dessa forma, podemos inferir que, na comunidade estudada, o *tu* não é a primeira opção linguística dos falantes.

8.2.2. Variação pronominal entre *você* e *tu*

Nesta subseção, discutiremos a respeito da variação dos pronomes de referência a segunda pessoa do singular *tu* e *você* e o efeito das variáveis independentes linguísticas (função sintática e tipo de referência) e sociais (cidade, sexo/gênero, idade e escolaridade), nesse processo de alternância linguística. Desse modo, após rodarmos o modelo de regressão logística no software R, concluímos que as variáveis *função sintática*, *cidade* e *escolaridade* não apresentaram significância estatística, ou seja, não atuaram como fatores condicionantes do processo de alternância entre *tu* e *você*, apresentando significância de 0,56, 0,12 e 0,12, respectivamente (todas acima do nível de significância de 0,05).

O fator *tipo de referência*, por sua vez, demonstrou ser um forte condicionador da variação entre *tu* e *você*. Ao observar a tabela a seguir, inferimos que o uso de *você* é fortemente condicionado pela referência indeterminada,



correspondendo a 100% das ocorrências, seguida da forma determinada, que corresponde a 94,2% dos casos. No que diz respeito à forma *tu*, percebemos que a determinação ocorre em 100% dos dados analisados. Podemos concluir, após a análise desses dados, que, na comunidade de fala estudada, a indeterminação só acontece com o *você* e que a variável *tipo de referência* é uma regra categórica para *tu*, ou seja, não há variação, já que a indeterminação dessa variante não ocorre em nenhum dos casos analisados. Desse modo, observamos que a variante *tu* é mais favorecida pela referência determinada e o *você* é mais favorecido pela referência indeterminada, como revela a tabela abaixo:

Tabela 2 - Determinação e alternância *tu/você*.

Pronome	Determinado	Indeterminado	Total
Você	455	531	986
	94.2 %	100%	97.2%
Tu	28	0	28
	5.8 %	0.0%	2,8%
Total	483	531	1.014
	47.6 %	52.4 %	100%

Fonte: Autores (2020).

No que diz respeito ao *sexo/gênero*, esta variável é um condicionante influente no processo de variação entre os pronomes *tu/você*, com significância igual a 0,014. Conforme Labov (2008[1972]), a diferenciação sexual dos falantes, a nível linguístico, dá-se devido a uma postura social que é expressivamente mais apropriada para um sexo do que para

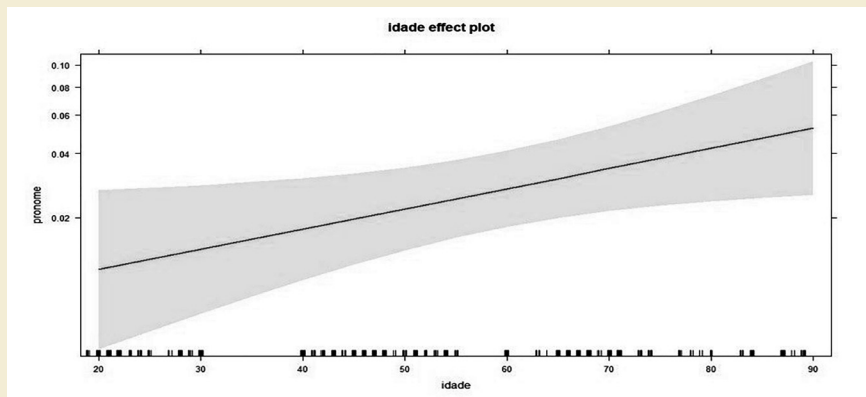


outro (Labov, 2008[1972]), o que causa diferenças de estilo entre os gêneros. Assim sendo, averiguamos que, apesar da forma *você* ser mais usada que o *tu*, tanto no sexo/gênero feminino, com um percentual de 95,9% de uso, quanto no masculino, com um percentual de 98,5%, as mulheres favorecem mais a forma *tu*, com uma frequência de uso de 4,1% dos dados, resultado que apresenta peso relativo igual a 0.63. Já os homens alcançam um percentual de uso de 1,5%, com peso relativo de apenas 0.37. Dessa forma, concluímos que o sexo/gênero feminino favorece o uso da forma pronominal *tu* e o masculino favorece o uso de *você*.

A *faixa etária* mostrou-se um fator estatisticamente significativo para o fenômeno linguístico estudado, com significância de 0,026. Ao analisar o gráfico 1, que confronta o uso do pronome *tu* com a faixa etária dos interlocutores, observamos que o aumento na linha do gráfico acompanha o crescimento da idade dos falantes. Assim, podemos afirmar que quanto menor a idade do falante, menor é a frequência da variante *tu* em seu discurso, e, quanto maior a faixa etária, maior é o uso deste pronome. Isso posto, podemos inferir que há um processo de mudança linguística em curso, direcionado ao desaparecimento da forma pronominal *tu*.



Gráfico 1 - Frequência de uso de tu x faixa etária.



Fonte: Autores (2020).

8.2.3. Variação fonológica entre você ~ ocê ~ cê

Nesta subseção, refletimos sobre a variação fonológica do *você* e a influência dos fatores sociolinguísticos: *função sintática*, *tipo de referência*, *cidade*, *sexo/gênero*, *idade* e *escolaridade* nesse processo linguístico. Assim, com base nos dados estatísticos, averiguamos que as variáveis *escolaridade* e *cidade* não foram consideradas significativas no processo de variação fonológica do *você*, com significância igual a 0,718 e 0,2777, respectivamente. Em outras palavras, o processo de escolarização e a diferença regional parecem não influenciar na variação fonológica investigada.

Este resultado diverge de outros trabalhos que revelam o condicionamento geográfico para o uso de *ocê* e *cê*, sendo essas formas mais favorecidas por falantes da área rural (Gonçalves, 2008). Ademais, outros estudos indicam



a escolaridade como um fator relevante no processo de variação entre *você* e *cê*, com a forma *você* sendo predominantemente utilizada por falantes de todos os níveis de escolaridade (analfabetos, ensino fundamental, médio e superior), enquanto a variante *cê* é levemente favorecida por falantes com ensino médio (Silva; Vitória, 2017)

A variável *sexo/gênero* foi considerada estatisticamente significativa e é relevante para a compreensão do encaixamento social do uso de *você* e de suas variantes. Conforme demonstra a tabela 3, os homens obtiveram os percentuais de uso de 5,6% da variante *ocê* e 26,7% da forma *cê*, com peso relativo de .58 e .59, respectivamente. As mulheres apresentaram um percentual de 3,4% de *ocê* e 16,6% de *cê*, com peso relativo de .42 e .4. Diante do percentual de uso, verificamos que tanto os homens quanto as mulheres usam mais a forma *cê* que *ocê*. No entanto, ao observar o peso relativo, podemos concluir, quanto à diferenciação do comportamento dos distintos sexos/gêneros, que o homem favorece mais as formas *ocê* e *cê* ao passo que a mulher atua como favorecedora da forma linguística *você*.

Tabela 3 - Correlação entre a variação fonológica do *você* e o fator *sexo/gênero*.

	Océ				Cê		
	total	%	PR	sig.	%	PR	sig.
Feminino	517	3,4	.42	0,044	16,6	.41	<0,001
Masculino	469	5,6	.58	0,044	26,7	.59	<0,001
Total	986	4,6			21,9		

Fonte: Autores (2020).



Em relação à variável *função sintática*, esta foi considerada um fator condicionante do processo de variação fonológica do *você*. A função sintática é importante para o processo de variação e mudança linguística do *você* desde a forma *vossa mercê*, que lhe deu origem, até as formas *ocê* e *cê*. Conforme Rumeu (2012), no século XIX, houve uma predominância do *você* na função sintática de sujeito na escrita dos mineiros e dos cariocas, o que “permite evidenciar o *você* como sujeito pronominal se especializando no exercício de uma função sintática peculiar aos legítimos pronomes pessoais do caso reto em língua portuguesa” (Rumeu, 2012, p. 46). Autores como Peres (2006) e Gonçalves (2008) têm demonstrado que há uma diferenciação em relação a posição sintática ocupada pelo *você*, *ocê* e *cê*.

Nesta pesquisa, a função sintática é dividida em duas, a saber: a posição de sujeito e não- sujeito. Ao observar a tabela 4, verificamos que, em relação à variante *ocê*, o fator *função sintática* não foi considerado um condicionante de relevância, pois o peso relativo para as ocorrências de sujeito e não sujeito são iguais. No entanto, para a forma *cê*, este fator linguístico foi considerado estatisticamente significativo, porque apresenta uma predominância da função de sujeito com peso relativo de .85, em oposição a .15 de não sujeito. Sendo assim, pode-se concluir que o sujeito favorece a



realização do *cê*, enquanto o *ocê* não sofre interferência da função sintática.

Tabela 4 - Correlação entre a variação fonológica do *você* e o fator função sintática.

	Ocê				Cê		
	Total	%	PR	sig.	%	PR	sig.
Sujeito	911	4,4	.50	0,977	23,6	.85	0,001
não sujeito	75	6,7	.50	0,977	1,3	.15	0,001
Total	986	4,6			21,9		

Fonte: Autores (2020).

O fator *tipo de referência* aparece com grande frequência nas pesquisas sociolinguísticas que visam analisar a variação fonológica do *você* (Gonçalves, 2008; Peres, 2006; Vitória, 2018). Em nossa amostra, foram verificadas realizações das formas *você*, *ocê* e *cê* com referência determinada e indeterminada. Diante dos dados, podemos notar que a variável independente *tipo de referência* não é estatisticamente significativa no uso de *ocê*, com significância de 0,339. No entanto, no caso da variante *cê*, o tipo de referência é considerado muito relevante, com significância <0,001. Sendo assim, a forma *cê* é mais favorecida pela referência determinada, com peso relativo de .60, e menos favorecida pela referência indeterminada, que apresenta peso relativo igual a .40, conforme explicita a tabela 5.



Tabela 5 - Correlação entre a variação fonológica do você e o fator tipo de referência.

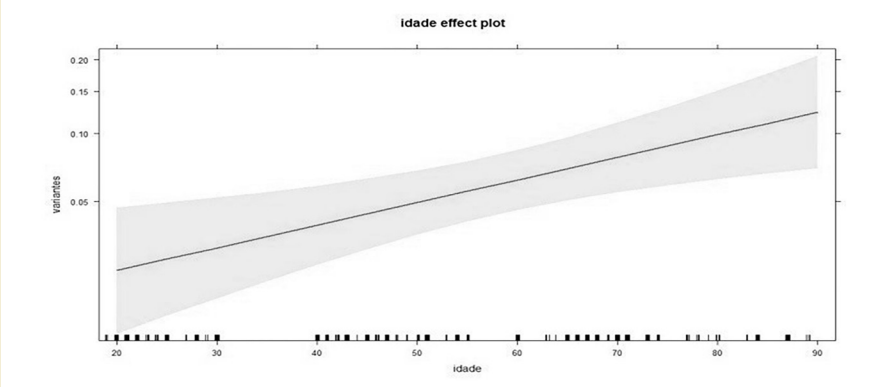
	Ocê				Cê		
	Total	%	PR	sig.	%	PR	sig.
Determinada	455	5,5	.54	0,339	27,9	.60	<0,001
Indeterminada	531	3,8	.46	0,339	16,8	.40	<0,001
Total	986	4,6			21,9		

Fonte: Autores (2020).

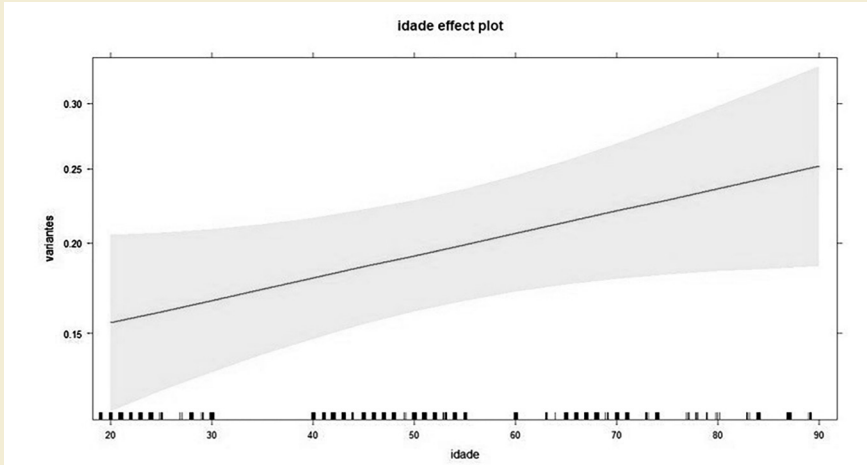
No que diz respeito à *faixa etária*, essa é uma variável considerada estatisticamente significativa. Vejamos os gráficos 2 e 3, a seguir, que correlacionam o uso das variantes com as faixas etárias estudadas: entre 18 e 30 anos; entre 40 e 55 anos; e acima de 65 anos.



Gráfico 2 - Frequência de uso de ocê x faixa-etária.



Fonte: Autores (2020).

Gráfico 3 - Frequência de uso de *cê* x faixa-etária.

Fonte: Autores (2020).



Ao examinar os gráficos, observamos que o uso das formas *ocê* e *cê* apresenta um crescimento gradual à medida que a faixa etária do falante aumenta, ou seja, quanto mais avançada a idade, maior a probabilidade de utilização dessas variantes. Dessa forma, é possível inferir que há um processo de mudança linguística em curso em direção ao desaparecimento dessas variantes e ao aumento do uso da forma *você*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever a disputa pelo lugar de segunda pessoa do discurso, confirmamos nossa hipótese inicial de que a forma *você* e suas derivadas *cê* e *ocê* são expressivamente mais usadas no falar alagoano do que a variante *tu*. Conclu-

imos, também, que, tanto na variação em nível pronominal quanto em nível fonológico, há um padrão de variáveis relevantes. São elas: o fator sexo/gênero, o tipo de referência e a faixa etária. Além disso, as variáveis cidade e escolaridade não interferiram em nenhum dos dois processos de variação. O fator função sintática se mostrou especificamente significativo para a variação da forma *cê*, a qual é fortemente condicionada pela posição de sujeito. No entanto, não interferiu no processo pronominal de alternância entre *você* e *tu*. Por fim, constatamos que tanto a variação entre o *você* e *tu* quanto entre *você*, *ocê* e *cê* caminham para uma mudança linguística em progresso, em direção ao aumento do uso da forma *você* e ao desaparecimento das formas *tu*, *ocê* e *cê*.



REFERÊNCIAS

BABILÔNIA, Leandro; MARTINS, Silvana Andrade. **A influência dos fatores sociais na alternância dos pronomes tu/você na fala de Manauara**. In: Revista Guaravira Letras, V. 13, n. 1, ago/dez. 2011. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/viewFile/184/160>. Acesso em: 01 Jan. 2018.

COSTA, Raquel Maria da Silva. **O Uso de Tu, Você e o(a) Senhor(a) na Função de Sujeito no Português Falado em Cametá – Estado do Pará**. In: Anais- Congresso internacional de estudos linguísticos e literários na Amazônia, V. 2, 2016. Disponível em: http://www.ciella.com.br/upload/anais/ciella_2_final.pdf. Acesso em: 20 Jan. 2016.

FERREIRA, Ediene Pena. **O uso de tu e você em textos orais da cidade de Santarém.** In: Revista Margens interdisciplinar, V.6, n.7, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2825/2957>. Acesso em: 02 Fev. 2018.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolingüística do uso das formas você, ocê e cê no português.** 2008. Tese de doutorado em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-21012009-152856/pt-br.php>. Acesso em: 08 fev, 2020.

GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. **Aspectos de comportamento sociolinguístico entre as três capitais da região Sul: especificidades e generalizações.** In: Gelne, V. 14, n. ¼, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9368/6722>. Acesso em: 07 Fev. 2018.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos/William Labov;** tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Principles Of Linguistic Change.** Vol. I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

MARTINS, Ronei Ximenes. **Metodologia de pesquisa: guia de estudos** / Ronei Ximenes Martins. – Lavras: UFLA, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1122858-Metodologia-de-pesquisa-guia-de-estudos.html>. Acesso em: 20 nov, 2019.

MELO, Bárbara Olímpia Ramos; SOARES, Maria Elias. **O uso das formas de tratamento na região do Cariri-CE.** In: VI Congresso Internacional da Abralín, Editora idéia, V.01, 2009, João Pessoa. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/B%C3%A1rbara%](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/B%C3%A1rbara%20Melo.pdf)



2001%C3%ADmpia%20Ramos%20de%20Melo.pdf. Acesso em: 01 Fev. 2018.

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tácito. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância tu/você na cidade de São Paulo**. In: Revista Letra Magna, ano 04, n.7, 2007. Disponível em: <http://www.letramagna.com/xerxesartigo.pdf>. Acesso em 30 Dez. 2017.

MOTA, Maria Alice. **A Variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de são João da ponte (MG)**. 2008. Dissertação (mestre em lingüística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://150.164.100.248/nucleos/nupevar/dados/arquivos/Maria%20Alice%20Mota%20A%20varia%C3%A7%C3%A3o%20dos%20pronomes%20tu.pdf>. Acesso em: 28 Dez. 2017.

oviana_algunas_reflex%C3%B5es. Acesso em: 01 Jul. 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. -1. ed., São Paulo: Parábola, 2019. Papia, V.12. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1698/1509>. Acesso em: 15 Jan. 2018.

PERES, Edenize Ponzo. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: Um estudo em tempo aparente e em tempo real**. 2006. Tese de doutorado em Letras: Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LHAM-6N6HVT>. Acesso em: 08 fev, 2020.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX**. 2012. In: Veredas On-line Atemática – 2/2012, P. 36-55 – PPG LINGUÍSTICA/UFJF – JUIZ DE FORA



- ISSN: 1982-2243. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revista-veredas/files/2012/10/artigo-3.pdf>. Acesso em: 30 dez, 2019.

SANTOS, Viviane Maia. **“Tu vai para onde?... Você vai para onde?”: Manifestações da segunda pessoa na fala carioca.** 2012. Dissertação (mestre em letras Vernáculas- Língua portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SCHERRE et al. Variação dos pronomes “tu” e “você”. In: MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. **Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense.** 2011. In: SEVERO, Cristine Gorski Severo. **A comunidade de fala na sociolinguística Laboviana: Algumas reflexões.** Revista Voz das Letras, Concórdia, v. 9, I semestre de 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/944271/A_comunidade_de_fala_na_sociolingu%C3%ADstica_lab

SILVA, Suelen Cristina; GONÇALVES, Clézio Roberto. **A variação tu/você re Ressaquinha (MG): estudos preliminares.** 2016. In: XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_12/005.pdf. Acesso em: 13 Jan. 2018.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto. **A variação pronominal de segunda pessoa do singular em Coité do Nóia/AL.** 2019. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5883>. Acesso em: 10 fev, 2020.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **A variação você e cê no sertão alagoano.** In: *Revista Leitura*, v. 2, nº 59 – Maceió – Jul./Dez. 2017 – ISSN 2317-9945 Homenagem a Denilda Moura, p. 122-142.



Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/3212>. Acesso em: 08 fev, 2020.

SILVA, Suziane de Oliveira Porto; VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **A variação da segunda pessoa do singular em Coité do Nóia/Al.** 2018. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5883>. Acesso em: 10 fev, 2020. VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. **A variação tu e você em Maceió, Alagoas.** In: TODAS AS LETRAS, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 85-99, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?user=A4Me6nMAAA-AJ&hl=pt-BR>. Acesso em : 08 fev, 2020.

VOTRE, Sebastião Josué. **Relevância da variável escolaridade.** In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 51- 58.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução: Marcos Bagno. - 1. ed. - Parábola Editorial: São Paulo, 2006.



CAPÍTULO 9

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Priscila Rufino da Silva Costa*²⁷

*Marciana da Costa Carlos*²⁸

*Kaliane Silva de Souza*²⁹

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem da língua escrita é uma atividade complexa marcada inicialmente pela relação existente entre as formas de organização da oralidade e da escrita (Rocha, 2008). Apesar da semelhança inicial existente no período de aquisição da escrita entre as duas modalidades da língua, é importante compreender que a fala não é dividida em elementos linguísticos dados de antemão ou de fácil percepção e que o ouvinte a reestrutura em unidades psicologicamente significativas (Cunha; Miranda, 2009).

Além do conhecimento sobre esses aspectos inerentes à organização da escrita da língua portuguesa, o início

27 Doutora em Linguística (PPGLL/UFAL), Professora Adjunta/UNCISAL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6547-0212>.

28 Mestranda em Fonoaudiologia/PPGFON, UNCISAL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1584-2775>.

29 Fonoaudióloga, UNCISAL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8315-5988>.



do processo de aprendizagem da língua escrita vai depender da integração entre os processos neuropsicológicos, linguísticos, intelectuais e sua relação com os fatores afetivos e socioambientais (Côrrea; Machado; Hage, 2018).

Uma vez que a própria natureza da língua permite essas ocorrências, as crianças/ adultos que estão em processo de aquisição da língua escrita passam por certos conflitos ao verem uma modalidade comunicativa que não é inteiramente refletida pela fala, bem como não se apresenta na escrita as mesmas variantes encontradas na sua fala cotidiana e variada; esta segue uma norma que não é seguida na língua falada (Cagliari, 1992 apud Baronas, 2014).

Desta feita, a criança que está em processo de alfabetização precisa obter conhecimentos prévios - como a percepção auditiva, reconhecimento dos sons, palavras e frases, diferenciação visual das letras e compreensão do símbolo gráfico (Côrrea; Machado; Hage, 2018). A aprendizagem da escrita, por conseguinte, também sofre influência do ambiente familiar, das condições socioculturais e econômicas nas quais a criança está inserida, visto que as dificuldades de leitura e escrita podem ser resultantes de uma ausência de contato com bens culturais, tais como leitura de histórias infantis, interpretações das orientações presentes em jogos, dentre outros (Leite; Bittencourt; Ivani, 2015).

Outrossim, este acesso varia de acordo com as condições econômicas e culturais. Com isso, crianças inseridas em ambientes cujas práticas de leitura e escrita são incentivadas possuem diferença significativa durante a aquisição



da língua escrita quando comparadas às crianças que não obtiveram esse acesso (Leite; Bittencourt; Ivani, 2015).

Na abordagem fonoaudiológica, os fenômenos de escrita podem ser englobados sob o conceito de disortografia. Esta é caracterizada pela escrita realizada de forma discrepante das regras ortográficas definidas pela gramática tradicional da língua em questão, sendo que - nesses quadros - o potencial intelectual está relativamente adequado à idade do indivíduo (Fernández et al., 2010). Além disso, a disortografia não está relacionada a nenhuma dificuldade motora no momento da escrita, ou seja, na grafia - mas em escrever as palavras seguindo as normas do Português Brasileiro (Bortolazzo; Pavão, 2017). Com relação à intervenção fonoaudiológica na escrita, os estudos majoritariamente, não consideram a história pregressa do sujeito, seus aspectos culturais e crenças envolvidas na socialização da criança e, por conseguinte, nas suas práticas de aprendizagem (Leite; Bittencourt; Ivani, 2015).

Com isso, o fonoaudiólogo - em sua prática clínica - deve considerar os aspectos biopsicossociais dos sujeitos, visando manter a qualidade de vida das crianças diagnosticadas e o êxito na terapia (Leite; Bittencourt; Ivani, 2015), diferenciando o que é normal/usual (variação linguística, por exemplo) para determinado sistema linguístico, seja ele escrito ou oral, daquilo que seria patológico.



9.1. Aspectos teóricos

A teoria da variação linguística é uma das subáreas da Linguística - em que o foco de estudo são as variações e mudanças presentes em uma língua utilizada por uma dada comunidade de fala e/ou comunidade de prática, correlacionando em sua investigação os fatores linguísticos e extralinguísticos para descrição e análise da língua (oral ou escrita) em situações cotidianas (Labov, 2008[1972]; Valentin; Dizeu; Costa, 2020; Silva; Dizeu, 2017).

A partir dessa noção então, estudos buscam caracterizar os fenômenos encontrados na escrita infantil. De acordo com Fernández et al. (2010) e Rosa et al. (2012), por exemplo, os fenômenos de escrita podem ser classificados como: hipo e hipersegmentações, hipercorreção, omissão, representações múltiplas, apoio na oralidade, troca de surdo-sonoro, troca de letras graficamente semelhantes, inversão, acréscimos de letras ou sílabas, correspondência Fonema-Grafema e ausência ou Presença Inadequada de Acentuação. Ademais, pode-se encontrar também variação na marcação de concordância nominal e verbal, variação na regência verbal e nominal, monotongação e ditongação na escrita dos escolares.

Estudos como o de Mezzomo (2014) e Rio-Torto (2001) ressaltam a influência dos fatores linguísticos para o bom desempenho na linguagem, como os fatores de tonicidade, classe gramatical e quantidade de sílabas. A tonicidade (oxítone, paroxítone e proparoxítone) é favorecedora para a produção correta de sentido na escrita, uma vez que o



Português Brasileiro (PB) é caracterizado por ser uma língua acentual, ou seja, uma mudança na marcação de tonicidade de uma palavra pode gerar mudança no seu significado. O domínio sobre as classes gramaticais (substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição) possibilita ao educando ampliar a sua construção textual, bem como a melhoria do seu léxico, sendo essa mesma perspectiva vista para o fator de quantidade de sílabas (monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba), já que novas construções e combinações de sílabas possibilitam novas palavras para o léxico da criança (Mezzomo et al., 2014; Rio-Torto, 2001).

É comum, a todos os autores anteriormente citados (Mezzomo, 2014; Rio-Torto, 2001; Ferreira, 1990), que o ensino, no processo de aquisição da leitura e da escrita, se dê de forma concisa, bem como o domínio conceitual e prático por parte dos educadores, uma vez que todo o processo de aprendizagem é guiado pela metodologia do professor. Grande parte dos pacientes encaminhados para a clínica fonoaudiológica apresentam diagnósticos relacionados a alterações cognitivas, perceptuais e/ou motoras. Entretanto, as entrevistas iniciais com a criança demonstram que as dificuldades estão muito mais relacionadas ao próprio funcionamento da linguagem e à presença de variação linguística na escrita relacionados aos fatores que podem intervir nesse processo (Guarinello et al., 2008).

Estudos fonoaudiológicos que visam discutir a escrita com base na Sociolinguística Variacionista, bem como a descrição do perfil dos fenômenos da escrita são escassos e,



por vezes, se detêm a fenômenos pontuais e não observam os fatores linguísticos da forma apresentada neste estudo. Fundamentado nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista de William Labov (2008 [1972]), o estudo visa reforçar e trazer uma nova perspectiva para a Fonoaudiologia e para a linguística sobre o componente linguístico no processo de aquisição e apropriação da linguagem escrita de escolares.

Diante disso, este trabalho teve por objetivo descrever os fenômenos de variação linguística presentes na escrita de escolares do ensino fundamental quanto à sua classificação, de acordo com as categorias apresentadas por Fernández et al. (2010) e Rosa et al. (2012), bem como analisar a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos (sexo, ano escolar e idade) na ocorrência dos fenômenos de escrita, observando, desta feita, a tonicidade da sílaba, a classe gramatical do sintagma e a quantidade de sílabas.

9.2. Aspectos metodológicos

Pesquisa quantitativa, do tipo transversal, embasada no modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, proposto por William Labov (2008[1972]). A presente metodologia está baseada na pesquisa Hipossegmentação e Hipersegmentação na escrita de crianças do ensino fundamental, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas sob o parecer n.º 3.310.425, sendo utilizado o material de narrativa coletado por esse estudo.



A seleção deste material de narrativa se deu pela impossibilidade de realização da pesquisa nas instituições de ensino devido à situação de pandemia do COVID-19 e consequente fechamento das instituições. Com o intuito de resolver esta problemática, as pesquisadoras entraram em acordo sobre a utilização de um material de coleta de escrita já utilizado em outra pesquisa e que estivesse habilitado a ser analisado sob a nova perspectiva deste estudo, esta emenda foi aprovada pelo CEP/UNCISAL, parecer nº 4.409.087, CAAE n.º 30497020.7.0000.5011.

A amostra foi composta por 32 crianças, com idade entre 7 e 12 anos, sendo 17 meninas e 15 meninos, estudantes do 2º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública. O quantitativo por série foi de: 8 crianças do 2º ano (6 meninas e 2 meninos), 7 do 3º ano (4 meninas e 3 meninos), 8 do 4º ano (3 meninas e 5 meninos) e 9 do 5º ano (4 meninas e 5 meninos). Foram incluídas crianças de ambos os sexos regularmente matriculadas em escolas públicas, cursando do segundo ao quinto ano do ensino fundamental I, com idade entre 7 e 12 anos - cujos pais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e infantes que assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Por outro lado, os critérios de exclusão envolveram crianças que possuíam alguma dificuldade motora e/ou déficit de aprendizagem, escrita e leitura diagnosticada por profissional - sendo essa dificuldade informada aos pesquisadores pelo professor/pai e/ou responsável, que se recusassem a participar ou desistissem da pesquisa no mo-



mento da coleta e crianças que estivessem impossibilitadas de executar a produção textual no dia da coleta.

A proposta da narrativa foi baseada na história da Turma da Mônica. A folha destinada à narrativa foi composta por uma ilustração motivadora que referenciava a história, bem como uma linha para título e 20 linhas para a narrativa. As pesquisadoras selecionaram, dentre o acervo de textos da pesquisa de base, as narrativas que correspondiam às características do sujeito de acordo com a idade (entre 7 - 12 anos e 11 meses) e escolaridade (entre 2º ano e 5º ano do ensino fundamental), portanto, foram apurados 32 textos para compor a amostragem do presente estudo.

Após a seleção, todas as palavras de cada uma das narrativas foram analisadas e tabuladas em uma planilha de Excel®, concomitantemente, todas as variáveis - linguísticas e extralinguísticas - para serem analisadas também foram computadas seguindo códigos preestabelecidos pelas pesquisadoras. Quanto às variáveis, neste artigo, foram analisadas as ocorrências de fenômenos linguísticos em relação aos três seguintes fatores: (1) tonicidade da sílaba: classificando as palavras em oxítone, paroxítone e proparoxtone; (2) classe gramatical: classificando as palavras em substantivo, artigo, adjetivo, pronome, numeral, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição; (3) quantidade de sílabas do item: classificando as palavras em monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo. As ocorrências foram classificadas de acordo com as categorias propostas por Fernández et al. (2010) e Rosa et al. (2012). Em seguida, foram correlacionadas aos fatores extralinguísticos: sexo

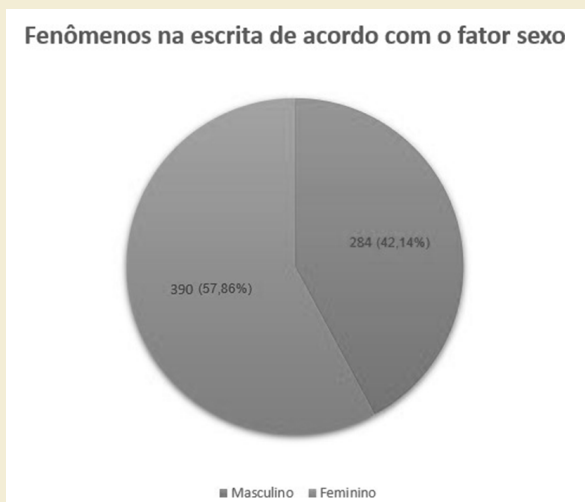


(feminino e masculino), série (2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano) e idade (07 a 12 anos).

9.3. Discussões e análises

A amostra foi composta por 32 crianças - estudantes de escola pública cursando do 2º ao 5º ano do ensino fundamental I, com idade entre 7 e 12 anos. Obtiveram-se 32 produções textuais, nas quais foram encontrados 674 fenômenos de variação linguística. Desses, 390 foram produzidos pelas estudantes do sexo feminino (57,86%) e 284 por discentes do sexo masculino (42,14%), consoante os resultados apresentados no gráfico 1.

Gráfico 1: Fenômenos na escrita de escolares de acordo com o fator sexo



Fonte: dados dos pesquisadores (2021).



Na tabela 1, é expresso o quantitativo de ocorrências dos fenômenos de variação linguística correlacionado às variáveis sexo e série. Encontrou-se 674 fenômenos, em que os estudantes cursistas do 4º ano produziram maior número de fenômenos de variação linguística, com 200 ocorrências (29,67%). Quanto à relação entre o fator sexo e o ano escolar foram encontrados mais fenômenos na escrita de discentes do sexo feminino e cursantes do 3º ano com 145 casos (21,51%).

Tabela 1 – Ocorrência de fenômenos na escrita de acordo com os fatores sexo e série de alunos

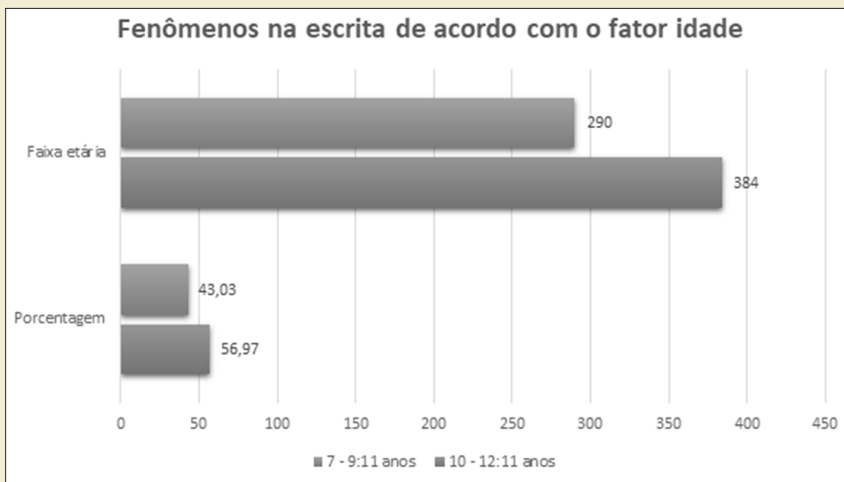
	Nº	Ocorrências / Total por série	% (ocorrências por sexo com- paradas ao total)
Sexo feminino - 2º ano	6	112 / 143	16,62
Sexo masculino - 2º ano	2	31 / 143	4,60
Sexo feminino - 3º ano	4	145 / 172	21,51
Sexo masculino - 3º ano	3	27 / 172	4,01
Sexo feminino - 4º ano	3	103 / 200	15,28
Sexo masculino - 4º ano	5	97 / 200	14,39
Sexo feminino - 5º ano	4	30 / 159	4,45
Sexo masculino - 5º ano	5	129 / 159	19,14
Total	32	674	100

Fonte: dados dos pesquisadores (2021).



Mediante ao fator linguístico idade, no gráfico 2, é apresentada a correlação entre faixa etária (7 - 9:11 anos e 10 - 12:11 anos) e presença dos fenômenos de variação linguística. Dos 674 fenômenos que ocorreram na escrita desses escolares, 290 (43,03%) foram escritos por crianças que tinham entre 7 e 9:11 anos, já as crianças que tinham entre 10 e 12:11 anos produziram 384 palavras com os fenômenos (56,97%).

Gráfico 2: Fenômenos na escrita de escolares de acordo com o fator idade



Fonte: dados dos pesquisadores (2021).

Nas 32 produções textuais, foram encontradas 568 palavras que apresentaram ocorrências de fenômenos da escrita; sendo estudantes do sexo masculino, da turma do 5º ano, o perfil com mais prevalência.

A partir das 568 palavras em estudo, foi possível encontrar 674 ocorrências de fenômenos nas amostras de escrita, sendo os fenômenos de omissão de letras, ausência ou presença inadequada de acentuação e apoio na oralidade os que apresentaram o maior número de casos registrados com 18,69%, 11,57% e 10,09% das ocorrências, respectivamente. Essa distribuição está apresentada na tabela 2 abaixo.

Tabela 2 - Ocorrência de fenômenos encontrados na escrita

Fenômeno da escrita	Ocor- rências	%
Acréscimo de letras	16	2,37
2. Acréscimo de sílabas	2	0,3
3. Apoio na oralidade	68	10,09
4. Ditongação	5	0,74
5. Correspondência Fonema-Grafema	22	3,26
6. Hipercorreção	58	8,61
7. Hipersegmentação	49	7,27
8. Hipossegmentação	62	9,20
9. Inversão	3	0,45
10. Monotongação	6	0,89



Fenômeno da escrita	Ocor- rências	%
11. Omissão de letras	126	18,69
12. Omissão de sílabas	7	1,04
13. Ausência/Presença inadequada de acentuação	78	11,57
14. Representações múltiplas	53	7,89
15. Troca de letras graficamente semelhantes	24	3,56
16. Troca de surdo-sonoro	27	4,01
17. Variação na marcação de concordância nominal	22	3,26
18. Variação na marcação de concordância verbal	39	5,79
19. Variação na regência nominal	1	0,15
20. Variação na regência verbal	6	0,89
Total	674	100%

Fonte: dados dos pesquisadores (2021).

Quanto à análise realizada, pode-se notar que muitas palavras não apresentaram apenas um fenômeno em sua estrutura. Os achados indicaram a presença de mais de um fenômeno no sintagma, a exemplo, temos a palavra-alvo <capoeira> que foi escrita como <capueØra>. Neste caso, podemos encontrar dois fenômenos de escrita na mesma palavra, a saber: omissão de letra (apagamento do <i>) e apoio na oralidade (troca de <o> por <u>).



A tabela 3 demonstra a ocorrência de fenômenos encontrados na escrita e a relação com a variável tonicidade da sílaba. Foi possível analisar que a maior parte das ocorrências de fenômenos da escrita foi realizada em palavras oxítonas.

Tabela 3 – Caracterização dos achados de acordo com o fator tonicidade

Fator		Ocorrência	%
Tonicidade	Oxítona	278 / 568	48,94
	Paroxítona	256 / 568	45,07
	Proparoxítona	34 / 568	5,99

Fonte: dados dos pesquisadores (2021).

Quanto à classe gramatical, foi possível observar que houve maior ocorrência de fenômenos em verbos (33,08%) e em substantivos (31,32%). No entanto, palavras da classe de interjeição (0,16%) e numeral (0,0%) apresentaram baixa ou nenhuma ocorrência, consoante tabela 4.



Tabela 4 – Caracterização dos achados de acordo com o fator classe gramatical

	Fator	Ocorrência	%
Classe gramatical	Substantivo	178	31,32
	Artigo	28	4,91
	Adjetivo	25	4,38
	Pronome	59	10,37
	Numeral	0	0,0
	Verbo	188	33,08
	Advérbio	39	6,84
	Preposição	25	4,38
	Conjunção	26	4,56
	Interjeição	1	0,16
Total			

Fonte: dados dos pesquisadores (2021).

A tabela 5 apresenta o quantitativo de ocorrências de acordo com a quantidade de sílabas das palavras que apresentaram fenômenos de variação linguística. Palavras dissílabas (36,09%) apresentaram maior recorrência quando comparadas às demais categorias, sendo as palavras polisílabas (9,51%) o fator que apresentou menor ocorrência.

Tabela 5 - Caracterização dos achados de acordo com o fator quantidade de sílabas

	Fator	Ocorrência	%
Quantidade de sílabas	Monossílaba	164	28,87
	Dissílaba	205	36,09
	Trissílaba	145	25,53
	Polissílaba	54	9,51
Total		568	100

Fonte: dados do pesquisador (2021).



A partir dos achados, é possível ainda delinear um perfil das palavras mais propensas a apresentarem os fenômenos elencados neste estudo. Dentre as palavras que apresentaram omissão de letras, a prevalência foi de omissão de consoantes nasais em posição de coda, como em: **brincando** > **brincaØdo**, sendo essa omissão mais recorrente nas sílabas tônicas. Quanto à classe gramatical, a maior parte das palavras era da categoria verbo, com duas sílabas, seguido de substantivos com três sílabas.

Quando analisadas as palavras que apresentaram o fenômeno de ausência ou presença inadequada de acentuação, foi visto que houve maior recorrência de “ausência” que de “presença inadequada”, sendo a maior ocorrência em substantivos - mais especificamente na palavra <Mônica>, personagem referenciada na imagem da folha de coleta que serviu como base para a escrita da narrativa - e em palavras de construção trissílaba.

Já nas palavras que apresentaram o fenômeno de apoio na oralidade, pôde-se destacar a maior ocorrência em substantivos, seguido dos verbos - com pouca diferença entre os dois -, em oxítonas. A maior parte das evidências de apoio na oralidade foram as trocas de <o> por <u>, seguida de trocas de <e> por <i>, bem como o apagamento da consoante em coda em final de verbos, como em: eles vão brincar > eles vão brincaØ.

A partir dos achados, foi possível comparar aos dados apresentados pelos autores Fernández et al. (2010) e Rosa et al. (2012) que embasaram as classificações deste estudo. O estudo de Rosa et al. (2012) demonstrou que os fenômenos



mais recorrentes foram representações múltiplas, omissões e apoio na oralidade, o que coaduna, em partes, com os achados desta pesquisa os quais apontaram maior ocorrência para os fenômenos de omissões de letras e apoio na oralidade. Quanto ao estudo de Fernández et al. (2010), que corresponde a uma revisão de literatura, não foram disponibilizados dados estatísticos de ocorrência para serem comparados a esse estudo, no entanto, quando analisado sob a perspectiva de discussão, pôde-se destacar a importância da avaliação da ortografia ser baseada na semiologia dos erros, bem como considerar o histórico e o desempenho do escolar na linguagem oral, uma vez que esses aspectos temporais e qualitativos influenciam na aprendizagem.

Nos achados presentes neste *corpus*, houve maior ocorrência de fenômenos de variação linguística nos textos escritos por meninas - contrariando a hipótese inicial do estudo - que consistia na prevalência dos fenômenos nas narrativas escritas por estudantes do sexo masculino. Nos estudos que visam analisar a escrita, o fator extralinguístico sexo é considerado como relevante na caracterização dos participantes das pesquisas, todavia, não é uma variável utilizada na análise e descrição resultados (Chiaramonte; Capellini, 2019; Capellini et al., 2012; Capellini et al., 2011; Batista; Capellini, 2017; Capellini; Buratelli; Germano, 2010; Zorzi; Ciasca, 2008; Zuanetti; Schnek; Manfredi, 2008).

Apesar dos fatores extralinguísticos sexo e idade serem considerados nos procedimentos metodológicos de inúmeros estudos (Chiaramonte; Capellini, 2019; Capellini et al., 2012; Capellini Et Al., 2011; Batista; Capellini, 2017;



Capellini; Buratelli; Germano, 2010; Zorzi; Ciasca, 2008; Zuanetti; Schnek; Manfredi, 2008), ainda há uma escassez de pesquisas que correlacionem essas variáveis como influentes na ocorrência dos fenômenos de variação linguística na escrita infantil.

Consoante os estudos de Capellini et al. (2012), Capellini et al. (2011), Batista e Capellini (2011) e Capellini et al. (2010), com o aumento da seriação e ao longo do processo escolar é demonstrada uma redução na média de erros na escrita - esse fato parece ser um indicativo de um maior e melhor domínio ortográfico da escrita pelos estudantes. No entanto, esses achados diferem dos obtidos neste *corpus* - visto que os discentes do 4º ano realizaram mais fenômenos de variação linguística.

Na área da Fonoaudiologia, os achados presentes em estudos cujos objetivos eram o de analisar os erros ocorrentes na escrita são majoritariamente associados a dificuldades e/ou transtorno de aprendizagem e desempenho inferior nas atividades de escrita (Capellini Et Al., 2010; Chiaramonte; Capellini, 2019; Zorzi; Cisca, 2008; Zuanetti; Schnek; Manfredi, 2008; Nogueira; Cárnio, 2018; Nobile; Barrera, 2009). Todavia, nesta pesquisa, buscamos uma população de estudantes sem dificuldades de escrita diagnosticadas ou pontuadas por professores.

Ao longo das buscas na literatura, foi possível reconhecer uma lacuna na elaboração de protocolos mais específicos e que investiguem as variáveis aqui estudadas, tanto por profissionais da Fonoaudiologia como por profissionais da Educação para delinear e caracterizar as



ocorrências e possibilitar a intervenção mais eficaz; portanto, esta pesquisa possibilitou abrir novos caminhos para que estudos sobre os fenômenos da escrita possam ser elaborados. Outra ressalva se direciona para o monitoramento da aprendizagem da leitura e escrita, uma vez que os primeiros anos de contato com a escrita norteiam todo o desenvolvimento escolar da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou descrever os fenômenos de variação linguística presentes na escrita de escolares de escola pública correlacionando-os a fatores extralinguísticos e linguísticos.

Neste *corpus*, podemos concluir que houve prevalência do fenômeno omissão de letras com percentual de 18,69%, sendo os fatores linguísticos mais influentes: palavras oxítonas, da classe gramatical de verbo e que tinham sua estrutura em dissílaba. Devido à disparidade entre as seriações escolares e a faixa etária, no que se refere à quantidade de fenômenos de variação linguística - não foi possível concluir que, ao longo dos anos escolares, esses fenômenos vão sendo superados. Dessa forma, faz-se necessária a realização de estudos aplicando como instrumento a narrativa, visando analisar se essa forma de coleta propicia a escrita mais espontânea e se tal relação favorece a ocorrência das variações linguísticas na escrita.

Contudo, pode-se delinear um perfil do escolar mais propenso a produzir tais fenômenos, a partir da análise dos



dados deste *corpus*, a saber: estudantes do sexo feminino, com idade de 10 a 12 anos e cursantes do 4º ano.

Outrossim, é importante que o professor e fonoaudiólogo considerem os fatores extralinguísticos e linguísticos como importantes para ocorrência dos fenômenos de variação linguística e que a presença desses pode indicar relações na escrita que vão além da patologização, mas que podem demonstrar indícios de dificuldade no meio sociocultural, familiar e até mesmo escolar. Com isso, ressalta-se a importância de novos estudos - em diferentes regiões do Brasil - considerando os fatores extralinguísticos sexo, idade, ano escolar e tipo de escola como fator primordial para a descrição desses fenômenos.



REFERÊNCIAS

CHIARAMONTE, Thaís Contiero; CAPELLINI, Simone Aparecida. Relação do perfil de erros de leitura e escrita na dislexia e dificuldades de aprendizagem. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 58, p. 319-329, 2019. DOI: 10.12957/teias.2019.40287. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revista-teias/article/view/40287>. Acesso em: 7 maio. 2025.

SILVA, Priscila Rufino; DIZEU, Liliane Correia Toscano. Variação linguística na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió/Alagoas. **Revista Leitura**, n. 58, p. 47-67, 2017.

BATISTA, Andrea Oliveira; CAPELLINI, Simone Aparecida. **Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano do ensino privado do município de Londrina**. Psicologia Argumento, v. 29, n. 67, 2017.

BORTOLAZZO, Jéssica Colpo. **Disortografia: um enfoque psicopedagógico**. In PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (org.). **Os casos excluídos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva** v. 2. 2017.

CAPELLINI, Simone Aparecida et al. **Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano do ensino particular**. Revista Cefac, v. 14, p. 254-267, 2012.

CAPELLINI, Simone Aparecida et al. **Desempenho ortográfico de escolares do 2º ao 5º ano do ensino público**. Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 23, n. 3, p. 227-236, 2011.

CAPELLINI, Simone Aparecida et al. **Dificuldades de aprendizagem da escrita em escolares de 1ª a 4ª séries do ensino público**. Revista Educação em Questão, v. 37, n. 23, 2010.

FERNÁNDEZ, Amparo Ygual et al. **Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura**. Revista CEFAC, v. 12, n. 3, p. 499-504, 2010.

FERREIRO, Emilia Beatriz María; TEBEROSKY, Ana. **A escrita... antes das letras. A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmo e melodias**. São Paulo: Cortez, p. 19-70, 1990.

GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle; BERBERIAN, Ana Paula. **A clínica fonoaudiológica e a linguagem escrita: estudo de caso**. Rev. CEFAC, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 38-44, março de 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LEITE, Karoline Kussik de Almeida; BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo; SILVA, Ivani Rodrigues. **Fatores**



socioculturais envolvidos no processo de aquisição da linguagem escrita. Revista CEFAC, v. 17, n. 2, p. 492-501, 2015.

MEZZOMO, Carolina Lisbôa; DIAS, Roberta Freitas; VARGAS, Diéssica Zacarias. **Fatores intervenientes na produção correta da sílaba (c) vc em dados típicos e atípicos de fala.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 30, p. 353-370, 2014.

NOBILE, Gislaine Gasparin; BARRERA, Sylvia Domingos. **Análise de erros ortográficos em alunos do ensino público fundamental que apresentam dificuldades na escrita.** Psicologia em Revista, v. 15, n. 2, p. 36-55, 2009.

RIO-TORTO, Graça. **Classes gramaticais: sua importância para o ensino da morfossintaxe.** Máthesis, n. 10, p. 259-286, 2001.

ROSA, Clarice Costa; GOMES, Erissandra; PEDROSO, Fleming Salvador. **Aquisição do sistema ortográfico: desempenho na expressão escrita e classificação dos erros ortográficos.** Rev. CEFAC, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 39-45, Feb. 2012.

VALENTIM, Ana Clara Pereira; DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; COSTA, Priscila Rufino da Silva. **Marcações não manuais na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió: delineamentos de uma comunidade de prática.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 36, 2020.

ZORZI, Jaime Luiz; CIASCA, Sylvia Maria. **Caracterização dos erros ortográficos em crianças com transtornos de aprendizagem.** Revista CEFAC, v. 10, p. 321-331, 2008.

ZUANETTI, Patrícia Aparecida; CORRÊA-SCHNEK, Andréa Pires; MANFREDI, Alessandra Kerli da Silva. **Comparação dos erros ortográficos de alunos com desempenho inferior em escrita e alunos com desempenho médio nesta habilidade.** Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 13, p. 240-245, 2008





CAPÍTULO 10

DIFERENÇA NÃO É DEFICIÊNCIA: SOBRE O LÉXICO REGIONAL/POPULAR DO LITORAL NORTE DE ALAGOAS

Fabricio de Lima Goes³⁰

Jeylla Salomé Barbosa dos Santos Lima³¹

INTRODUÇÃO

A língua permeia a sociedade brasileira em suas mais diferentes formas. Nas esquinas, nas praças, escolas, hospitais, no quintal, debaixo de uma mangueira (espaço raro no litoral), com cada falante que conversamos, percebemos que não falamos iguais. Continuamos a conversa e vamos constatando que o emprego dos aspectos específicos da linguagem, como o fonético-fonológico, o morfossintático e o léxico não se apresentam do mesmo modo entre os proseadores. Para Marcos Bagno (2007), cada região, cada espaço social ou cultural apresenta a língua de seu modo particular, pois isto é da natureza humana, nos adaptamos e nos modificamos em consideração ao contexto.

A beleza da língua se encontra exatamente aí, na diferença. A língua é um conjunto de possibilidades. O que



30 Mestrando PPGLL/UFAL. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-8985-2342>.

31 Professora Doutora, em Linguística, UNEAL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2045-9201>.

nos traz aqui é exatamente a realização concreta dessas possibilidades, a fala. A variação é inerente à língua e, partindo dessa premissa, objetivamos apresentar a linguagem regional alagoana, partindo, inicialmente do litoral norte. Pretendemos mostrar e compreender a relação entre léxico, sociedade e cultura, em expressões como em “acho dia”, “desconjuro”, “lauaja”, “aculá; observando a linguagem regional popular de Alagoas. Entendendo a variação linguística como diferença (e não deficiência) que uma língua apresenta mediante fatores como região e as condições culturais ou sociais onde ela é usada.

A proposta é apresentar o léxico regional/típico do litoral, muito presente na fala de pessoas com mais de 45 anos de idade, com destaque para os não escolarizados. Um léxico desconhecido por muita gente, um vocabulário diferente. Um vocabulário que a escola “jamais aceitaria” (mas isso está em processo de mudança) porque prioriza a norma e a norma não será tratada aqui. Expressões estas aprendidas no cotidiano, bem longe dos muros da escola. O que nos leva a pensar que o léxico está muito mais relacionado com os aspectos e até mesmo com a estrutura social. Segundo Matoré (1953), para podermos compreender a natureza lexical de um grupo social, é necessário entendermos que o léxico é acontecimento, é reflexo de uma sociedade.

Os estudos da Lexicologia, com base nesse preceito, têm demonstrado que o léxico possui a fundamental característica de representar a realidade linguística, cultural e social de uma determinada comunidade.



É por meio dele que todo saber adquirido em vários momentos da vida dos indivíduos é transmitido às gerações seguintes. Assim sendo, os vocábulos têm a função de fazer perdurar sentimentos, emoções e conhecimentos.

De acordo com Vilela (1995, p. 6):

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.



Um léxico que representa a língua de uma comunidade, numa parte de terra até certo tempo, isolada do restante de Alagoas, pacata, num mundo de sombra e água fresca, com uma cultura intacta, singular, antes de ser “descoberta” como polo turístico e de grandes empreendimentos. Língua, sociedade e cultura que juntas dão voz às expressões existentes em São Miguel dos Milagres e cidades vizinhas, um trio que, segundo Barbosa (1981), o léxico carrega em si a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas.

Em algumas calçadas do litoral ainda é possível ver mulheres raspando palhas para fazer vassoura, tradição que perpassa gerações. Em suas conversas, as expressões andam

soltas, expressões que, muitas vezes, só elas entendem. Vocábulos carregados de sentimentos, sabedoria, experiência, lamento. Há uma visão de mundo em cada falante, em cada expressão produzida.

Ao analisar outra comunidade, perceberemos que o léxico pode ser diferente da analisada aqui, neste trabalho, porque cada conjunto de léxico vai representar o espaço privilegiado de produção, acumulação, transformação e diferenciação dos sistemas de valores.

Segundo Basílio (2004, p. 50), “o léxico pode ser definido como um sistema dinâmico de produção e armazenagem de formas simbólicas, isto é, formas que evocam significados.” Para mais entendermos o que diz a autora:

A questão da comunicação imediata é igualmente relevante. Na medida em que o sistema linguístico é um sistema de comunicação social, é crucial a necessidade de entendimento imediato entre locutor e interlocutor. Isto significa que os termos empregados pelo falante devem ser automaticamente interpretados pelo interlocutor, e que, portanto, a utilização de símbolos arbitrários, embora básica na constituição primitiva do léxico, não é eficiente como meio de expansão lexical. (Basílio, 2004, p. 52).

É evidente o papel social e comunicativo para o qual a língua se presta. E, para além desse papel, o conhecimento linguístico do falante em utilizar o sistema, seu conhecimento de mundo diz muito sobre seu repertório, suas escolhas.



Em uma das conversas, é perguntado a uma falante, será que vai chover? E ela respondeu, *lauaja*. Para ela não havia importância alguma se ia ou não chover.

É nítida a falta de atenção do falante sobre o seu discurso, fazendo com que esteja mais próximo de seu vernáculo e dando mais confiabilidade aos dados recolhidos pelo/a pesquisador/a. E aí, refletimos se a falta de atenção sobre o discurso está no falante ou se nós que conhecemos mais variedades da língua o julgamos por só conhecer uma. Mais uma vez a visão de mundo nos diz quem somos.

Assim, para Volóchinov,

A consciência linguística do falante e daquele que escuta e compreende não lida na prática ou na fala viva com um sistema abstrato de formas linguísticas normativas e idênticas, mas com a linguagem no sentido do conjunto de diferentes contextos possíveis em que essa forma linguística pode ser usada. Para o falante nativo, a palavra se posiciona não como um vocábulo de dicionário, mas como uma palavra presente nos enunciados mais variados da combinação linguística A, B, C etc., e como palavra de seus próprios enunciados multiformes (2018, p. 180).



À Teoria da Variação interessa, portanto, primordialmente, estudar “a língua como usada pelos falantes nativos para se comunicarem no dia-a-dia” (Labov, 1972, p. 185), ou seja, o vernáculo, “o estilo em que um mínimo de atenção é atribuído à monitoração da fala”. (Labov,

1972, p. 208)³². Trata-se, portanto, de uma abordagem cujo objetivo específico é descrever e explicar os fenômenos linguísticos em si, e não as formulações teóricas e analíticas relativas a esses fenômenos.

Saussure (2006 [1857-1913]) já apontava, em seus estudos, o conceito de língua enquanto sistema abstrato partilhado pelos falantes que lhe dão concretude no âmbito da fala. E essa concretude não se dá de forma homogênea, pelo contrário, comporta muita variação.

Com isso, seguiremos de acordo com os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Analisando o contexto social e a fala de forma correlacional.

Como dito, nosso campo de pesquisa é o litoral norte de Alagoas. Pensar em litoral é pensar em praia, muitas das vezes é pensar em descanso, em passeio. Sobretudo quando não estamos falando de qualquer costa litorânea. Considerado um destino imperdível no turismo brasileiro, por oferecer algumas das praias e paisagens litorâneas mais paradisíacas do país. Mas as belezas, muitas das quais que existem e são visíveis, e outras, que, se escondem neste espaço, não se limitam apenas às suas belíssimas praias cristalinas, de águas mornas, praias que secam por inteiro, lhe fazendo acreditar que é possível alcançar outro lado da vida ou do mundo. Estamos falando da região que abriga a segunda maior barreira de corais do mundo em extensão,

32 No original, “this is the ‘vernacular’ – the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech”. (LABOV, 2008, p. 244)



proporcionando mar calmo, cristalino e de areia branca, ideal para passeios, experiências, uma inesquecível conexão com a natureza e fotos memoráveis.

Para além disso, existe um rico e diversificado léxico popular, muito criativo, influenciado por fatores culturais e sociais. Que nos permite acreditar e compreender a existência da relação entre língua, cultura e sociedade. Levar em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala, sobretudo sem dissociar o material da fala do produtor dessa fala, o falante. Considerar as condições em que a fala é produzida e por quais fatores ela é produzida é papel da Sociolinguística Variacionista.

As expressões são uma parte importante da identidade cultural de um povo, partindo para o litoral norte de Alagoas, não é diferente, pois estas expressões, como “maluvido”, para se referir a uma pessoa teimosa, contribuem para a riqueza linguística do Brasil. É importante lembrar que a diversidade linguística não é sinônimo de deficiência, mas sim de uma riqueza cultural que deve ser valorizada e preservada. No mínimo, registrada. Quando pensamos em preservação, precisamos acordar e começar a coletar tais dados e a registrar porque nossos informantes são todos idosos e quase não vemos ou vimos/ouvimos pessoas mais jovens, menores de 50 anos, reproduzindo o léxico estudado aqui. Muito bem, entendem, mas não os reproduzem cotidianamente como fazem os idosos com os quais conversamos. E quando os produzem/reproduzem é fazendo menção à mãe, ao pai, à avó, ao avô, a quem o ensinou.



Para quem percorre o litoral e tem a oportunidade de conversar com os nativos, pode perceber a riqueza na linguagem desse povo, a criatividade estampada em cada palavra que faz referência a algo que só eles compreendem porque faz parte de seu cotidiano.

O litoral norte de Alagoas foi influenciado por vários fatores linguísticos, sociais e culturais ao longo da história, dentre as influências, estão a língua portuguesa, trazida pelos colonizadores portugueses no século XVI, a língua indígena, falada pelos povos originários da região, o africano, trazido pelos escravos africanos durante o período colonial, dentre outras. Essas influências se misturaram e deram origem a uma cultura rica e diversificada no litoral norte de Alagoas. Temos pescadores, analfabetos, praiheiros, marisqueiras, matutos, doutores, professores, donas de casa, pedreiros e muitos hoteleiros. Temos uma língua viva e em cantadora.

Nosso objetivo primeiro é demonstrar as expressões faladas, vividas “criadas” no litoral norte, em breve, coletar as expressões no litoral sul e comparar, pois pretendemos mapear sociolinguisticamente o litoral com seu léxico regional/típico alagoano. O léxico popular do litoral norte de Alagoas é um tesouro de expressões únicas e criativas que refletem a realidade e a riqueza sociocultural da região.

O trabalho está dividindo em fundamentação teórico-metodológica, nesta seção apresentamos os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Em seguida, apresentamos a metodologia, seguindo com a análise dos dados e as



considerações finais, com a visão de mundo que os dados nos permitiram alcançar.

10.1. Fundamentação teórico-metodológica

Nesta seção, discutiremos da fundamentação teórico-metodológica. Os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados desta pesquisa são os da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Nessa perspectiva teórica, assume-se que a heterogeneidade, ou variação, é inerente a todo e qualquer sistema linguístico e que esta variação não é aleatória, mas governada por regras e restrições tanto linguísticas quanto extralinguísticas. Para Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968], p. 134), “aprender a ver a língua como inerentemente variável significa, antes de tudo, reconhecer a natureza e a amplitude dessa infração dentro do sistema”.

Nosso trabalho tem como objetivo apresentar um léxico regional/popular presente no litoral norte de Alagoas, como base nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Aí se encontra a importância social da linguagem, dos pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores. Vale ressaltar que o termo Sociolinguística foi fixado através de Willian Labov, em 1964, quando o mesmo buscou uma maneira de descrever e interpretar o fenômeno



linguístico ocorrido na sociedade, conhecido por sociolinguística variacionista. Ele destacou o papel categórico desses fatores sociais relacionando-os a fatores como: sexo, idade, escolaridade, dentre outros. A seguir, trazemos os pressupostos básicos que regem a teoria da Sociolinguística Variacionista.

10.2 Pressupostos básicos da Sociolinguística Variacionista

Desde o trabalho conjunto desenvolvido por Weinreich (2006 [1968]), em que se estruturaram as bases para uma teoria da mudança linguística, os autores já alertavam para a necessidade de se romper com a identificação entre estrutura linguística e homogeneidade. Propuseram, então, como postulado básico desse tipo de abordagem, que “em uma língua que serve a uma comunidade complexa (i.e. real) é a ausência de heterogeneidade estruturada que seria disfuncional”. (Weinreich et al, 2006 [1968], p. 101)³³.

Considera-se que há variação sempre que duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, em um contexto, estão presentes com certa frequência e sistematicidade, em uma dada comunidade de fala. Para haver variação, portanto, é preciso avaliar se as diferentes possibilidades de expressão estão correlacionadas a determinados contextos estruturais específicos ou a dadas situações de uso da língua, de modo sistemático e frequente.

³³ No original, “in a language serving a complex (i. e., real) community, it is absence of structured heterogeneity that would be dysfunctional”.



Na metodologia, a seguir, conforme observamos acima, conceitos importantes da teoria serão apresentados e discutidos mais amplamente, considerando-se a sua relação com os problemas a serem enfrentados na investigação aqui proposta.

10.3. Fundamentos metodológicos da pesquisa

A metodologia contempla a fase exploratória de estabelecimento de critérios de amostragem, entre outros, e a definição de instrumentos e procedimentos para a síntese e a análise de dados e informações, destacando o método. O método, traço característico da ciência, representa um procedimento racional e ordenado (forma de pensar), constituído por instrumentos básicos, que implica utilizar, de forma adequada, a reflexão e a experimentação para proceder ao longo de um caminho (significado etimológico de método) e alcançar os objetivos pré-estabelecidos no planejamento da pesquisa.

Detalharemos, a seguir, as ações desenvolvidas e executadas.

Esta pesquisa utilizou os dados do Projeto Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL – O Projeto PORTAL é um banco de dados de falares alagoanos, coletado a partir de entrevistas semiestruturadas (entrevistas do tipo “história de vida” e opiniões sobre temas polêmicos), composto por dados de fala de 10 cidades do Estado de Alagoas, Região Nordeste do Brasil: Arapiraca, Delmiro Gouveia, Maceió, Palmeira dos Índios, Penedo, Santana do Ipanema, São



Miguel dos Milagres, União dos Palmares, Capela e São Miguel dos Campos. Totalizando 240 participantes, distribuídos nas 10 cidades mencionadas. Com participantes nascidos e criados na cidade; as gravações têm entre 9 e 11 minutos; os participantes estão georreferenciados; as amostras por cidade obedecem às cotas conforme à estratificação social, gênero, escolaridade e faixa etária. Os dados estão gravados no formato WAV com taxa de amostragem de 48khz/24bits; os dados têm transcrição sincronizada (PRAAT).

Para a constituição da amostra, seguimos alguns critérios básicos de seleção para que o indivíduo pudesse participar na composição. Obedecemos aos critérios, como i) ter nascido no município; ii) não ter se ausentado do município por mais de 1 ano; e, preferencialmente, iii) ter ambos os pais nascidos também no município.

Utilizamos os dados da cidade de São Miguel dos Milagres por estar localizada no litoral norte. Foram selecionados 24 participantes.

A partir deste momento, seguimos com a descrição dos dados, sem a manipulação de variáveis.

10.4. Análise dos dados

Esta seção tem por objetivo descrever de modo mais alentado as expressões coletadas enfocadas na investigação aqui apresentada. Durante toda a escuta e leitura dos dados, percebemos que somente os falantes com idade a partir de 45 anos produzem o léxico regional/popular do litoral norte de Alagoas.



Para a sociolinguística, dados os seus pressupostos, é necessário que os dados para qualquer forma de linguística geral seja a língua tal como usada por seus falantes nativos comunicando-se uns com os outros na vida diária, o que quer dizer o vernáculo, conforme definimos anteriormente. É esse vernáculo, a língua falada espontaneamente pelos falantes de um grupo definido como uma comunidade real de fala, ali observada diretamente, que é o objeto de estudo da variação linguística, dado que a língua é concebida, nessa perspectiva teórica, como um fato social (Labov, 2008 [1972]). Sendo esse o objeto de estudo da sociolinguística, constitui-se o ponto de partida do estudo do processo de variação e mudança de uma língua.

A fim de ilustrar o que se tem delineado, são expostos alguns exemplos encontrados. Para tanto, os dados foram codificados conforme o modelo apresentado e descrito na Tabela 1.

Tabela 1 - Codificação dos dados

Código do informante: **SM18Mo8**

SM – São Miguel dos Milagres

18 – idade

M – sexo/gênero masculino

08 – nível de escolaridade (ensino fundamental)

Fonte: Projeto Variação Linguística no Português Alagoano – PORTAL



Em nossas primeiras análises, foi possível perceber expressões que não ouvimos com falantes mais jovens. Essa foi a primeira observação.

Expressões como *labuá*, ‘*avia*’, ‘*basta da égua*’, ‘*aculá*’, ‘*fazer um arte*’ na fala de **SM68M05** soam quase que incompreensíveis quando de forma isolada. Daí a importância do contexto social, de conhecer o lugar de fala do falante e o contexto da expressão numa frase. Como por exemplo, ‘*deixa de ser labuá*, José’.

Era uma mãe que estava conversando com uma vizinha no quintal, quando seu filho de 10 anos é empurrado por outra criança, enquanto brincavam. Imediatamente, ela grita, *deixa de ser “labuá”, José*, ou seja, *deixa de ser besta*, José. Poderíamos pensar que ela ficou com raiva pelo acontecido, deixando expresso na fala, no léxico.

Daí a importância de ver a palavra não de forma isolada, mas como parte de uma estrutura social.

A língua é tão dona de si que mesmo empregando a expressão numa frase, não é tão fácil entendê-la. Nesse caso, *labuá* é abestado, idiota, tolo.

Tais expressões estão carregadas de características de um povo que vive à beira mar, que sofreu inúmeras influências, menos a da escola. Que hoje é visitado por inúmeros turistas, mas a influência deste para com esse povo já não faz tanto sentido. São passageiros, levam as expressões consigo, lembrando do lugar.



Dando continuidade, também encontramos na fala de **SM70F06**, expressões como ‘*acho dia*’, ‘*modiquê*’ ‘*des-conjuro*’, ‘*descatembada*’.

Na frase ‘*acho dia*’ estava eu e minha mãe quando apareceram dois gatos homens.

Não posso ir com você *modiquê* não sei ler.

Nestas expressões já é possível compreender sem muito esforço, o significado de ‘certo dia’ para ‘acho dia’ e ‘porque’ para ‘modique’.

Somos uma sociedade composta por uma enorme diversidade linguística, diversidade que varia de homem para mulher, de adolescente para adulto, de escolarizado para não escolarizado, de viver no interior e viver na capital. Há uma variedade no seio da comunidade, que varia de comunidade para comunidade, o que caracteriza a identidade de cada lugar, de cada povo, de cada falante. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível. Como mostram os dados, os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico.

Escutamos “pirão chirre” de um falante e escutamos “escabeche” de outro e porque não dizer que o mesmo falante detém das duas expressões em seu vocabulário? Estamos falando de realizações concretas de possibilidades linguísticas.

Ouvi muitas das vezes minha querida vó dizer “*lauaja*”, quando ela ficava sabendo de um “causo”. *Lauaja* para



ela era como “por mim, não me interessa”. Entenda-se “causo”, acontecimento.

Entenda-se que este povo sofreu influências linguísticas, culturais e sociais e que essas expressões são uma parte importante da identidade cultural dessa gente. Diante disso, não apenas mapearemos linguisticamente o nosso estado, mas resgataremos uma riqueza cultural.

Para Basílio (2004), o léxico está em constante expansão, na medida em que nossas necessidades de representação conceitual e construção de enunciados estão sempre em mudança, sobretudo se expandindo, tanto social quanto individualmente.

Baseando-nos em nossos dados, temos evidência de que estamos diante de uma mudança linguística. Nossa análise se baseia no sentido de que nenhuma expressão aqui apresentada foi produzida por falantes com idade menor que 50 anos. Además, os dados indicam de que o uso das expressões é feito indiscriminadamente por ambos os sexos/gêneros e todos os seus falantes são a parte menos escolarizada da comunidade linguística pesquisada.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa, tomamos como objetivo demonstrar a linguagem regional do litoral norte de Alagoas, compreendendo a relação entre léxico, sociedade e cultura, em expressões como “acho dia”, “desconjuro”, “lauaja”, “aculá, dentre outras. Entendendo que há uma variação semântico-lexical, que é diferente, mediante fatores como

região e as condições culturais ou sociais onde a língua é usada. Para tanto, a pesquisa seguiu os pressupostos teórico e metodológicos da Sociolinguística Variacionista por ser correlacional (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Analisamos 24 falantes nascidos e criados no litoral. Os dados revelam que as expressões utilizadas indicam uma forte relação entre léxico, sociedade e cultura. E que podemos estar diante de uma mudança linguística. O que pode não ser positivo quando pensamos em cultura preservada. Mas tratando-se língua, sistema vivo e variável, o curso pode ser este mesmo.

A pesquisa é inicial, visto que tem como objetivo ampliar para mais cidades do litoral norte e sul, podendo fazer comparações e mapear sociolinguisticamente o litoral alagoano e seu léxico que está mais para tópico que popular.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade:** processos do neologismo. São Paulo: Global, 1981.

BASÍLIO, M. **Polissemia sistemática em substantivos deverbais.** In: Ilha do Desterro, nº 47, p. 49-71. Florianópolis, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/viewFile/7347/6769>. Acesso em: 23 nov. 2024.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico.** São Paulo: Loyola, 2007.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns.** Oxford: Basil Blackwell, 1972.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola, 2008.

MATORÉ, G. **La Méthode en Lexicologie**. Paris: Didier, 1953.

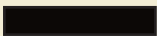
SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VILELA, M. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

Volóchinov, V. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WEINREICH, U; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].





CAPÍTULO 11

O USO DE ARTIGO DEFINIDO DIANTE DE ANTROPÔNIMOS EM MACEIÓ

Adeilson Pinheiro Sedrins³⁴

INTRODUÇÃO

Em sua memorável obra *A língua do Nordeste*, Mário Marroquim, em 1934, data da primeira edição do livro, apontava para uma diferença substancial entre as variedades do português falado em Alagoas e Pernambuco, em relação ao uso do artigo definido: “Em Alagoas, os nomes próprios e ainda *mamãe, papai, titia, vovô*, usados como tais, vêm acompanhados de determinativo articular: *o papai saiu hoje; a titia está doente; a Maria está na escola*” (Marroquim, 1996, p. 126). No entanto, em Pernambuco “nos mesmos casos, não se usa o artigo: *papai saiu hoje; titia está doente; Maria está na escola*” (id. *ibidem*). Apesar da diferença apontada (entre outras), o autor engloba Alagoas e Pernambuco em seu estudo considerando haver apenas um só aspecto dialetal e justifica que “a formação histórica e



34 Professor Associado da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL. Líder do Grupo de Estudos em Teoria da Gramática (GETEGRA-CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4778-5549>.

étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e idêntica é a sua orientação linguística”.

Estudos mais atuais sobre o português falado em Pernambuco apontam que o uso de artigos definidos diante de nomes próprios de pessoas (antropônimos) é reduzido se comparado aos resultados encontrados em outras comunidades brasileiras (Pereira, 2017; Sedrins, Pereira, Silva, 2017; Sedrins, Pereira, Silva, 2019). Callou e Silva (1997) realizaram uma pesquisa sobre o uso do artigo definido diante de nomes próprios e de pronomes possessivos pré-nominais, considerando dados de Recife, capital pernambucana. Ao comparar com dados de mais outras capitais brasileiras (Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), as autoras observaram que os dados de Recife foram aqueles que menos apresentaram o uso do artigo diante dos contextos analisados. As autoras ainda fazem uma observação interessante acerca dos resultados para a capital pernambucana: a de que comunidades mais antigas da colônia portuguesa tenderiam a preservar traços do português europeu trazido na época do domínio lusitano. O estudo dessas autoras data de quase trinta anos e foi realizado com dados provenientes do projeto de grande expressividade nacional, o Norma Urbana Culta – NURC, que buscou apresentar qual de fato é a variedade culta do português falado no Brasil – aquele falado por pessoas de maior nível de escolaridade (Ensino Superior) e proveniente/residente de grandes centros urbanos.

Considerando a variação existente no português brasileiro acerca da realização de artigos definidos diante de antropônimos, neste capítulo reunimos dados coletados



pela equipe do projeto “O sistema de determinante na história do português pernambucano e alagoano”, com o objetivo de mostrar que (a) os dados de Alagoas até então analisados mostram uma frequência maior de ocorrência de artigos definidos diante de antropônimos, quando comparamos com dados coletados em Pernambuco e (b) Apontar argumentos, com base na história de ocupação do território alagoano, que expliquem a origem da diferença apontada, por exemplo, em Marroquim (1934[1996]), bem como nos dados aqui apresentados, em relação às duas variedades comparadas.

Para isso, na seção que segue, situamos a distinção entre variedade europeia e variedade brasileira em relação ao fenômeno em variação que estamos investigando, mostrando como diacronicamente as duas variedades foram se diferenciando. Para isso, o estudo de Silva (1982) apresenta resultados importantes sobre o ritmo de aumento de uso de artigos definidos diante de antropônimos no Brasil e em Portugal. Na seção 3, situamos o fenômeno de variação em dados de Pernambuco, coletados em diferentes regiões desse estado, mostrando uma baixa ocorrência de frequência de artigos, se comparamos aos resultados encontrados em outras variedades do PB. A seção 4 apresenta dados analisados provenientes de Alagoas, especificamente, provenientes de duas diferentes fontes: (a) cartas pessoais escritas por Graciliano Ramos, na primeira metade do século XX; (b) dados de fala de falantes moradores de uma comunidade quilombola, a comunidade Muquém, localizada no município de União dos Palmares, selecionados a partir do registro apresentado em Moura (2009). A seção 5 discute o contraste



observando entre a frequência de uso de artigo definido antes de nomes próprios nos dois estados, focalizando a dimensão da história de ocupação do território alagoano. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

11.1. A diferença entre português brasileiro e português europeu

O fenômeno em investigação corresponde a um dos itens que diferenciam as gramáticas do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE). Enquanto no PE a realização do artigo definido, atualmente, aponta para uma regra categórica diante de antropônimos (e também de possessivos pré-nominais), conforme discute, por exemplo, Castro (2006), no PB, configura-se como um fenômeno de variação (Silva, 1998, entre outros). Os dados apresentados em (1) exemplificam o contraste:

- (1) a. O João saiu (ok PB/ ok PE)
 b. João saiu. (ok PB/ ok PE, mas não produtivo)

A variação observada constitui um fenômeno não estigmatizado socialmente e constatado em diferentes comunidades linguísticas no Brasil – ver, por exemplo, o estudo apresentado em Silva (1998), com dados do Rio de Janeiro e o estudo de Callou e Silva (1997), que explora dados de cinco capitais brasileiras (dados do NURC), mostrando que, apesar dos diferentes padrões de ocorrência de



artigos definidos diante de antropônimos, nas cinco capitais analisadas, trata-se de uma regra variável em todas elas.

Como a alternância entre a realização ou não do artigo definido diante de antropônimos parece, a princípio, não revelar alternância de leitura semântica, é comum na literatura a sugestão de que, em ambos os contextos, a contribuição semântica do artigo definido parece ser nula. Nesse sentido, Castro (2006), ao estudar o estatuto do artigo definido que ocorre com formas possessivas pré-nominais tanto no PE quanto no PB, argumenta a favor da ideia de que esse artigo, nas duas línguas, é de natureza expletiva, nos termos em que propõe Longobardi (1994), e que a propriedade de definitude associada ao determinante é apresentada já pelo possessivo, sendo nula a contribuição semântica do artigo expletivo.

A autora argumenta a favor da ideia de que o artigo definido realizado com um possessivo pré-nominal e com um patronímico, no PB, apresenta um mesmo estatuto, o de forma expletiva, que não traz contribuição semântica à construção sintática. O principal argumento apresentado pela autora é baseado no estudo diacrônico apresentado em Magalhães (2002), que apresenta uma análise sobre o aumento gradativo do uso do artigo definido, no PE, diante dos contextos de patronímicos e de possessivos pré-nominais.

A variação na realização do artigo definido diante de antropônimos ou patronímicos é condicionada principalmente por questões semântico-pragmáticas, como observado em Silva (1998), um dos estudos iniciais sobre o fenômeno no Brasil, sob a perspectiva da teoria variacionis-



ta laboviana. De acordo com a autora, os seguintes fatores são os mais relevantes para a realização do artigo:

1. *Status* informacional (elemento novo/não novo no discurso): elementos não novos no discurso tendem a ser retomados com artigo definido;
2. Personalidades/personagens de domínio público: personalidades e personagens de domínio público tendem a ser referenciadas com uso de artigo definido;
3. Grau de familiaridade do falante com o referente: maior familiaridade condiciona uso do artigo antes do nome próprio.
4. Compartilhamento de familiaridade que o falante julga ser compartilhado pelo ouvinte: condiciona a ocorrência de artigo definido.



Além desses fatores, os estudos sobre a variação na realização do artigo definido têm apontado como grande favorecedor de sua realização os contextos regidos por preposição. Nesse sentido, Silva (1982), por exemplo, observou que os possessivos precedidos de preposições foram utilizados quase que categoricamente com o artigo, resultando num percentual de 97% de ocorrência (350/361). Floripi (2008), analisando dados do português clássico, observou três fases distintas em relação ao fenômeno, com aumento gradativo de realização do artigo definido em sintagmas nominais com possessivos pré-nominais e regidos por preposição.

(2) Ocorrência de artigo definido diante de possessivo em contexto regido por preposição no português europeu (Floripi, 2008)

Século XVI	20% a 50%
Século XVII	40% a 70%
A partir de 1700	Uso gradativo até alcançar 90%

É importante pontuar que entre os contextos preposicionados, é mais favorecedor aqueles em que é possível haver a aglutinação do determinante com a preposição, como em *do/da (de+o/a)*, *no/na(em+o/a)*, *pro/pra(para+o/a)*, do que nos contextos em que a aglutinação não é possível (ex.: *com+o*).

Silva (1998) analisa dados de fala do Rio de Janeiro considerando os contextos de patronímicos e constata que a frequência de artigo diante de patronímicos é bem maior do que diante de possessivos. A frequência geral de ocorrência de artigo diante de possessivo foi de 53% (2281/4299) e a de artigo diante de nome próprio, de 73% (1610/2195). Entre os fatores condicionantes da variação observados pela autora, Silva destaca a forte correlação direta entre a realização de artigo e familiaridade com a entidade mencionada, (Castro, 2006; Floripi, 2008; Costa, 2016).

11.2. Dados coletados em Pernambuco

Um dos primeiros estudos que realizamos sobre o fenômeno no estado de Pernambuco, na região do Sertão do Pajeú, é apresentado em Sadrins e Pereira (2011), em que



selecionamos e analisamos dados de fala coletados através de gravação (e posterior transcrição) de entrevistas orais, informais, realizadas com moradores naturais de quatro municípios localizados na região do semiárido pernambucano, apresentam uma análise preliminar em que se constatou a quase inexistência do uso do artigo diante de antropônimos, enquanto que, nos contextos de possessivos, havia uma variação que, apesar de evitar o uso do determinante, utilizava em número mais expressivo do que em contextos de antropônimos. Os quadros a seguir apresentam os resultados encontrados:

Quadro 1 – Realização do artigo definido no contexto de possessivo pré-nominal nos dados coletados no sertão pernambucano.

CONTEXTO DE POSSESSIVO PRÉ-NOMINAL			
NÃO REGIDO POR PREPOSIÇÃO		REGIDO POR PREPOSIÇÃO	
COM ARTIGO	SEM ARTIGO	COM ARTIGO	SEM ARTIGO
85 (20%)	348 (80%)	96 (86%)	15 (14%)
Total de ocorrência: 433		Total de ocorrência: 111	

Fonte: Sedrins e Pereira (2011).

Quadro 2 – Realização do artigo definido no contexto de antropônimo nos dados coletados no sertão pernambucano.

CONTEXTO DE ANTROPÔNIMO			
NÃO REGIDO POR PREPOSIÇÃO		REGIDO POR PREPOSIÇÃO	
COM ARTIGO	SEM ARTIGO	COM ARTIGO	SEM ARTIGO
1 (3%)	36 (97%)	1 (17%)	5 (83%)
Total de ocorrência: 37		Total de ocorrência: 6	

Fonte: Sedrins e Pereira (2011).



Apesar de os dados referentes ao número de ocorrência de antropônimos serem bem reduzidos, é possível perceber uma tendência a não realização do artigo definido, mesmo em contextos nos quais o sintagma nominal é regido por preposição.

Os resultados apresentados revelam uma tendência contrária ao que foi observado no trabalho de Silva (1998), por exemplo. Conforme a autora verificou em sua análise com dados de fala recolhidos no Rio de Janeiro, na década de 1980, a ocorrência de artigo diante de antropônimo foi maior (73%) do que a ocorrência diante de possessivos pré-nominais (53%). É importante observar que os resultados de Silva apresentam, para os dois contextos (antropônimos e possessivos) a tendência de realização do artigo.

Se compararmos os números alcançados em Silva aos números apresentados em Sedrins e Pereira (2011), verificamos que a língua falada no sertão pernambucano difere pelo menos em dois aspectos: (i) a tendência em comunidades linguísticas localizadas no sertão de Pernambuco seria a não realização do artigo (desconsiderando o contexto regido por preposição, por ser altamente condicionador do uso do artigo), tanto nos contextos de patronímicos, quanto de possessivos pré-nominais; (ii) o contexto de patronímico, que favoreceu maior uso de artigo nos dados do Rio de Janeiro, foi o contexto que menos favoreceu esse uso nos dados de Pernambuco, mesmo naqueles regidos por preposição. Sedrins, Pereira e Siqueira (2015) analisam dados de fala e dados de escrita, provenientes também da região do Sertão pernambucano e observam as seguintes frequências



de uso de artigo diante de antropônimos: 3% de realização (7/259) contra 97% (252/259) de não realização do artigo, para os dados de fala; 9% de realização (26/279) contra 91% (253/269) de ausência do artigo.

Outros estudos se seguiram no estado pernambucano, sobre o fenômeno, ampliando o número de dados analisados e aplicando um tratamento teórico-metodológico mais apurado. São exemplos a dissertação de mestrado apresentada em Pereira (2017), com dados de fala coletados em Serra Talhada e Carnaíba (Sertão pernambucano) e Oliveira (2021), com dados de fala coletados na capital Recife. Em linhas gerais, o trabalho de Pereira (2017) observou, nos dados analisados, uma porcentagem de 9% de realização de artigo definido diante de antropônimos em Serra Talhada e 15% nos dados de Carnaíba. Por sua vez, os dados analisados por Oliveira (2021) apresentaram uma ocorrência de 63.6% (467/734) de não uso de artigo definido e uma frequência de 36,4% (267/734) de uso, resultado que sugere maior uso de artigo definido diante de antropônimos, na capital pernambucana, contrastando com a região do Sertão.

De posse dos números de ocorrência de artigos definidos diante de nomes próprios nos estudos mencionados, realizados com dados provenientes do território pernambucano atual, passemos a apresentar como a ocorrência o fenômeno se comporta em dados provenientes de Alagoas.



11.3. Dados coletados em Alagoas

Não se tem ainda, tanto quanto sabemos, um estudo sobre o fenômeno da realização do artigo definido diante de nomes próprios ou de possessivos pré-nominais com dados de fala produzidos em Alagoas, que seja expressivo em termos de adoção de teoria e metodologia linguística apurada. Assim, iremos nos referir a dois trabalhos que consideramos ainda iniciais por necessitarem de aprofundamento no tratamento teórico dos dados, bem como da própria ampliação no número de dados para análise.

O primeiro trabalho foi o que apresentamos em Sedrins (2011), em que selecionamos dados provenientes da fala de moradores de uma comunidade quilombola localizada no município de União dos Palmares, no estado de Alagoas, a comunidade Muquém. O objetivo desse trabalho foi o de contrastar dados de fala analisados na região do sertão pernambucano, apresentados em Sedrins e Pereira (2011), com dados de Alagoas, tendo em vista que essas duas comunidades apresentam um contraste bastante expressivo.

Apesar de ser uma comunidade de remanescentes de quilombolas e de ser afastada de grandes centros urbanos, como falantes nativos de Maceió-Alagoas, consideramos o padrão de realização do artigo definido dessa comunidade como representativo do dialeto falado em Alagoas, em geral, que difere do encontrado no semiárido pernambucano.

Os dados tomados para análise foram coletados a partir do registro de entrevistas apresentado em Moura



(2009). Foram selecionados oito registros (entrevista de oito informantes), dos quatorze que compõem o material da obra. O quadro 3 apresenta em números os poucos dados com antropônimos encontrados.

Quadro 3 – Realização do artigo definido no contexto de patronímico em dados de fala do povoado Muquém

CONTEXTO DE ANTROPÔNIMOS			
NÃO REGIDO POR PREPOSIÇÃO		REGIDO POR PREPOSIÇÃO	
COM ARTIGO	SEM ARTIGO	COM ARTIGO	SEM ARTIGO
5	4	6	4
Total de ocorrência: 9		Total de ocorrências: 10	

Fonte: Sedrins (2011).

Como a diferença entre a quantidade de realização de artigo e a de não realização não é tão distante, é precipitado afirmar ou generalizar algo acerca do padrão encontrado, principalmente pelo número reduzido de ocorrências encontradas. Podemos, no entanto, dizer que esses dados sugerem uma leve inclinação para maior uso de artigo diante de nome próprio do que no não uso (11 ocorrências com artigo contra 8 ocorrências sem). Conforme discutimos em Sedrins (2011), o que não seria esperado era encontrar as quatro ocorrências de antropônimos regidos por preposição sem a realização do artigo definido, uma vez que esse contexto é fortemente favorecedor da presença dessa categoria.

Nesse sentido, é imperativo pontuar que a comunidade de remanescentes quilombolas Muquém está afastada



de grandes centros urbanos, apesar da sua proximidade a União dos Palmares, cidade do interior de Alagoas. Esse afastamento dos grandes centros urbanos pode favorecer as variantes que não são as mais expressivas em grandes cidades. Um outro fator interessante é o fato de que os dados em que não ocorre a presença do artigo definido em contextos regidos por preposição correspondem a dados de informantes não-escolarizados (seis informantes). Na fala de dois informantes com escolaridade, selecionados para análise, os contextos preposicionados apresentam sempre a ocorrência do artigo. Dada a realidade da comunidade Muquém, os não escolarizados, talvez por menos contato com a zona urbana, tenderiam a preservar as variedades menos presentes nos centros urbanos (ou mais antigas da comunidade).

Das quatro ocorrências de antropônimos regidos por preposição, sem a realização de artigo definido, três são provenientes de um mesmo informante do sexo masculino, com idade de 63 anos, não escolarizado. A outra ocorrência é de uma informante do sexo feminino com 44 anos de idade, também não escolarizada. Essa é também a única ocorrência de uso de antropônimo na fala da informante. Os quatro contextos preposicionados eram encabeçados pela preposição *de*, que permite a aglutinação com artigo definido, favorecendo ainda mais a ocorrência deste.

O segundo estudo que aborda o fenômeno com dados de alagoano é apresentado em Lira (2023), que analisa 64 cartas escritas por Graciliano Ramos para Heloísa de Medeiros, então sua noiva, todas da primeira metade do sé-



culo XX. A autora encontrou nessas cartas 561 ocorrências de antropônimos, das quais 242 (43,1%) eram acompanhadas por artigo definido e 319 (56,9%) não. Lira (2023) desenvolve a análise considerando variáveis linguísticas apontadas como significativas em seu estudo como a relação da familiaridade com o referente do nome próprio, o gênero (masculino ou feminino) do nome próprio e o tipo de antropônimo utilizado (alônimo ou ortônimo). Dado o resultado apresentado e considerando tratar-se de carta de um escritor literário pertencente ao cânone, pode-se desconfiar que o estilo do autor tenha, mesmo em se tratando de cartas particulares (que, por causa do autor, trazem riqueza literária), não represente a variedade alagoana de que fala Marroquim na mesma época em que viveu Graciliano. Outro fato importante a ser mencionado é que G. Ramos nasceu em Quebrangulo, cidade do interior do estado, região da qual desconhecemos também qualquer descrição sobre o fenômeno linguístico em investigação.

Do que temos em relação à Alagoas, até o momento, portanto, são dados que nos deixam em situação inconclusiva acerca do que afirma Marroquim. Um breve olhar para a história da ocupação do território alagoano é apresentado na seção seguinte, com finalidade de argumentar a favor da diferença dialetal entre Pernambuco e Alagoas em relação ao fenômeno.



11.4. A história da ocupação do território alagoano e as diferentes variedades do português

Marroquim observa que “o português do século XVI é o ponto de partida de uma evolução divergente. Enquanto em Portugal se modificava num sentido, no Brasil, fatores mesológicos, étnicos e geográficos radicalmente diversos orientaram diferentemente a sua evolução” (Marroquim, 1996, p. 10). O autor ainda observa que “enquanto nas outras capitanias, pela minoria da população europeia, a língua geral era a usada no intercâmbio comum, tendo o colono de aprendê-la para suas necessidades de aventureiro, em Pernambuco, bem cedo, o indígena foi obrigado ao uso do português” (Marroquim, 1996, p. 102). Acrescenta ainda que o movimento reformador da língua portuguesa em Portugal, impulsionado pelo Renascimento, não alcançou as terras pernambucanas no período da povoação: “os portugueses que descobriram e povoaram o Brasil, não falavam, pois, a língua enriquecida pela Renascença, mas rude língua arcaica, eivada de indecisões”(Marroquim, p. 104). Por consequência,

quando as massas migratórias portuguesas, já com a evolução quinhentista assimilada, começaram a atingir a colônia, vieram encontrar uma grande população fixada no interior, nos engenhos, nas fazendas. Essa população tinha já imposto sua língua aos seus descendentes e a milhares de pretos e índios (Marroquim, 1996, p. 104-105).



Floripi (2008) realizou um estudo a partir de 23 textos de autores portugueses escritos no período entre os séculos XVI e XIX e constatou que no Português Clássico, o emprego do artigo diante de possessivos era variável, mas foi paulatinamente aumentando seu uso passando para uma obrigatoriedade. Para a autora, havia duas gramáticas distintas coexistindo, uma com a obrigatoriedade no uso do artigo e outra em que este não era realizado. A gramática sem realização do artigo corresponde a uma variedade mais antiga.

De igual modo, Costa (2016), em sua análise com dados do português europeu dos séculos XVI ao XIX, constatou que “o uso de artigo junto aos nomes próprios de pessoa passa por uma flutuação com incidência no século XVI e um aumento no século XIX” (Costa, 2016, p. 172).

Por sua vez, num estudo diacrônico e comparativo sobre a variação na realização do artigo definido diante de possessivo no PB e no PE, Silva (1982), a partir da análise de textos do século XV ao XX de Portugal e de textos do século XVI a XX do Brasil, observa aumento nítido e constante do percentual do uso do artigo em Portugal a partir do século XV, mas aumento pouco significativo no Brasil. A autora observa que a frequência do emprego de artigo no Brasil (uma porcentagem entre 30 a 40% de ocorrência de artigos) corresponde à frequência deste emprego em Portugal nos séculos XV e XVI.

Diante do exposto, é possível atribuir o baixo uso de artigos definidos na variedade do português falado ainda hoje em Pernambuco à preservação do português lusitano que colonizou a capitania pernambucana, uma vez que os



índices de ocorrência de artigos, no contexto em relevância, refletem semelhanças de ocorrência aos dados do PE do século XV e XVI.

Há, no entanto, de se investigar como se distanciou o uso do artigo diante de nomes próprios em território alagoano, que até 1817 integrava Pernambuco. Conforme observou Marroquim, “Alagoas sempre esteve presa e ligada a Pernambuco como um só corpo” (Marroquim, 1996, p. 15). É imperativo destacar que o território que corresponde hoje ao Estado de Alagoas, entre os séculos XVI e XVII, passou por conturbados movimentos de disputas e ocupação, conforme observa Carvalho (2016), tornando lenta a sua ocupação pelos portugueses.

Entre esses movimentos, destacam-se a luta contra a presença francesa no litoral, a guerra de extermínio aos indígenas, a resistência aos holandeses e a mobilização contra o Quilombo dos Palmares. Menezes (2011) aponta que Alagoas foi praticamente esquecida durante o século XVI, devido à forte resistência dos habitantes nativos à instalação do colonizador e, ainda, devido ao fato de Duarte Coelho, donatário da capitania de Pernambuco estar envolvido com a ocupação de regiões mais ao norte como Olinda e Igarassu. A ocupação do estado começa com maior dinamismo a partir do século XVII e apenas no século XIX atinge maior área de ocupação. Esse atraso na ocupação do território pode sugerir que o português do século XVI que se enraizou no interior pernambucano não tenha alcançado da mesma maneira o que corresponde hoje ao território alagoano.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o PB não acompanhou o ritmo da intensificação do uso de formas expletivas do artigo definido do PE, e que algumas variedades brasileiras apresentam mais as características do PE de séculos anteriores ao século XX, fatores históricos, entre outros parecem estar fortemente relacionados a diferenças dialetais encontradas entre os territórios que hoje se denominam Alagoas e Pernambuco. Apesar de constituírem uma única capitania no período colonial, o território correspondente hoje a Alagoas foi colonizado tardiamente, com ocupação inicial da região litorânea e, só aos poucos, houve de fato uma ocupação que alcançasse todo o território, observada a partir do século XIX.

Na variedade europeia do português, estudos como os de Floripi (2008) e Costa (2016) mostram o aumento gradativo da forma expletiva do artigo, sendo importante o século XIX como indicador de uma mudança, mas, por outro lado, o estudo de Silva (1982) mostra divergências em relação ao PB: um lento aumento na frequência de uso de formas expletivas do artigo. Se em dados de Pernambuco há uma permanência de um padrão mais antigo de realização de formas expletivas do artigo definido, mas não em Alagoas, a história da ocupação dos territórios parece exercer forte influência nessa diferença dialetal.



REFERÊNCIAS

CALLOU, D.; SILVA, G. M. O. e. *O uso do artigo definido em contextos específicos*. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997.

CARVALHO, C. P. de. **Formação histórica de Alagoas**. 4. ed. Maceió: Edufal, 2016.

CASTRO, A. **On possessive in Portuguese**. Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8. 2006.

FLORIP, S. A. **Estudo da variação do determinante em sintagmas nominais possessivos na história do Português**. Campinas, SP: [s. n], 2008. Tese (Doutorado) Universidade de Campinas, São Paulo, 26 de fevereiro de 2008.

LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names: A Theory of N-Movement in Syntax and Logical Form. **Linguistic Inquiry**, 25,4: 609-665. 1994.

LYRA, N. da S.; SEDRINS, A. P. **A marcação da familiaridade a partir do artigo definido antes de antropônimos em cartas de Graciliano Ramos**. Relatório de pesquisa, ms, UFAPE, 2023.

MACEDO-COSTA, T. **Determinantes definidos**: um estudo sobre a estrutura dos DPs na história do português. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

MAGALHÃES, T. M. O uso do artigo definido diante de pronome possessivo em textos portugueses do século XVI a XIX. In: SEDRINS, A. P. et. al. **Por amor à Linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012, p. 229-246.



MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros editora, 1996 [1934].

OLIVEIRA, M. A. S. de. **Uso variável do artigo definido diante de antropônimos**: um estudo sociolinguístico sobre o português falado em Recife. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

MENEZES, C. A. **A escrita no chão**: a formação do território de Alagoas por meio de fontes coloniais. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado). Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2011.

PEREIRA, D. K. F. **A realização do artigo definido no português falado na região do sertão do Pajeú-PE**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SEDRINS, A. P. O artigo definido no português brasileiro em contexto de antropônimos e possessivos pré-nominais. In: MOURA, Maria Denilda; SIBALDO, Marcelo Amorim (orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Maceió: EDUFAL, p. 133-149, 2011.

SEDRINS, A. P.; PEREIRA, F. K. D. **Variação no sistema de determinante na língua falada no sertão pernambucano**. 2011. ms.

SEDRINS, A. P.; PEREIRA, D. K. F.; SILVA, C. R. T. A função sintática e o licenciamento de artigos definidos diante de antropônimos e de possessivos pré-nominais. **Domínios de lingu@gem**, v. 13, p. 1266-1295, 2019.

SEDRINS, A. P.; PEREIRA, D. K. F.; SILVA, C. R. T.. O uso do artigo definido diante de antropônimos e pronomes possessivos



em duas cidades do sertão pernambucano. **Caletroscópio**, v. 5, p. 12-33, 2017.

SEDRINS, A. P.; PEREIRA, D. K. F.; SIQUEIRA, A. L. S. Variação na realização do artigo definido diante de antropônimos em dados de fala e escrita no sertão de Pernambuco. In: SEDRINS, A. P.; SÁ, E. J. de. (Orgs.). **Aspectos descritivos e sócio-históricos da língua falada em Pernambuco**. Recife: Editora da UFRPE, 2015, p. 205-216.

SILVA, G. M. **O estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1982. Tese de doutorado.

SILVA, G. M. O. e. Emprego do artigo diante de possessivo e de antropônimo. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (Org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998



CAPÍTULO 12

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO POR QUILOMBOLAS ALAGOANOS

Dariana Nunes dos Santos³⁵

INTRODUÇÃO

O fenômeno variável de concordância verbal (CV) vem sendo alvo de investigação por linguistas brasileiros como, Baxter, Lucchesi & Silva (2009), Brandão & Vieira (2012), Cardoso (2005), Gonçalves (2007), Monguilhott (2001; 2009), Naro & Scherre (2007), Rodrigues (2004), Rubio (2008; 2010), Santos (2013), Santos (2010), Silva (2005), Souza (2009), Vieira (2019), para citar alguns, desde a década de 1970. Nesse conjunto, este trabalho trata da descrição e análise do padrão de concordância verbal de número do português brasileiro (PB) falado pelas comunidades quilombolas que compõem os *corpora* desta pesquisa.

A teoria Sociolinguística Variacionista se apresenta como campo teórico-metodológico adequado para tratar

35 Dra. em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e Profa. De Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4746-3577>.



desse caso de variação. Tendo como principal mentor o linguista americano William Labov, ela vem ganhando espaço nos estudos linguísticos desde a década de 60, inicialmente em território estadunidense, sendo sua maior contribuição a postulação do caráter heterogêneo das línguas. Tal abordagem aprimora conceitos relevantes para o estudo da linguagem emaranhada ao contexto social, como a concepção de variação ordenada; o estudo da mudança linguística também por meio de fatores sociais; e o entendimento de que o estudo das variedades linguísticas de uma determinada língua representa diversos estágios da mudança linguística, sendo assim, a um só tempo sincrônico e diacrônico.

A concordância verbal é um dos fenômenos mais investigados em PB, inclusive para fomentar explicações teóricas sobre o seu processo de formação. Nesse campo, a investigação gira em torno de como se dá o processo de variação entre *‘variantes explícitas de plural’* no verbo e no sujeito da sentença – fato tradicionalmente reconhecido como concordância; e *‘variantes zeros de plural’* no verbo e *‘marcas explícitas de plural’* em todos ou em alguns componentes do sujeito da sentença – opção considerada como não-concordância pela tradição gramatical.

(1) Variantes explícitas:

“MeuS paiS falavaM muito” [GUFA2015B]³⁶

36 Essas sentenças fazem parte do nosso banco de dados. Entre colchetes estão as informações sobre a comunidade do falante (GU -Gurgumba e FI - Filús, na segunda sentença); seguida do sexo (F -feminino); da idade (A -adulta, na primeira sentença e I -idosa, na segunda); do ano de coleta de dados (2015 para ambas) e da nomenclatura (B ou A para indicar segunda ou primeira entrevista, respectivamente).



(2) Variantes zeros:

“EssaS duaS mulherO faziaO boneca”
[FIFI2015A]

Na sentença em (1), as marcas explícitas de plural ocorrem no sintagma nominal sujeito (determinante -meuS + nome -paiS) e no sintagma verbal da sentença (falavaM) – tal escolha correspondente ao que se conhece tradicionalmente como concordância padrão. Já na sentença em (2), as marcas explícitas de plural ocorrem no sintagma nominal sujeito (determinantes -essaS + -duaS + menos no nome -mulheR), mas não ocorrem no sintagma verbal (faziA) – escolha considerada como concordância não padrão³⁷.

Trata-se de um caso típico de ‘*variação binária*’, duas formas diferentes de se transmitir a mesma informação. Ou seja, tanto na variante explícita (1) quanto na variante zero (2) as informações linguísticas são basicamente as mesmas e qualquer falante nativo do PB compreende que se trata de mais de uma pessoa que falava muito ou que fazia boneca, respectivamente, independentemente do verbo concordar ou não com o seu sujeito³⁸.

Tais escolhas linguísticas são motivadas tanto por fatores internos ao sistema linguístico quanto por fatores

37 O fato de não ter marcas de concordância em todos os elementos concordantes do sintagma sentencial, não significa que não há concordância. Significa, apenas, que alguns dos elementos do sintagma não portam a marca morfológica de concordância. Observe que nenhum falante interpreta o exemplo em (2) como singular.

38 O numeral “duas” reforça essa ideia. E mesmo assim, o falante não coloca a marca de concordância no verbo.



externos a ele. Como fatores linguísticos, selecionamos para esta análise: **posição do sujeito** em relação ao verbo na sentença (‘sujeito antes do verbo’ e ‘sujeito depois do verbo’); **elementos intervenientes** entre sujeito e verbo na sentença (‘com elementos intervenientes entre sujeito e verbo’ e ‘sem elementos intervenientes entre sujeito e verbo’); **pessoa do sujeito** (‘1ª pessoa do plural’, ‘2ª pessoa do plural’ e ‘3ª pessoa do plural’); **natureza do sujeito** (‘sujeito simples’ e ‘sujeito composto’); concordância nominal no sujeito (‘com concordância nominal no sujeito’ e ‘sem concordância nominal no sujeito’) e **saliência fônica** do verbo (‘verbos mais salientes na oposição singular/ plural’ e ‘verbos menos salientes na oposição singular/ plural’).

Como fatores sociais, delimitamos: **sexo** (feminino e masculino), **idade** (de 15 a 30 anos, de 31 a 50 anos e de 51 anos em diante) e **comunidade quilombola** do falante (Filús, Gurgumba, Jussara, Mariana, Muquém e Sabalan-gá). Trabalhos com esta perspectiva devem verificar como se dá o processo de variação entre marcas e ausências de concordância verbal na fala da população estudada; além de apresentar quais contextos, linguísticos e sociais, são favoráveis para a aplicação da variante explícita (considerada padrão) em detrimento da variante zero (considerada não padrão).

Em vista da abundância de trabalhos sobre CV no PB, focamos na população quilombola da Região Serrana dos Quilombos – com os municípios de Santana do Mundau (comunidades Filús, Jussara e Mariana) e União dos Palmares (comunidade Muquém); e da Região do Planalto



da Borborema, com o município de Viçosa (comunidades Gurgumba e Sabalangá) – por serem ainda muito pouco estudadas do ponto de vista linguístico.

12.1 Aspectos teóricos

12.1.2. Sociolinguística Variacionista

Os principais conceitos da teoria Sociolinguística Variacionista, de William Labov (2008 [1972] e Weinreich, Labov e Herzog, 2006), se referem basicamente à abordagem da diversidade linguística como característica essencial e comum a todas as línguas; à postulação do caráter eminentemente heterogêneo do sistema linguístico como algo natural e sistematizável; e, por fim, à concepção de variação e de mudança linguísticas como representação de estágios da língua que são coexistentes (sincronia e diacronia).

A Sociolinguística Variacionista surgiu na década de 60 nos Estados Unidos, sua maior contribuição para a Linguística Moderna é o postulado do caráter heterogêneo das línguas e a abordagem do sistema linguístico entrelaçado ao contexto social. Seu principal mentor é o linguista americano William Labov, atualmente com pouco mais de 90 anos de idade, cuja tese de doutorado sobre um fenômeno de mudança fonética na fala de moradores da ilha de Martha's Vineyard foi responsável pelo desenho desse novo ramo da Linguística.

Além de desenvolver o escopo teórico-metodológico da Sociolinguística e popularizá-la entre linguistas de



todo o mundo, o trabalho de Labov tem dado importantes contribuições desde então para os estudos nessa área, além de servir como argumento teórico para a quebra do ‘*preconceito linguístico*’ – uma vez que trata a variação e a mudança linguísticas como algo sistemático e passível de ser estudado nos moldes da pesquisa empírica.

Sendo o caráter social dos fatos linguísticos e sua variabilidade o foco da Sociolinguística, o seu objeto de estudo não poderia deixar de ser a fala (parole) entendida como ‘vernáculo’, ou seja, a língua despreocupada do cotidiano, com que conversamos com os amigos e familiares em contextos de descontração, quando prestamos o mínimo de atenção possível ao como estamos falando, esse é o material básico para a análise sociolinguística.

Nesse quadro, tanto os fenômenos de mudança quanto os fenômenos de variação linguística costumam ser condicionados também por fatores externos ao sistema linguístico, isto é, por fatores de ordem social. Dessa forma, como a língua é um sistema de possibilidades, a variação linguística se configura como duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, e cada uma dessas formas é chamada de ‘*variante*’.

12.1.3. A concordância verbal no português brasileiro

A variação na CV em PB, em que o falante tem a opção de dizer: a) “Os menino vão para a escola” [GUFJ2015A]



(variante explícita) ou b) “Os menino vai para a escola”³⁹ (variante zero) num mesmo contexto sociocomunicativo, transmite a mesma informação linguística – uma vez que, qualquer falante nativo do PB compreende que se trata de mais de um menino que vai para a escola, independentemente de o verbo estar no plural (vÃO) para concordar com o sujeito (oS menino) ou no singular (vAI).

Numa perspectiva sociolinguística, linguistas como Naro e Scherre (2007, p. 49) dizem que dialetos não padrão do português do Brasil apresentam, de forma generalizada, fenômenos de concordância variável, cuja origem suscita controvérsia. São exemplos a concordância variável de número verbo/ sujeito, a concordância variável de número entre os elementos do sintagma nominal e a concordância variável de número no sintagma predicativo.

Castilho (2010) e Bagno (2011) afirmam que existe variação em todas as variedades do português do Brasil, entre variantes explícitas (concordância) e variantes zeros (não concordância). E alguns fatores internos ao sistema linguístico e externos a ele parecem ser condicionantes da variante padrão, como: altos níveis de saliência fônica na oposição singular/ plural; concordância nominal no sujeito leva a concordância verbal; sujeito imediatamente anteposto ao verbo; sujeitos preenchidos por pronomes; falantes do sexo feminino tendem a fazer mais concordância; assim como, falantes mais escolarizados entre as faixas jovem e idoso.

39 Exemplo nosso, criado para ilustração.



12.2. Aspectos metodológicos

12.2.1. Orientações gerais

Como a Sociolinguística Variacionista, de William Labov, é uma *‘linguística do mundo real’*, nos termos de Almeida e Campoy (2005), seu foco materialista e racionalista reclama a necessidade de trabalho de campo e empirista. Segundo esses autores (2005), esse é o princípio básico que define a relevância da coleta de dados para o estudo da variação linguística e delinea o método ou os métodos possíveis e mais acertados para que a coleta de dados seja satisfatória e a amostragem da “*comunidade de fala*”⁴⁰ estudada seja de fato representativa.

O maior objetivo de estudos dessa natureza é o de verificar se o fenômeno analisado é um caso de *‘variação estável’* ou de *‘mudança em curso’*. Assim, deve-se analisar se o quadro de variação tende a durar por um longo tempo – uma vez que não se verifica a tendência de supremacia de uma variante sobre a outra; ou se implica um processo de mudança em favor de uma das variantes identificadas, contexto no qual a variante vencedora tende a tornar seu uso categórico na comunidade de fala observada enquanto a variante derrotada tende a entrar em desuso.

40 Definida conforme Lucchesi (2006) nos termos de Labov (1974), não como semelhança entre o comportamento linguístico dos falantes que a compõem, mas sim como um sistema de avaliação semelhante dos usos linguísticos que eles fazem.



12.2.2 Constituição dos corpora

Almeida e Campoy (2005), discorrem sobre métodos que os linguistas podem utilizar para o processo de coleta de dados de acordo com o objeto de estudo e os objetivos da pesquisa. Dentre os apresentados por eles, delimitamos a coleta de dados por meio da ‘*amostragem aleatória*’, na qual a escolha dos ‘*colaboradores*’⁴¹ é baseada na casualidade e cada habitante da comunidade de fala pesquisada tem exatamente a mesma chance de ser selecionado para compor as categorias (fatores sociais) propostas para a pesquisa. Para esta análise, foram demarcadas três categorias sociais: sexo (masculino e feminino), *idade* (de 15 a 30 anos; de 31 a 50 anos e de 51 anos em diante) e *comunidade* (Muquém, Filús, Sabalangá, Gurgumba, Mariana e Jussara).

Tomamos como base para a constituição destes corpora, o *corpus* de Moura (2009) – composto por 12 ‘*entrevistas individuais programadas*’⁴², gravadas e ‘*transcritas ortograficamente*’⁴³, que ajudamos a compor. Assim, montamos um banco de dados com as comunidades Filús, Jussara, Mariana, Gurgumba e Sabalangá, totalizando 72 entrevistas.

41 Preferimos este termo a ‘informantes’ – comumente utilizado em pesquisas como esta. Tal preferência se dá pelo fato de considerarmos que a palavra mais assertiva para a relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado nesses contextos é cerceada pela colaboração.

42 Este tipo de entrevista, conforme Almeida e Campoy (2005), consiste em estabelecer contato prévio com o(a) colaborador(a) e realizar a coleta com um indivíduo por vez.

43 Transcrições do tipo ortográficas têm como principal objetivo a fidedignidade à fala do(a) colaborador(a).



Para a transcrição dos dados, adotamos as ‘*convenções de transcrição*’ usadas pelo PRELIN na coleta de Moura (2009), que seguem os critérios propostos pela equipe do *Groupe Aixois de Recherches en Sociolinguistique* (GARS), dirigido por Claire Blanche-Benveniste e adaptada para o português brasileiro⁴⁴.

O ‘*banco de dados*’ foi montado com a utilização do programa computacional *Excel*. Para o processo de ‘*codificação*’, utilizamos números, letras e palavras com o objetivo de identificar a ocorrência de cada fator, linguístico ou social, dentro dos grupos de fatores destacados para análise – isto, com o intuito de viabilizar o processo de quantificação dos dados.

Para o processo de ‘*quantificação*’, que consiste na análise estatística dos dados linguísticos através da leitura dos códigos criados e de checagens, como: a geração de ‘*tabelas de contingência*’ e ‘*testes qui-quadrado*’; a criação de modelos para gerar rotinas de ‘*regressão logística multinível*’; a geração de gráficos e cálculo dos ‘*pesos relativos*’ – utilizamos o pacote de programas matemáticos e computacionais *R* e *RStudio*.

44 Que orientam: 1. a transcrição da fala do colaborador o mais fiel possível, evitando-se sinais de pontuação, com exceção do ponto de interrogação (?); 2. a demarcação da fala do pesquisador (na qualidade de entrevistador) e da fala do colaborador, bem como da fala de eventuais terceiros; e 3. a utilização de alguns poucos símbolos, como (xxx) para se demonstrar a incompreensão da palavra ou trecho dito e (a:/ a:./ a::) para se descrever pausas e alongamentos de vogais do falante.

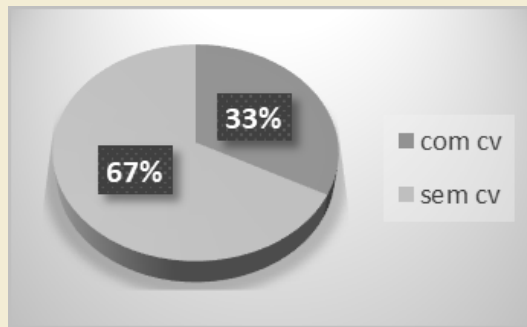


12.3. Resultados e discussões

12.3.1. Variável dependente

Para esta análise, delimitamos o modelo de ‘regressão logística multinível’ e o pacote de programas matemáticos e computacionais R e Rstúdio, com o intuito de explicar o comportamento da variável dependente com base no condicionamento da variante padrão. Assim, a testagem foi realizada a partir do valor de ‘aplicação da regra de concordância verbal’, na qual obtivemos o resultado seguinte:

Gráfico 1: Gráfico do percentual de concordância verbal das comunidades quilombolas alagoanas.



Fonte: autora, 2020.

Acima vemos que das 1.732 sentenças selecionadas para análise, em 567 ocorre a variante explícita (com cv), conforme: **“Elas nunca vão”** [GUFA2015B] e **“No verão eles fazem a estrada”** [GUFA2015B], operacionalizando um percentual de uso de 33%; e em 1.165 sentenças ocorre a



variante zero (sem cv), com valor percentual de 67%, como em: “**Nós** só tem bem dizer as morada aqui” [FIFA2015B] e “Aqui **nós** andava assim” [FIMI2015B].

Os resultados obtidos para ‘sem cv’ corroboram aos encontrados por Carmo (2015), com 58,4% de uso da variante não-padrão; Cangirana e Gonçalves (2017), com 85,9% de ocorrência da variante zero; e Almeida (2006), com 61% de variante não-padrão – todos sobre CV na fala de comunidades quilombolas do Brasil.

É provável que esses resultados sejam uma consequência da baixa escolaridade nas comunidades quilombolas do país, pois conforme Baxter, Lucchesi & Silva (2009) “nas comunidades rurais afro-brasileiras do interior do Estado da Bahia, o nível de aplicação da regra de concordância é da ordem de 16%” apontando para uma preferência dos afrodescendentes, geralmente pouco escolarizados, por variantes zeros”. Assim, na fala da população estudada a variante zero, por ser a mais recorrente e relevante do ponto de vista estatístico, não sofre estigma social – uma vez que lidera o processo de variação na comunidade.

12.3.2. *As variáveis estatisticamente significativas*

Trabalhos sociolinguísticos costumam apresentar os resultados de acordo com o seu grau de significância estatística, seguindo uma escala hierárquica. Assim, após a checagem dos dados e a testagem das variáveis controladas por meio do modelo de regressão multinível, com o auxílio



do pacote de programas matemático e computacional R e Rstúdio, obtivemos os resultados seguintes:

Tabela 1: Tabela de variáveis independentes significativas para o processo variável de concordância verbal.

Variável independente	Significância medida em p-valor
1. Saliência Fônica (SALIÊNCIA)	< 2e-16
2. Pessoa e natureza do sujeito amalgamadas (PN)	1.37e-09
3. Concordância nominal no sujeito (CNSUJEITO)	6.64e-07
4. Posição do sujeito e elementos intervenientes agrupadas (PE)	4.74e-07
5. Comunidade*sexo*idade	0.011482

Fonte: autora, 2020.

A saliência fônica foi selecionada como primeira quanto ao critério de significância estatística, na equação ‘menor que 2 elevado a 16’, ou seja, antes do número dois tem-se dezesseis zeros – o que, tomando como base a medida (0,5), apresenta o menor p-valor de todas as variáveis analisadas; por essa razão ela domina o ranking de relevância para o condicionamento da variante padrão – quanto menor o valor encontrado em relação ao valor de p, maior a significância estatística da variável. Na sequência tem-se a variável PN, concordância nominal no sujeito, PE e interação entre comunidade*sexo*idade⁴⁵.

45 Aqui cabe uma observação: a de que a variação na concordância verbal pode estar mais ligada ao nível de escolaridade da população, de modo geral, já que as comunidades quilombolas apresentam pouca escolaridade.



12.3.4. Saliência Fônica

Estudos de análise linguística e estatística, como os clássicos trabalhos de Lemle e Naro (1977), Naro (1981) e Naro e Scherre (2007) – que levam em consideração a variável ‘saliência fônica’ no contexto da análise de CV, têm verificado que ‘níveis mais acentuados’ de saliência na oposição singular/ plural dos verbos tendem a favorecer a aplicação da variante explícita, como em: “Tal dia nós **vai** buscar” [FIMA2015A] e “Aí eles num **vieram** mais não” [FIFA2015B]. Enquanto que o contexto contrário, ‘níveis menos acentuados’ na oposição singular/ plural tendem a selecionar a variante zero, veja: “Nós **assiste** pelos rádio” [FIFA2015A] e “Aí eles **ganham** mais lá” [MUMJ2015B1].

Em um estudo recente sobre concordância no PB falado em Alagoas, de Vieira (2019), o contexto ‘mais saliência’ se demonstrou significativo para o condicionamento da variante padrão, com PR. de .61. Assim, conforme esperado, encontramos resultados semelhantes na fala dos quilombolas alagoanos, com formas mais marcadas favorecendo a variante explícita.

Tabela 2: Tabela da variável saliência fônica.

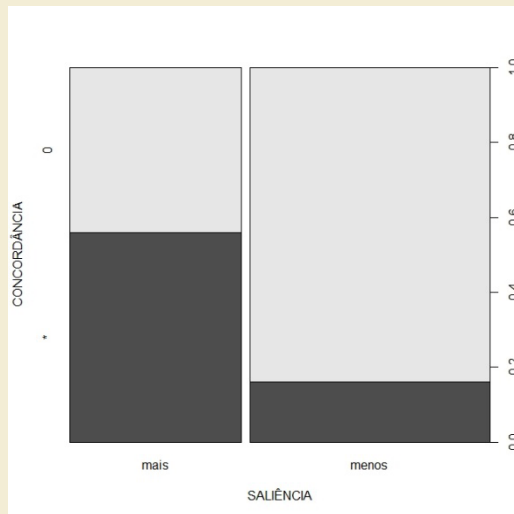
Saliência	Ocorrência de com cv	Percentual	Peso relativo	p-valor	Total
Mais	404	56%	.78	0	721
Menos	163	16.1%	.22	0	1.011
Total					1.732

Fonte: autora, 2020.



Na tabela acima, o fator linguístico ‘*verbos mais salientes*’, que corresponde aos níveis mais acentuados de saliência na relação singular/ plural, apesar de ter ocorrido em menor quantidade no banco analisado, 721 ocorrências ao total contra 1.011 do fator ‘*verbos menos salientes*’; foi o contexto que se demonstrou mais significativo para o condicionamento da variante explícita, com peso relativo (PR.) de .78 e p-valor de 0.

Gráfico 2: Gráfico da variável saliência fônica.



Fonte: autora, 2020.

Acima, visualizamos a dimensão da relevância estatística de contextos verbais mais salientes para o condicionamento da variante padrão, representada aqui pelo símbolo (*). Estes resultados vêm corroborar à perspectiva

teórica apontada em outros estudos sobre a sintaxe do PB, como os citados anteriormente.

12.3.5. *Pessoa e natureza do sujeito amalgamadas (PN)*

Trabalhos realizados sobre o português do Brasil, como os de Castilho (2010) e de Lucchesi (2006; 2009), por exemplo, têm mostrado que há uma preferência para o sujeito ser preenchido pronominalmente e que tal contexto tende a favorecer a variante explícita de concordância verbal. Não à toa a variável controlada ‘pessoa e natureza do sujeito amalgamadas’ foi a **segunda a ser selecionada como mais relevante**:

Tabela 3: Tabela da variável pessoa e natureza do sujeito amalgamadas.

PN	Ocorrência de com cv	Percentual	Peso relativo	p-valor	Total
Quantificadores	186	55.7%	.74	0.000	334
3ª pessoa plural	90	20.1%	.37	0.002	447
1ª pessoa plural	29	60.4%	.66	0.035	48
2ª pessoa plural	34	27.2%	.34	0.003	125
Substantivos	228	29.3%	.38	0.049	778
Total					1.732

Fonte: autora, 2020.

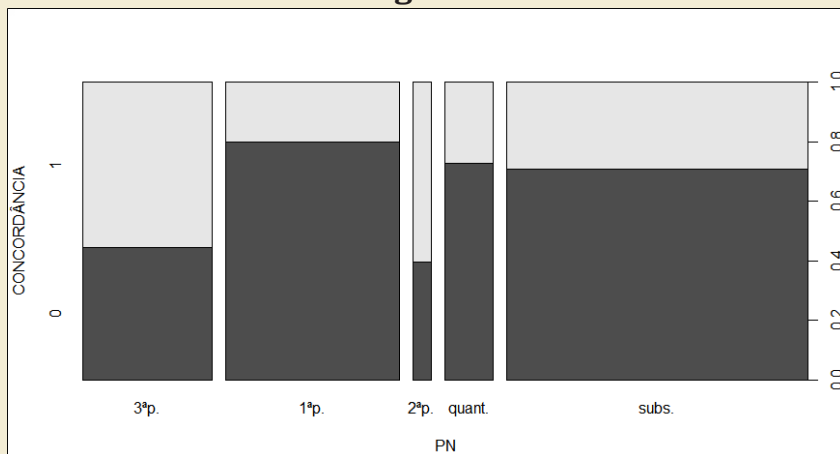


Acima, vemos que a variável amalgamada pessoa e natureza do sujeito (PN), com os contextos: quantificadores (“Todos três terminaram os estudo deles” [JUMI2015A]); 3ª pessoa do plural (“Eles vão ter sustento né” [JUFJ2015B]); 1ª pessoa do plural (“Nós nunca tivemos esse espaço” [GUFI2015A]); 2ª pessoa do plural (“Vocês viram uma veiota” [JUFI2015B]); e substantivos como núcleos de SN-sujeitos simples (“Meus pais falavam muito” [GUFA2015B]) – selecionou os fatores quantificadores na posição de sujeito (com PR. de .74) e 1ª pessoa do plural ‘nós’ (com PR. de .66) como mais condicionantes da variante explícita.

Importante ressaltar que em se tratando do valor de p e ignorando o peso relativo, pn passa a ocupar o primeiro lugar no ranking de significância estatística para o condicionamento da variante padrão (com p-valor de 0.035) – isto pode ser explicado pelo fato de o morfema -mos (viveMOS) favorecer a realização do ‘nós’ na posição de SN-sujeito; enquanto que verbos na terceira pessoa do singular favorecem a realização do ‘a gente’ na posição de SN-sujeito. Assim, com a exclusão de tais contextos (3PS e ‘a gente’) o ‘nós’ na posição de sujeito passaria a ser condicionante da variante padrão. Veja:



Gráfico 3: Gráfico da variável pessoa e natureza do sujeito amalgamadas.



Fonte: autora, 2020.

Na imagem, fica clara a relação de hierarquia estabelecida entre os fatores para o condicionamento da variante padrão, na sequência ‘1ªp.’ (1ª pessoa do plural), ‘quant.’ (quantificadores), ‘subs’ (substantivos), ‘2ªp.’ (2ª pessoa do plural) e, por fim, ‘3ªp.’ (3ª pessoa do plural). Estes resultados mostram que como a morfologia já não espelha o traço de número e pessoa, a presença do pronome passa a ser indispensável como identificador de número/ pessoa, conferir Duarte (1993; 1995) e Galves (1993; 1998).

12.3.6. Concordância nominal no sujeito

É consenso na literatura linguística a perspectiva teórica de que ‘*marcas levam a marcas*’ e ‘*zeros levam a zeros*’,

conforme Bagno (2011), Castilho (2010), Perini (2010), Naro e Scherre (2007), dentre outros. Desse modo, esperamos que variantes explícitas no SN-sujeito levem a variantes explícitas no sintagma verbal da sentença, consolidando o que convencionamos chamar de CV. Vejamos como a variável independente linguística concordância nominal no sujeito se comporta na análise multivariada realizada:

Tabela 4: Tabela da variável concordância nominal no sujeito.

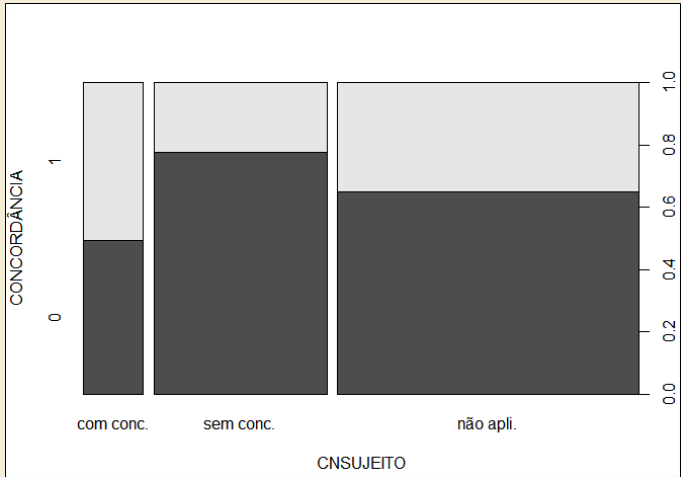
Cnsujeito	Ocorrência de com cv	Percentual	Peso relativo	p-valor	Total
Com concordância	98	50.8%	.69	0.000	193
Sem concordância	125	22.2%	.36	0.000	562
Não se aplica	344	35.2%	.44	0.215	977
Total					1732

Fonte: autora, 2020.

Vemos acima que o fator linguístico ‘com concordância’ (“Outras pessoas foram convidada” [JUFA2015A]) entre os elementos que compõem o sintagma nominal sujeito e o sintagma verbal é o contexto que mais favorece a aplicação da variante explícita de CV – com percentual de 59.8%, PR. de .69 e significância de 0.000, menor valor de p que leva à maior significância estatística. Já o fator ‘não se aplica’ (“Vocês foram domingo num foi?” [FIFA2015A]), com PR. de .44 e o fator ‘sem concordância’ (“Essas professora num vieram mais” [GUFA2015B]), com PR. de .36, não favorecem o condicionamento da variante padrão – reverberando o princípio teórico de que ‘marcas levam a marcas’.



Gráfico 4: Gráfico da variável concordância nominal no sujeito.



Fonte: autora, 2020.

Conforme visto, o contexto 1 (com concordância) lidera o condicionamento da variante explícita, seguido do contexto 3 (não se aplica) e, por fim, o contexto com menos significância estatística para o condicionamento da variante padrão, que é o fator 2 (sem concordância). Dessa forma, verificamos que marcas de concordância no SN-sujeito levam a marcas de concordância no verbo (CV).

12.3.7. Posição do sujeito e elementos intervenientes agrupadas (PE)

A literatura linguística sobre o processo variável de CV tem apontado que sujeitos antepostos e imediatamente próximos dos verbos representam o contexto mais favorável para o condicionamento da variante padrão, enquanto



que o contexto contrário, com sujeitos pospostos e distantes dos verbos dificultam a aplicação da regra variável. Resultados sobre CV no PB falado em Alagoas, como os de Santos (2010) e de Vieira (2019) mostram que o fator *‘sujeito antes do verbo na sentença’* favorece a aplicação da concorância, com peso relativo de .52 em ambos os trabalhos, enquanto que o contexto contrário – *‘sujeito posposto ao verbo’*, desfavorece.

Para Santos (2010), que investigou a variável controlada *‘elementos intervenientes na relação entre sujeito e verbo’*, o fator *‘ausência de elementos intervenientes entre sujeito e verbo’* apontou, ainda, um favorecimento para a aplicação da variante padrão com PR. de .60. Vejamos a tabela que segue:

Tabela 5: Tabela da variável posição do sujeito e elementos intervenientes agrupadas.

PE	Ocorrência de com cv	Percentual	Peso relativo	p-valor	Total
Antes e próximo	482	34.5%	.65	0.000	1399
Antes e distante	49	31.6%	.52	0.636	155
Depois próximo ou distante	36	20.2%	.33	0.000	178
Total					1732

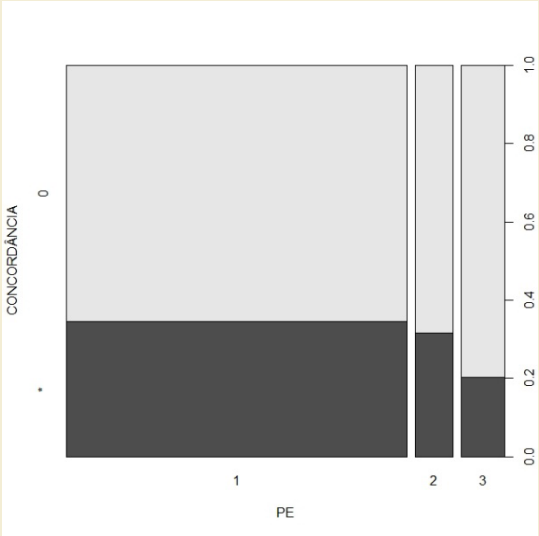
Fonte: autora, 2020.

Verificamos que o contexto 1, sujeito anteposto e próximo do verbo (“Porque as terra são poquinho minha



filha” [FIFA2015B]) é o mais significativo do ponto de vista estatístico para o condicionamento da variante explícita, com valor percentual de 34,5%, PR. de .65 e p-valor de 0.000; o segundo contexto mais favorável para a aplicação das marcas de CV é o identificado como 3, sujeito posposto próximo ou distante do verbo (“São pessoas conhecida né” [MAMJ2015A]), com p-valor também de 0.000; já o contexto 2, sujeito anteposto, mas distante do verbo (“Os mais velho já já fa faleceram né” [GUMA2015A]) é o fator menos significativo para a variante padrão, com valor de p de 0.636 – maior do que 0,5 e, portanto, menos significante estatisticamente.

Gráfico 5: Gráfico da variável posição do sujeito e elementos intervenientes agrupadas.



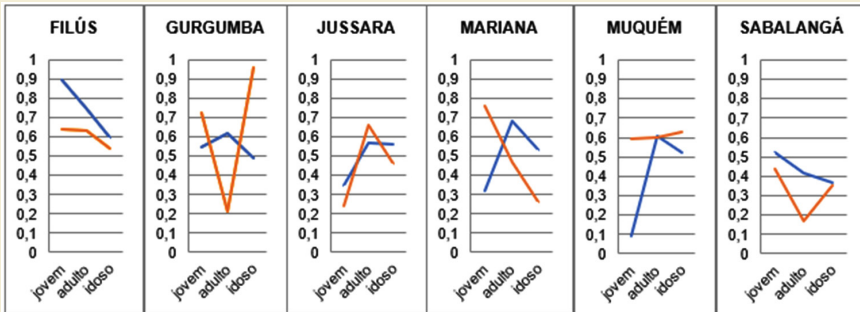
Fonte: autora, 2020.

Conforme vemos, sujeitos antes dos verbos e próximos a eles (1) condicionam a variante explícita; enquanto que sujeito antes do verbo, mas distante dele (2) e sujeito depois do verbo próximo ou distante deles (3) desfavorecem a aplicação da concordância padrão.

12.3.8. Interação entre comunidade*sexo*idade

O processo de interação entre variáveis sociais é bastante comum em análise de variação, uma vez que as informações particulares dos colaboradores da pesquisa tendem a se entrecruzar. A partir daí, notamos um caso de entrecruzamento entre as variáveis - sexo, idade e comunidade.

Gráfico 6: Gráfico de interação sexo*idade*comunidade.



Fonte: autora, 2020.

A linha de cor laranja representa sexo feminino e a linha de cor azul representa sexo masculino, assim, vemos que mulheres adultas de Gurgumba são as que mais fazem concordância, seguidas de homens adultos de Filús,

mulheres idosas de Mariana e mulheres jovens de Jussara – tratando-se de um caso de variação estável nas comunidades investigadas, no qual os falantes das faixas etárias intermediárias apresentam maior frequência de uso da variante de prestígio.

Para referendar os contextos sociais observáveis, é provável que o percentual de uso da variante explícita seja superior em Gurgumba por se tratar de uma comunidade praticamente urbana, com acesso aos meios de comunicação de massa, aos bens de consumo essenciais e contato frequente com falantes da zona urbana. Em relação aos homens adultos de Filús fazerem mais concordância do que as mulheres adultas, por exemplo, podemos dizer que por conta da comercialização dos produtos agropecuários, eles apresentam maior contato com falantes da zona urbana de Santana do Mundáu.

Em terceiro lugar, as mulheres idosas de Mariana, que não por acaso é a terceira comunidade com falantes mais escolarizados, fazem mais concordância em relação aos homens idosos da comunidade, por exemplo. E, em quarto lugar, as mulheres jovens de Jussara, comunidade rural com acesso aos meios de comunicação de massa, escola, transporte escolar e bastante contato com falantes da zona urbana de Santana do Mundáu.

Apesar de os gráficos apresentarem poucas possibilidades de generalizações, podemos dizer que o sexo ‘feminino’, a ‘segunda faixa etária’ e comunidades com acesso aos meios de comunicação de massa, mais urbanizadas, condicionam o uso da variante padrão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho a que nos prestamos nesta análise sociolinguística mostrou que os contextos mais favoráveis para o condicionamento da variante padrão, no nível linguístico, foram: saliência fônica; pessoa e natureza do sujeito; concordância nominal no sujeito e posição do sujeito e elementos intervenientes; e no nível social, foi a interação entre comunidade*sexo*idade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática Pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. & SILVA, J. A. A. A Concordância Verbal. In: BAXTER, A.; LUCCHESI, D. & RIBEIRO, I. (Orgs.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009 (p. 331-370).

BRANDÃO, S. F. & VIEIRA, S. R. **A concordância nominal e verbal no português do Brasil e no português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística**. In: **PAPIA** 22 (1), p. 7-39, 2012.

CAMPOY, J. M. H. & ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.

CANGIRANA, J. L. & GONÇALVES, E. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular da comunidade rural de Rio das Rãs – BA**. In: IX Seminário de Pesquisa e Estudos Linguísticos, p. 57-510, 21 e 22 de setembro, 2017.

CARDOSO, C. R. **Variação da concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico**. 2005.



Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. Tese de Doutorado em Linguística - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M. A. (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GALVES, C. C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. In: **Cad.Est.Ling.**, Campinas, (34): 19-32, jan/jun, 1998.

GONÇALVES, V. de F. **A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce-MG**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LUCCHESI, D. & RIBEIRO, I. (Orgs.) **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009 (p. 41-71).

LUCCHESI, D. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. In: **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.



MONGUILHOTT, I. O. S. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. 2009. Tese (doutorado em linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MONGUILHOTT, I. O. S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RODRIGUES, A. C. S. Concordância verbal, sociolinguística e história do português brasileiro. In: **Fórum linguístico**. Vol. 4. Nº 1. Florianópolis, 2004.

RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008. Dissertação (mestrado em linguística) – Instituto de biociências, letras e ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

RUBIO, C. F. Regularidades no fenômeno da concordância verbal em variedades do português brasileiro: estudo sociolinguístico comparativo. In: **Estudos linguísticos**, São Paulo, 2010.

SANTOS, D.N. **A Concordância Verbal na fala de afrodescendentes da comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2013.



SANTOS, R. L. de A. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.** 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

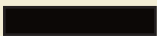
SILVA, J. A. A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia.** 2005. Tese (doutorado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SOUZA, C. M. B. **A concordância verbal na fala de Salvador: duas realidades sociolinguísticas.** 2009. Tese (doutorado em linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

VIEIRA, P. V. S. **A Concordância Verbal na fala do coruripense: uma análise sociolinguística variacionista.** 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].





CAPÍTULO 13

“TÔ OUVINU NÃO”: A ASSIMILAÇÃO DO /d/ GERÚNDIO NO SERTÃO ALAGOANO⁴⁶

Stephanie Maiane dos Santos Leite⁴⁷

Almir Almeida de Oliveira⁴⁸

INTRODUÇÃO

Neste estudo, apresentaremos uma análise variacionista da assimilação da oclusiva alveolar /d/ dos verbos no gerúndio do português falado no Sertão Alagoano, mais precisamente nas cidades de Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia.

O fenômeno de assimilação do “ndo”, morfema indicador de gerúndio, trata-se de um complexo processo de afeta o fonético, o fonológico e o morfológico, pois, para que ocorra o apagamento é necessário que antes tenha a associação entre diferentes níveis da língua.



46 Esse artigo já foi publicado na revista **Travessias Interativas** com o título de “voltanu pra casa”: a assimilação do /d/ gerúndio no sertão alagoano. v. 12, n. 26, p. 44–59, 2023. DOI: 10.51951/ti.v12i26.p44-59. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/17452>.

47 Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas. E-mail: srta.maiane@icloud.com. ORCID: 0000-0002-0817-9717.

48 Professor da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: almir.oliveira@uneal.edu.br. ORCID: 0000-0002-3682-5480.

De acordo com Almeida e Oliveira (2017), para ocorrer o processo de assimilação dos verbos no gerúndio, primeiro tem que haver uma junção de um processo fonológico com uma interação morfológica, pois, ocorre de uma forma sistemática no morfema indicador de gerúndio “ndo”.

O método variacionista busca analisar numa comunidade de fala, a interferência tanto dos fatores sociais, como a interferência da idade, sexo, escolaridade, classe social, etc. na variação da língua, quanto linguísticos, a partir do condicionamento que a estrutura interna de língua pode ter em determinados fenômenos.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), a Sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis numa comunidade de fala e os formaliza analiticamente mediante um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis.

Para tanto, o modelo de análise variacionista se utiliza da estratificação de dados de fala espontânea a fim de contrapor os dados linguísticos a fatores externos e aferir quais são os condicionantes (linguísticos ou sociais) que determinam as escolhas linguísticas no interior da comunidade de fala.

Nesta pesquisa, foram realizadas uma série de testes estatísticos em software especializado, são eles, TRMV (*teste da razão máxima da verossimilhança*), TW (*teste de wald*) e CCI (*coeficiente de correlação intraclasse*) a partir do banco



de dados do projeto Portal⁴⁹, com 48 áudios de fala espontânea, distribuídos segundo as variáveis sociais sexo, idade, cidade e escolaridade e as variáveis linguísticas contexto seguinte, contexto anterior, conjugação verbal, extensão do vocábulo e tipologia verbal.

Neste caso, investigaremos o comportamento dos falantes do Sertão Alagoano. Será que por serem cidades da mesma região, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia têm o mesmo comportamento linguístico em relação ao uso do gerúndio? Buscamos analisar também quais os fatores que levam a essa redução, sejam eles sociais ou linguísticos. E observar se esse fenômeno está caminhando para a estabilidade ou para a mudança linguística.

A pesquisa não analisou outras classes gramaticais com a mesma terminação “ndo” pois, estatisticamente, não foram relevantes, por isso optamos por analisar apenas os verbos, tendo em vista que nesse caso apresentavam comportamentos distintos que poderiam ser analisados.

O presente artigo é composto por mais cinco seções, sendo a primeira delas, uma breve síntese da teoria sociolinguística variacionista, a segunda uma apresentação sobre o fenômeno abordado, a terceira apresenta a metodologia que foi utilizada nesta pesquisa, a quarta demonstra os resultados e análises e a quinta, e última, as considerações finais a respeito dessa pesquisa.

49 Dados do projeto Portal (Português Alagoano) disponíveis no site: <http://www.portuguesalagoano.com.br>. Projeto aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Alagoas, parecer nº621.763.



13.1. Sociolinguística Variacionista

A sociolinguística parte do princípio de que toda a língua, falada por qualquer comunidade, sempre vai apresentar variações, ou seja, qualquer língua é constituída por um conjunto de variedades e, de acordo com a Labov (2008), essa heterogeneidade pode e deve ser sistematizada.

A sociolinguística tem por objeto de estudo os padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza analiticamente através de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo visa a responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade heterogênea e plural deve ser também heterogêneo e plural para desempenhar plenamente as suas funções; rompendo-se assim a tradicional identificação entre funcionalidade e homogeneidade; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala se atualizam na variação observada em cada momento nos padrões de comportamento linguístico observados nessa comunidade, sendo que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança em curso (cf. Labov, 2008, Weinreich; Labov; Herzog, 2006).

Todo ramo da linguística que se preocupa com amostras representativas de uma população; que considera oradores individuais ou sujeitos experimentais como



membros típicos de um grupo; que estuda a língua como atribuível a um corpo socialmente coerente (quer professe ou não interesse pela natureza social desse corpo); ou que toma como primitivas noções como “falante nativo”, “competência/desempenho”, “aceitabilidade”, etc., que se referem manifestamente ao comportamento coletivo, utiliza parcialmente um conceito equivalente ao Comunidade de fala. Os sistemas linguísticos são exercidos pelos falantes, no espaço social: lá eles são adquiridos, mudam, são manipulados para fins expressivos ou comunicativos, sofrem desgaste, etc. para seus alto-falantes não é trivial. (Patrick, 2004, p.436)⁵⁰.

Os processos de variações linguísticas que ocorrem numa comunidade de fala são essenciais para a sociolinguística. Uma comunidade de fala seria um grupo de falantes que apresentam um conjunto específico de características subjacentes ao comportamento linguístico.

50 No original: Every branch of linguistics that is concerned with representative samples of a population; that takes individual speakers or experimental subjects as typical members of a group; that studies langue as attributable to a socially coherent body (whether or not it professes interest in the social nature of that body); or that takes as primitive such notions as “native speaker,” “competence/performance,” “acceptability,” etc., which manifestly refers to collective behavior, remains partially on a concept equivalent to the SpCom. Linguistic systems are exercised by speakers, in social space: there they are acquired, change, are manipulated for expressive or communicative purposes, undergo attrition, etc. Whether linguists prefer to focus on speakers, varieties or grammars, the problem of relating a linguistic system to its speakers is not trivial.



A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso. (Labov, 2008, p. 120).

Além do conceito de comunidade de fala, é necessário entender o conceito de variáveis, que seria como uma espécie de fator que vai ser analisado e pode ou não condicionar a realização do fenômeno estudado. Nos estudos relacionados à variação linguística, existem variáveis linguísticas e variáveis sociais. Neste momento, apresentaremos as variáveis sociais que foram utilizadas nesta pesquisa.

De acordo com Eckert (1997), a estratificação etária pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo, bem como a mudança na fala de um indivíduo em relação ao tempo de sua vida. As mudanças no comportamento linguístico não são necessariamente mudanças históricas, mas sim mudanças decorrentes da história do informante, pois a cada etapa das nossas vidas, apresentamos comportamentos distintos. Em alguns períodos da vida, somos mais suscetíveis a utilizar as variáveis com maior valoração social, visto que queremos ser aceitos pela sociedade. Em outros momentos, essa sensação de ser aceito já não é tão importante assim.



Na variável sexo, tradicionalmente, as mulheres foram tidas como favorecedoras das variáveis linguísticas de maior prestígio social, inclusive sendo tidas como ‘pró- normas’. O fato da mulher, historicamente, ser oprimida em relação ao homem, a fez produzir um comportamento linguístico que fosse tido como o mais correto possível, o que fez com que o gênero feminino, dentro da sociolinguística variacionista, fosse associado à expansão de variantes normativas.

No entanto, Freitag (2015, p. 67) aponta que “[...] encontramos, ao examinar estudos sociolinguísticos brasileiros, resultados contraditórios e muitas especulações *ad hoc* sobre a relação da mulher com a variedade de prestígio e o seu papel na mudança linguística”, o que indica a não suficiência automática do sexo como termômetro de valor e prestígio social, sobretudo na sociedade atual, em que a distinção de sexo cada vez tem menos importância na distribuição dos papéis sociais.

Ainda nas variáveis sociais, temos a escolaridade como o fator que vai indicar a quantidade de ensino que o informante teve ao longo de sua vida e sua correlação com a variação linguística. Pimpão (1999) vem descrever essa variável dizendo que:

A escola concentra o domínio do padrão culto tentando preservar as imposições da tradição normativa para o uso linguístico não estigmatizado e de prestígio. O efeito da escolaridade a variáveis linguísticas prevê o uso mais próximo à norma gramatical para os níveis escolares mais elevados. A maior permanência na escola



pressupõe o contato mais direto e intenso do ensino prescritivista sobre o idioleto do aluno. (Pimpão, 1999, p. 90).

Na variável social escolaridade é esperado que, quanto maior o grau de escolaridade, mais o informante vai ter o comportamento linguístico formal, tendo em vista que a escola ensina a língua de uma forma padrão, seguindo as normas gramaticais.

Quando você está estudando variação, seja de uma perspectiva quantitativa ou qualitativa, é importante definir com a maior precisão possível qual é o objeto de sua investigação. O recurso geral ou abstrato que você está investigando é o que é chamado de variável. As instanciações reais da variável na fala são conhecidas como variantes. (Mayerhoff, 2006, p. 33⁵¹).

As variantes de uma determinada palavra seriam todas as possibilidades de produzi-la, como por exemplo, *apagando* [apa'gãdu] e *apagano* [apa'gãnu], *tendo* ['tẽ du] e *teno* ['tẽ nu].

A seguir apresentaremos o fenômeno que foi analisado nesta pesquisa, trazendo outras pesquisas que analisaram o mesmo em lugares distintos, para no final

51 No original: When you are studying variation, whether it is from a quantitative or qualitative perspective, it is important to define as precisely as possible what the object of your investigation is. The general or abstract feature that you are investigating is what is called the variable. The actual instantiations of the variable in speech are known as the variants.



podermos analisar se ocorreu algo semelhante a essas pesquisas que citamos.

13.2. Assimilação no gerúndio

Segundo Cunha e Cintra (2008), o gerúndio seria a espécie de verbo com características nominais, caracterizado pelos seus valores temporais e modais, dependendo sempre do contexto em que está inserido, apresentando algumas vezes funções de advérbio ou de adjetivo. Eles dizem ainda que o gerúndio apresenta duas formas, uma composta (tendo lido) que indica uma ação que já terminou e uma simples (lendo) que indica uma ação que está acontecendo.

No caso do ‘ndo’, indicador do morfema de gerúndio, tende a ter uma alternância no ato da fala, de uma oclusiva alveolar /d/ por uma oclusiva nasal /n/, mudando assim de palavras do tipo “cantando” [kã’tãdu] para “cantano” [kã’tãnu], esse apagamento só ocorre no campo morfológico, no fonético continua igual, pois, ocorre apenas uma troca. Melo (1946) e Hora e Aquino (2012) dizem que para que ocorra o apagamento da oclusiva dental /d/ acontece primeiro uma assimilação pela nasal /n/, que Melo (1946) veio a observar no falar do Italiano central e meridional. Mollica e Mattos (1992) acrescentaram que esse apagamento pode ser considerado uma variante comum atualmente em todas as línguas que provêm do latim, inclusive no Espanhol e em dialetos crioulos.

Lucena e Vasconcelos (2007) investigaram a assimilação da oclusiva /d/ nos gerúndios na fala culta de Brejo da



Paraíba-PB e concluíram que o fenômeno é característico de verbos no gerúndio, sendo tipicamente desinencial e que não se aplica em grande escala a palavras primitivas. Esse tipo de assimilação só ocorre nos verbos gerundiais. Concluíram ainda que as mulheres são mais propícias a produzir a norma gramaticalmente tida como correta.

Vieira (2011) analisou a fala de 16 informantes do distrito de Taboco-MS. Os resultados mostraram que quanto maior a extensão do vocábulo maior a possibilidade da assimilação. A pesquisa também mostrou que os homens são mais propícios a falar a nova forma sem a oclusiva, além de mostrar uma frequência de mais de 76% dos gerúndios sem o /d/.

Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), pesquisando a redução do gerúndio em Fortaleza – Ceará, tiveram uma frequência de 75% na produção da variável sem a oclusiva. Os fatores sociais que favoreceram a produção foram, escolaridade baixa, idade mais baixa e sexo feminino, e nos fatores linguísticos o contexto seguinte anterior que favoreceu foi /a/ e /e/.

Santos, Oliveira e Gayer (2020), que pesquisaram esse mesmo fenômeno em Feira de Santana-Bahia, os resultados mostraram que a regra de assimilação é fortemente motivada por informantes estudaram até o Nível Fundamental I, do sexo masculino e da faixa etária mais jovem. Os resultados obtidos os permitem dizer que essa variável está caminhando para uma mudança de curso, tendo em vista que os mais jovens são os que mais estão produzindo a nova forma.



Ainda em Aracaju –SE, Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) notaram que do ponto de vista de produção, a variável se comporta como um marcador, levando para um âmbito social e estilístico, a conservação do /d/ no segmento formador de gerúndio, que é favorecido pelas mulheres e por indivíduos com ensino superior. Além de observarem que, em assuntos de maior formalidade e em trechos opinativos, a oclusiva também é mantida.

Cardoso, Pinheiro e Silva (2019), a partir dos efeitos prosódicos da leitura e na fala de estudantes do ensino médio e do ensino superior na cidade de Aracaju –SE, concluíram que a ocorrência do segmento /ndo/ é maior em contextos de leitura que em fala, como uma espécie de monitoramento. Além de que, as análises prosódicas deste estudo indicam que há perda das propriedades prosódicas da sílaba, o que pode fazer com que o falante deixe de perceber a ausência da oclusiva no segmento /ndo/, produzindo inconscientemente a variável com a assimilação.

De acordo com Pelayes (2016), que realizou a pesquisa na área urbana e na rural de Santana do Ipanema, a maior ocorrência da pronúncia da oclusiva /d/ ocorre em falantes com o ensino superior. O que nesse caso não podemos interpretar como um estigma, visto que um ensino mais elevado acarreta um “status social” também mais elevado.

Almeida e Oliveira (2017), que realizaram a pesquisa na capital de Alagoas, concluíram que a assimilação do /d/ no morfema formador de gerúndio trata-se de uma variação presente em regiões distintas em todo o território nacional.



O processo de redução em gerúndios trata-se de um processo fonológico que apresenta interação com a morfologia, visto que ocorre de forma sistemática no morfema -ndo formador de gerúndio no português. Apesar de alguns estudos observarem o processo em outros itens (como “quando”), não se pode explicar o processo estritamente por critérios fonológicos. (Almeida; Oliveira, 2017, p.201).

Almeida e Oliveira (2017) explicam ainda que esse fenômeno não pode ser encaixado apenas em fonológico, pois, nesse caso, eles observaram que para que o apagamento ocorra, deve haver primeiro uma espécie de associação dos elementos morfológicos, para que só então ocorra o apagamento fonológico. Deve haver inicialmente uma interação dos dois processos, para que só então seja reduzida a forma gerundial.

A seguir apresentaremos a metodologia utilizada para que pudéssemos analisar o fenômeno variável que resulta em duas formas distintas, a primeira em que o morfema de gerúndio pode ser pronunciado da forma que chamamos padrão /ndo/, como em [fa'lãd], e a segunda que chamamos inovadora, /no/, como em [fa'lãn], está caracterizado de acordo com condicionadores linguísticos e sociais na fala do sertão alagoano.



13.3. Metodologia

A investigação sobre a assimilação do /d/ nas cidades de Santana do Ipanema-AL e Delmiro Gouveia-AL se dá sob o viés da sociolinguística variacionista, tendo como precursor Labov (2008) e dar-se-á da seguinte maneira:

Os dados utilizados nesta pesquisa foram coletados por meio de entrevistas em gravador digital de áudio, no formato wav, com duração média de 10 minutos, foram feitas algumas perguntas para que os entrevistados dissessem sobre, falassem sobre a própria história de modo que se sentissem confortáveis e não tendessem a se podar na hora da fala, após a coleta, eles foram transcritos através do programa Praat, eles constituem o banco de dados do projeto PORTAL (Português Alagoano).

Utilizamos 48 áudios, sendo 24 áudios de cada cidade, nativos da região que sejam filhos de pais também nativos da região e que jamais tenham se afastado por mais de 2 anos e estratificados de acordo com algumas variáveis sociais explicadas posteriormente. A variável escolaridade será analisada em dois diferentes níveis: Ensino Fundamental e Ensino Superior. Na variável idade, será utilizada a idade real dos informantes, sendo a menor faixa etária de dezoito anos. E por fim, na variável sexo, serão analisados homem e mulher, será utilizado ainda o informante, para saber se ele influencia ou não para a realização do apagamento da oclusiva.

A pesquisa conta ainda com a análise das variáveis linguísticas, contexto seguinte, o que vem após o “ndo”,



que foram estratificadas em: líquidas Líquidas, nasais, vogais, oclusivas e fricativas. Contexto anterior, o que vem depois do “ndo”, que foram utilizadas as letras reais, sem estratificação. Extensão do vocábulo, dissílabo, trissílabo e polissílabo. Tipo do verbo, verbos de ação ou verbos copulativos, tendo em vista que achamos que o comportamento do verbo pode acarretar uma influência na produção do fenômeno, pois, enquanto um está exercendo apenas a função de ligar uma oração a outra, o outro está fazendo a ação que ocorre na oração. Conjugação verbal, se o verbo pertence à primeira conjugação “ar”, segunda conjugação “er” ou terceira conjugação “ir”.

Tabela 1: Conjugações verbais.

Conjugações verbais	Primeira	Segunda	Terceira
Terminações	Ar	Er	Ir
Exemplos	Namorar	Ler	Cair

Fonte: Elaborada pelos autores.

O tratamento quantitativo, por sua vez, foi feito através do *software* R, em sua plataforma de desenvolvimento integrado RStudio, que permite a realização de alguns testes estatísticos, como o TRMV(*teste da razão da máxima verossimilhança*), que identifica a significância estatística entre variáveis independentes e permite hierarquizá-las quanto ao condicionamento da variável dependente; o TW(*teste de wald*), que permite identificar efeitos estatisticamente diferentes da média dos efeitos dos fatores em uma variável



independente (peso relativo = 0,50) e determina a confiabilidade dos dados que estão sendo utilizados, de modo que quanto mais próximo de 0 mais confiável; e o teste de CCI (*coeficiente de correlação intraclasse*) que estima a variabilidade de efeitos aleatórios no modelo final de análise e apresenta o percentual de efeitos externos ao modelo (sejam eles linguísticos ou sociais) que ainda condicionam o processo de variação.

A partir do teste TRMV, será feita a seleção das variáveis significativas do processo de variação da assimilação do /d/ em verbos no gerúndio, de modo que apenas comporão o modelo final de análise, as variáveis que obtiverem valor ≤ 0.05 , o que indica uma margem confiança no condicionamento da variável dependente de 95%.

Aliado a isso e a partir de um modelo metodológico hipotético-indutivo, serão mobilizados pressupostos teórico-procedimentais da Teoria da Variação Linguística a fim de tentar provar as hipóteses levantadas, uma vez que esta teoria toma como objeto de estudo a língua em seu contexto social. Para que tenhamos as respostas das seguintes perguntas levantadas no início da pesquisa: A idade do falante interfere na assimilação da oclusiva alveolar /d/? Os homens têm um comportamento linguístico distinto das mulheres? A escolaridade favorece ou inibe o processo da assimilação? As vogais com o maior alteamento favorecem a assimilação? Quanto maior a palavra, mais provável que ocorra a produção da palavra com a ausência do fonema /d/?



13.4. Resultados

O *corpus* utilizado para a análise desta pesquisa conta com 24 áudios de falantes da cidade de Santana do Ipanema e 24 áudios de falantes da cidade de Delmiro Gouveia, totalizando em 48 áudios.

As variáveis sociais analisadas foram: escolaridade, idade, sexo e cidade, dentre elas as duas últimas foram descartadas por não apresentarem relevância para essa pesquisa. Já as variáveis escola e idade apresentaram interação, o que fez com que os resultados fossem tratados delas juntas e não separados, permitindo que fossem observados em que pontos estas favoreceram o fenômeno. As variáveis linguísticas utilizadas foram: extensão do vocábulo e contexto seguinte. As variáveis contexto anterior, tipo do verbo e classificação verbal foram descartadas por não apresentarem relevância para essa pesquisa, tendo sido descartadas pelo programa R, com interface do Rstudio, pois, apresentaram o peso relativo inferior a 0,4, o que nos permite concluir que a variação nesses fatores ocorre ao acaso.

Iniciaremos os resultados com uma tabela, apresentando as variáveis independentes que apresentaram relevância para essa pesquisa do fenômeno estudado no decorrer deste artigo.



Tabela 2: Variáveis independentes estatisticamente significativas.

	Frequência	%assimilação	Peso Relativo	Sig,Wald	Sig,TRMV
Idade*escolaridade	*	*	*	*	0,03761
Contexto seguinte					0,012
nasal	49/73	67,1	0,61	0,167	
líquida	6/8	75,0	0,64	0,444	
fricativa	20/35	57,1	0,52	0,811	
vogal	94/185	50,8	0,38	0,070	
oclusiva	95/185	51,5	0,34	0,016	
Extensão da palavra					0,04928
polissílabo	74/130	56,9	0,62	0,000	
trissílabo	152/279	54,5	0,54	0,385	
dissílabo	27/55	49,1	0,35	0,025	
Total	253/464	54,5			

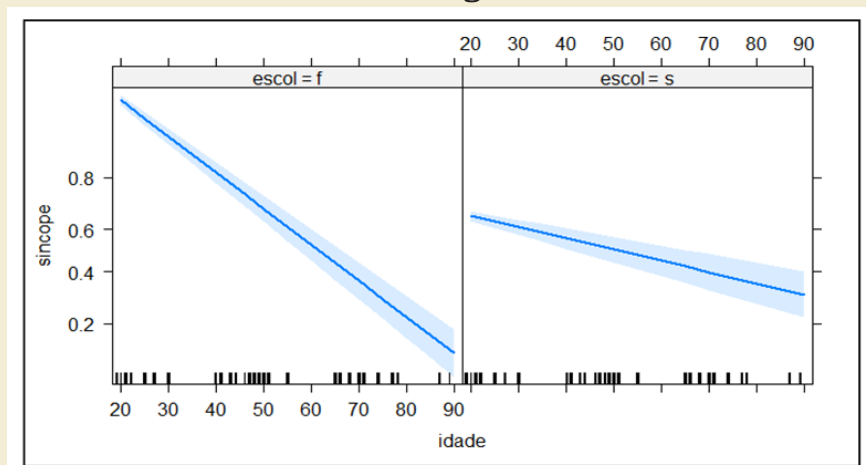
Fonte: Elaborada pelos autores.



De acordo com os dados da tabela 2, os resultados apresentaram um total de 464 produções dos verbos no gerúndio, dos quais 253 apresentaram a variável sem a oclusiva sonora, o que representa uma porcentagem de 54,5%.

O primeiro gráfico mostra a interação entre a idade e a escolaridade, esse cruzamento foi feito para que pudesse ser observado se havia uma interação desses fatores sociais, visto que os outros fatores sociais, foram descartados por não apresentarem relevância para esse estudo.

Gráfico 1: Efeito da interação entre a variável idade e a variável escolaridade no processo de assimilação do ‘d’ gerúndio no Sertão alagoano.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme os resultados do gráfico 1 e da tabela 2, podemos observar que os informantes que apresentam ensino fundamental tendem a produzir a assimilação da oclusiva conforme ocorre a diminuição da idade, já os informantes que apresentam ensino superior, mesmo que ainda apresentem um desfavorecimento como nos informantes de ensino fundamental, vão ter quase uma linearidade. Entretanto, nos dois casos os mais jovens fazem o maior uso da variante sem o /d/.

Os jovens ainda são os que mais reproduzem esse fenômeno. O fato de as pessoas mais escolarizadas produzirem a assimilação do /d/ gerúndio em nível mais elevado pode indicar que para eles esse fenômeno não possui valor

social negativo. Pois, de acordo com Bagno (2007, p. 40) “Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

A simplificação, por assimilação, do morfema identificador do gerúndio é também geral no português coloquial, documentando-se com frequência, mesmo em falantes de escolaridade alta, como variação diafásica, em elocuições espontâneas, emitidas com maior velocidade. (MOTA, 2002, p.73).

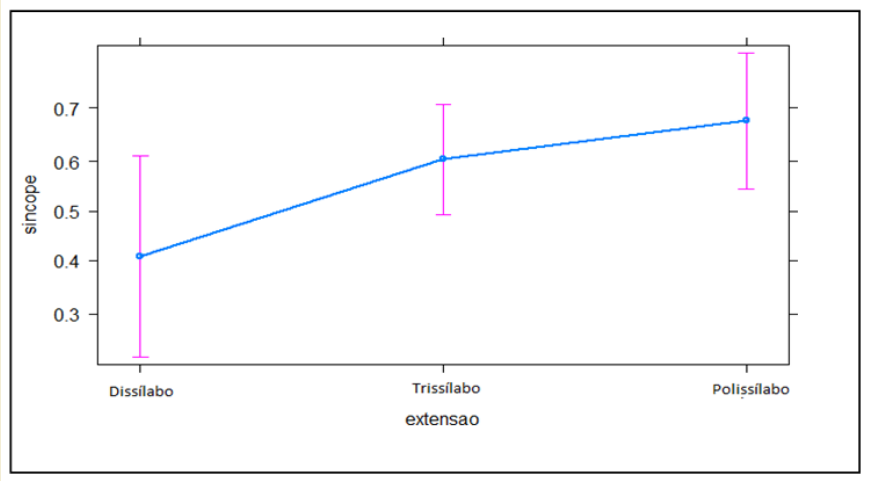
O dado relevante é que os mais velhos, menos escolarizados, produzem menos o apagamento que os mais velhos com maiores níveis de instrução, nível superior. A inferência que podemos fazer de acordo com a interação entre esses dois fatores é que a escola básica há 5 ou 6 décadas tinha maior peso sobre a normatização do gerúndio que em passado recente e, por isso, afeta distintamente o falante, a depender de sua idade.

Ainda nas variáveis sociais podemos observar que o informante vai influenciar para a produção ou não da oclusiva /d/ durante a realização dos gerúndios, apresentando uma porcentagem de aproximadamente 26%, ou seja, os comportamentos individuais vão determinar a produção ou não do vocábulo.



Nas variáveis linguísticas, apresentamos inicialmente a extensão do vocábulo, que as palavras foram estratificadas em três classes conforme a quantidade de sílabas que as formam: dissílabo (tendo), trissílabo (comendo) e polissílabo (estudando).

Gráfico 2: Efeito da variável extensão do vocábulo no processo de assimilação do ‘d’ gerúndio no Sertão alagoano.



Fonte: Elaborado pelos autores.

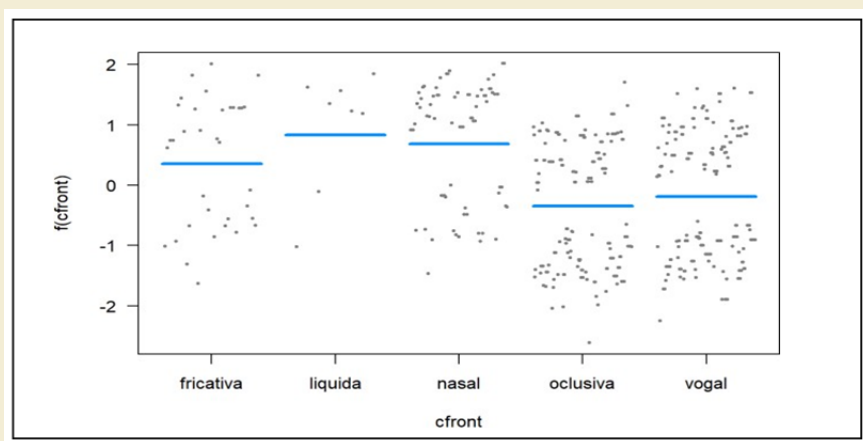
Como pode ser observado no gráfico 2 e na tabela 2, quanto maior a dimensão da palavra maior é o apagamento, como já havia sido observado em outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno em outras regiões do país, como na pesquisa de Almeida e Oliveira (2017) em Maceió; Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) em Aracaju ou de Mollica e Mattos (1992) no Rio de Janeiro. Nas duas pesquisas, o motivo para ocorrer o apagamento do vocábulo com a maior extensão



foi devido aos fatores que atuam no nível da palavra, que vão bloquear algumas realizações de segmentos. Quanto maior a palavra, mais fácil é de que ocorra a assimilação.

Nas variáveis linguísticas, apresentamos o contexto seguinte, que no caso é o fonema apresentado depois do morfema indicador de gerúndio “ndo”, que nessa pesquisa foi sempre encontrado em fronteira, visto que o fenômeno analisado aparece no final da palavra e não utilizamos o contexto de pausa.

Gráfico 3: Efeito da variável contexto seguinte no processo de assimilação do ‘d’ gerúndio no Sertão alagoano.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Os fatores que favoreceram a assimilação foram às fricativas “assistindo filme” (SI40F15)⁵², líquidas “indo lá”

⁵² Código utilizado para identificar o informante: as duas primeiras letras são a abreviação da cidade, os dois números seguintes se referem a idade

(DE65M03) e as nasais “comendo não” (SI22M06), que apresentam um bloqueio parcial com uma passagem de ar ao mesmo tempo, no caso das laterais a passagem de ar ocorre nas laterais, já nas nasais ocorre a passagem de ar pelo nariz. As fricativas foram as que chegaram mais perto da neutralidade, pois, estas se aproximam das oclusivas tendo como diferença a duração do fechamento na saída de ar, que na oclusiva é mais evidente, já na fricativa temos uma fricção durante a passagem de ar.

Já os fatores linguísticos que desfavorecem a assimilação foram as oclusivas e as vogais, que apresentam ou um bloqueio total da soltura do ar, no caso das oclusivas, ou não apresentam bloqueio nenhum na soltura do ar, no caso das vogais. Percebemos que a parcialidade quanto ao bloqueio e a passagem de ar, quando a obstrução da saída de ar não é total, vai favorecer a assimilação do /d/ nos gerúndios, no caso das nasais que são as que apresentam o melhor contexto para que esse fenômeno ocorra, também podemos destacar a semelhança de sons próximos, no caso uma nasal seguinte facilitaria a produção do som de uma nasal anterior. Podemos enfatizar aqui que a fluidez da corrente de ar também é um traço que ajuda na produção do fenômeno, tendo em vista que nos casos que favoreceram tinha a presença de ar continua na palavra seguinte, quase como uma hierarquia plena de abertura do trato vocálico.

Apresentaremos abaixo uma tabela que mostra o resultado do coeficiente de correlação intraclasse (CCI), que

do informante, depois as letras M ou F informam seu sexo e os números finais, o tempo de escolarização.



é o mecanismo que vai nos permitir observar a eficácia das variáveis escolhidas para serem analisadas nesse estudo. O que nos permite refletir a respeito das próximas variáveis que podemos inserir nessa pesquisa para ter um resultado mais preciso sobre o fenômeno estudado.

Tabela 3: Efeito aleatório no processo de assimilação do ‘d’ gerúndio no Sertão alagoano.

	Total	Variância	CCI	Sig.TRMV
Social	48	1,143	25,8%	2,7e-16
Linguístico	464	0,0	0,0%	2,7e-16

Fonte: Elaborada pelos autores

O que significa dizer que a interação entre idade e escolaridade é suficiente para explicar 74,2% do processo de variação da assimilação do /d/ gerúndio no sertão alagoano, mas é possível que outros fatores não investigados no modelo final de análise, como sexo, classe social, profissão, etc. podem, de algum modo, também interferir no processo de variação.

Já nas variáveis linguísticas, 100% da assimilação pode ser explicada pelas variáveis mantidas no modelo final de análise, o que significa que essas variáveis são muito boas para explicar o fenômeno escolhido para o estudo.

Apresentaremos a seguir uma tabela com as variáveis descartadas nessa pesquisa, levando em consideração que os fatores sexo (masculino/feminino) e cidade (Santana do Ipanema/Delmiro Gouveia) apresentaram comportamentos



semelhantes, sendo assim por não apresentarem comportamentos distintos foram descartadas.

Tabela 4 – Variáveis independentes estatisticamente não significativas.

	Frequência	%assimilação	Peso Relativo	Sig,Wald	Sig,TRMV
Sexo					0,5388
masculino	136/233	58,4	*	*	
feminino	117/231	50,6	*	*	
Cidade					0,2695
Santana do Ipanema	142/258	55,0	*	*	
Delmiro Gouveia	111/206	53,9	*	*	
Conjugação verbal					0,8473
primeira	153/259	59,1	*	*	
segunda	80/162	49,4	*	*	
terceira	20/43	46,5	*	*	
Contexto anterior					0.525
a	152/259	58,6	*	*	
e	81/163	49,7	*	*	
i	20/42	47,6	*	*	
Tipologia verbal					0.07394
ação	226/425	53,2	*	*	
cópula	27/39	69,2	*	*	
Total	253/464	54,5			

Fonte: Elaborada pelos autores.

Nas variáveis sociais, os fatores que não apresentam relevância para a produção desse fenômeno temos o fator cidade foi um dos dois que não teve relevância, visto que o comportamento das cidades é muito parecido, o que facilitou a teoria que pensamos inicialmente que diz que regiões com as mesmas características climáticas tendem a ter o mesmo comportamento linguístico.



A variável sexo também não apresentou relevância estatística, uma vez que esse fenômeno é produzido igualmente por homens e mulheres e não há condicionamentos dessa natureza.

Nessa pesquisa a exclusão desses fatores pode ser explicado, pelo fato de que em uma das cidades as mulheres produziam mais e na outra os homens produziam mais, como a cidade foi descartada, a variável sexo acabou sendo também, pois, se fosse apenas uma região única, teria um peso relativo quase neutro.

Nas variáveis linguísticas, os fatores que não tiveram relevância para essa pesquisa foram, contexto anterior, conjugação verbal e tipo do verbo. Isso ocorreu porque diferente do que imaginávamos, os verbos com classificações diferentes apresentaram um comportamento semelhante quanto a essa variação. No caso da tipologia verbal, apesar de apresentarem uma distribuição percentual diferente, os resultados de TRMV apontaram o índice de confiança não suficiente para incluir no modelo final de análise, o que também acontece com a variável contexto anterior, ou seja, a vogal que antecede o morfema indicador de gerúndio /ndo/ não interfere significativamente no processo de assimilação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa pesquisa realizada no Sertão Alagoano, referentes às variáveis sociais, permitem-nos perceber que a assimilação do morfema está possivelmente caminhando para uma nova forma padrão, visto que os mais



jovens são os que mais produzem, ou como Mota (2002) observou, pode estar caminhando para uma espécie de alternância consciente do falante, entre a forma padrão e a forma reduzida, pois em qualquer um dos casos podemos observar que essa variação não é mais vista como um estigma social, pois pessoas com um nível mais elevado de instrução escolar também utilizam por vezes a forma reduzida.

A ação de evitar a produção desse fenômeno está acabando, o que nos mostra que ele está perdendo a valoração negativa. Só é tido como erro na escrita, na fala tornou-se uma coisa cotidiana, tendo em vista os resultados dessa pesquisa, com uma produção considerada alta e sendo feita por grupos sociais mais sensíveis a valoração social, como pessoas com a escolaridade mais elevada, que tendem a fazer escolhas do que é mais visto como correto na conversação.

Já nas variáveis linguísticas, concluímos, assim como Mollica e Mattos (1992) e Almeida e Oliveira (2017), que o tamanho da palavra influencia para que ocorra a assimilação do morfema, pois quanto maior a extensão é mais provável que ocorra a assimilação. Outro resultado que percebemos é que o bloqueio parcial no contexto seguinte também favorece a forma reduzida da palavra e os verbos copulativos também favorecem o apagamento do /d/ nos verbos gerundiais, pois nesses casos dos verbos copulativos o contexto quase sempre é uma vogal alta, o que favorece a assimilação.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para os estudos futuros tanto no âmbito morfológico quanto no fonético, tendo em vista que os resultados apontam que



há uma convergência e relação entre os diferentes níveis da língua, por isso que rótulos como morfossintático e morfofonológico se adequam melhor para explicar esse fenômeno, pois, para ter o apagamento do morfema /d/ é necessário ter a assimilação morfológica primeiro para que então ocorra o apagamento na fala.

Além disso, em pesquisas futuras, ampliaremos o campo geográfico, analisando dessa vez não apenas o sertão alagoano, mas sim Alagoas em geral, usando todo o banco de dados do projeto portal, para analisar se os mesmos resultados ocorrem também no litoral, no agreste e no estado todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. N. S.; OLIVEIRA, A. J. **Você fala cantano? Uma análise do apagamento do /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL**. Revista Letrônica, v.10, p. 200-209, 2017.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, e como se faz**. Ed. 48. São Paulo: Loyola, 2007.

CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. M.; SILVA, L. S.. **Variação do segmento /d/ no contexto /ndo/: efeitos prosódicos e de leitura**. Estudos linguísticos e literários, Maceió, n.63, p.174-191, jul./dez. 2019.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

ECKERT, P. **Ages as a sociolinguistic variable**. In F. Coulmas (ed.) The handbook of sociolinguistics. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.



FREITAG, R. M. K.; **(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística**, p. 17-74. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). **Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko; CARDOSO, Paloma Batista; PINHEIRO, Bruno Felipe Marques. **Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos**. Gragoatá, Niterói, v.23, n. 46, p. 654-678, mai.-ago. 2018.

HORA, D.; AQUINO, M. F. **Da fala para a leitura: análise variacionista**. Alfa, v. 56, n. 3, p. 1099-1115, 2012.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCENA, R. M.; VASCONCELOS, D. C. **Apagamento da oclusiva dental no dialeto do brejo paraibano: uma regra variável**. A Cor das Letras, Feira de Santana, v. 8, n. 1, p. 231- 239, mar./2007.

MELO, G. C. A influência tupi. In: **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 33-58, 1946.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. London: Routledge, 2006.

MOLLICA, M. C.; MATTOS, P. B. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 1, n 1, p. 53-64, jul-dez. 1992.

MOTA, J. A variação diafásica no português do Brasil. **Revista de Letras**, v. 1, n. 24, 11.jan/dez.2002.

NASCIMENTO, K. R. S.; ARAÚJO, A. A.; CARVALHO, W. J. A. **A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista**. Veredas, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 398-413, 2013.



PATRICK, P. L. **The Speech Community**. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING-ESTES, N. **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2004. Blackwell Reference Online. 31 December, 2007. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?i-d=g9781405116923_9781405116923> Acessado em 12 de janeiro de 2022.

PELAYES, G. T. **Apagamento do fonema /d/ em verbos gerundiais no Português Brasileiro**: variantes rural e urbana em Santana do Ipanema. *Diversitas Journal*, Alagoas, v.1, n.2, p. 220- 227, mai/ago.2016.

PIMPÃO, T. S. **Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo- pragmática**. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

SANTOS, M. dos; OLIVEIRA, J. M. de; GAYER, J. L. **A realização variável do gerúndio na fala de Feira de Santana-BA: resultados preliminares**. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, nº67, p. 297-319, jul-dez.2020.

VANIN, A. A. **Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’**. *Maringá*, v.31, n.2, p. 147-153, 2009.

VIEIRA, M. S. **Apagamento do /d/: abordagem sociolinguística sobre a perspectiva do gênero sexual**. *Web-Revista Socioleto*, Campo Grande, v. 4, p. 1-27, jul. 2011.

WEINREICH, W; LABOV, W; HERZOG, M. (1968). **“Empirical Foundations for Theory of Language Change”**. In: LEHMANN, P; MALKIEL, Y. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press: 95-188. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: M. Bagno; revisão técnica: C. A. Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.



Inspirada nos trabalhos pioneiros de Denilda Moura, esta coletânea não somente a homenageia, como dá continuidade à tradição de pesquisas que ela ajudou a consolidar. Aqui, observamos diversos aspectos sociolinguísticos que se apresentam como um verdadeiro mosaico de investigações que ajudam a desvendar a complexidade e a riqueza da língua falada em Alagoas, unindo rigor metodológico e sensibilidade cultural. Os capítulos exploram fenômenos fonético-fonológicos, sintáticos, morfossintáticos e lexicais, revelando como fatores sociais e linguísticos influenciam o falar alagoano.

Desejamos uma ótima leitura a todos!

Alan Jardel de Oliveira

